



PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAMPUS DE CURITIBA I – EMBAP

UNESPAR

(Escola de Música e Belas Artes do Paraná).

CURITIBA – 2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1. 8CURSO	9
1.2. TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS	9
2. DIMENSÃO HISTÓRICA	10
3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	25
3.1. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO	25
3.2. JUSTIFICATIVA	29
4. CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS	29
4.1. CONCEPÇÃO	30
4.2. FINALIDADES	31
4.3. OBJETIVO GERAL	33
4.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	34
5. METODOLOGIA E AVALIAÇÃO	34
5.1. METODOLOGIA	35
5.2. AVALIAÇÃO	40
6. PERFIL DO PROFISSIONAL – FORMAÇÃO GERAL	45
7. ESTRUTURA CURRICULAR	47
7.1. CURRÍCULO PLENO	49
7.2. DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE FORMAÇÃO EM ATIVIDADES E COMPONENTES CURRICULARES AO LONGO DO CURSO – MATRIZ CURRICULAR	55
7.2.1. Primeira série	55
7.2.2. Segunda série	57
7.2.3. Terceira série	59
7.2.4. Quarta série	61
7.2.5. Resumo da oferta	63

8. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	65
8.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	65
8.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS	132
8.3. PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO COMPONENTE CURRICULAR (PPed)	142
8.4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO	144
8.5. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	145
8.6. ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES	146
8.7. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO	147
8.8. INTERNACIONALIZAÇÃO	150
8.9. PLANO DE IMPLEMENTAÇÃO DA NOVA MATRIZ CURRICULAR	151
8.10. QUADRO DE EQUIVALÊNCIA EM RELAÇÃO A MATRIZ CURRICULAR EM VIGOR	151
8.11. RECURSOS NECESSÁRIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PPC	153
8.11.1. RECURSOS FÍSICOS, BIBLIOGRÁFICOS E DE LABORATÓRIOS	153
8.11.2. RECURSOS MATERIAIS PARA ADMINISTRAÇÃO DO CURSO	153
9. QUADRO DE SERVIDORES	153
9.1. COORDENAÇÃO DE CURSO	154
9.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	154
9.3. CORPO DOCENTE	156
10. REFERÊNCIAS	161
11. ANEXOS	163

1. INTRODUÇÃO

O Campus de Curitiba I – EMBAP, que atualmente compõe a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), possui 75 anos de trabalho acadêmico voltado para vários segmentos da formação em Arte. A Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) foi a primeira instituição de ensino superior do Estado formadora no campo da Arte. Durante todos esses anos, além de formar artistas visuais e músicos de renome, também capacitou profissionais que atuam no amplo espectro do campo artístico como, por exemplo, restauradores, curadores, críticos de arte, entre outros desdobramentos do setor que desenvolvem atividades no âmbito da cultura. Dessa forma, também participa da formação direta e indireta de espaços culturais e da formulação de políticas culturais no Estado do Paraná.

Acresce a isso, no âmbito dos egressos formados pela referida instituição, os profissionais autônomos, que também prestam consultorias no campo artístico, realizam perícia, emitem laudos e pareceres para os diversos órgãos culturais do estado e do país. Desse modo, o relacionamento da EMBAP com a Secretaria da Cultura do Estado e as Secretarias ou órgãos municipais da Cultura – pelas atividades culturais desenvolvidas em parceria – demonstram a inserção dos cursos nas suas diversas redes de atendimento à sociedade.

Além disso, compete ao Campus de Curitiba I – EMBAP, da UNESPAR, a oferta do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Além das áreas de atuação anteriormente descritas, os estudantes formados neste curso também estão legalmente habilitados para atuar diretamente nas séries finais da Educação Fundamental, em todas as séries do Ensino Médio e nas atividades de contraturno das escolas que ofertam o regime integral de permanência na escola. Dessa maneira, segundo Fernando Hernández, “pensar sobre a formação docente não é apenas uma necessidade acadêmica, mas uma urgência social” (2015, p. 7). Pois a formação de professores em Arte, além de oferecer uma formação que constrói e amplia o repertório cultural dos indivíduos regularmente matriculados nas escolas, também reverbera na

formação crítica sobre o entorno social, por meio da ampliação das formas de interpretação do mundo, uma vez que aprender pelo viés da Arte é alcançar a oportunidade de interpretar os signos sociais de comunicação para além dos códigos verbais e escritos. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a disciplina de Arte contribui

para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilingüe, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BNCC, p. 193).

A partir deste enunciado da BNCC é possível compreender a relevância da disciplina de Arte em suas múltiplas vertentes. No caso do ensino em Artes Visuais, é pertinente considerar que a sociedade atual se instrumentaliza potencialmente permeada pela comunicação imagética. Então, se torna urgente que o ensino formal das Artes Visuais contemple com rigor a interpretação e produção de imagens, tal qual a interpretação de um texto escrito. Especialmente, porque o século XXI trouxe como marca de sua época, a difusão em larga escala dos meios virtuais de comunicação como, por exemplo, a proliferação das redes sociais, nos quais a grande maioria dos setores sociais se alimentam e realizam a comunicação em rede, por meio de diversas plataformas que dialogam com seus produtos, reflexões e ideologias ancorados em signos imagéticos. Todos os setores da sociedade foram adaptados e se adaptaram a uma centena de aplicativos: o controle da vacinação, o bloco de estacionamento, o resultado de exames de saúde, os tablets ou totens dos cardápios.

Essa migração da comunicação para recursos tecnológicos exigiu das plataformas uma sistematização comunicacional a fim de facilitar e acelerar o acesso dos usuários, o que tornou a imagem tão potente quanto a escrita. O espaço escolar também agregou os recursos tecnológicos nas suas práticas cotidianas tanto nos aspectos didáticos, quanto nos ritos escolares, a partir de editais virtuais, reuniões e aulas remotas como ocorreu durante a pandemia Covid/19. Nesse sentido, a inauguração do século XXI, com esses novos repertórios sociais, exigem da formação docente na

área de Artes Visuais adaptações e atualizações constantes. Sobre a necessidade desse novo perfil de professores de Arte, Hernandez adverte:

Nessas circunstâncias, propor-se pensar a formação dos docentes no campo das artes supõe, sobretudo, enfrentar um tema pouco debatido e quase nada investigado, já que, durante muito tempo, a visão dos professores de Artes Visuais, como “práticos expressivos” foi considerada suficiente para a aprendizagem dos “procedimentos” e das “nomenclaturas”. Mas, na atualidade, em um mundo mediado por representações visuais que contribuem para criar discursos identitários e que medeiam construções subjetivas, é preciso outra bagagem, tanto teórica como procedimental, para enfrentar a ação mediadora com os acadêmicos no que deveria ser a tarefa de contribuir para criar novos entornos de aprendizagem (2015, p. 8).

No Brasil, a disciplina de Arte foi instituída como componente curricular obrigatório a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, promulgada em 20 de dezembro de 1996. Esta lei, no seu art. 26, § 2º, afirma: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). A Arte é uma área do conhecimento humano e seu valor não se insere apenas com o fenômeno artístico em si, mas também porque a diversidade e a complexidade que os saberes artísticos contemplam são instrumentalizadores que promovem a ampliação da capacidade de realizar conexões com as demais áreas do conhecimento, por exemplo, com a Filosofia, Matemática, História, Geografia, meio- ambiente, Literatura, para citar apenas algumas. Desse modo, a relevância do ensino de Arte e suas reflexões no âmbito escolar é e sempre será urgente.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (MARTINS; PISCOSQUE; GUERRA, 1988, p. 13).

Nesse sentido, “a arte pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o

fenômeno educacional, considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano” (DUARTE JR., 1994, p. 72).

Destarte,

não podemos continuar a aceitar para o ensino da Arte professores sem nenhuma orientação filosófica e metodológica acerca do ensino das artes visuais, e sem nenhuma orientação acerca da evolução perceptiva, criativa e expressiva da criança e do adolescente. A Arte é a disciplina do currículo que atinge o desenvolvimento do educando numa maior variedade de dimensões. O professor precisa estar preparado para demonstrar teórica e empiricamente as evidências desse múltiplo desenvolvimento, assim como precisa entender o perceber, o pensar, o sentir e a atividade representativa de seus alunos, para o propósito de deliberadamente organizar o ensino e a aprendizagem em arte (BARBOSA, 1975, p. 106).

Diante do exposto, justificamos a adequação do projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Artes Visuais em funcionamento no Campus de Curitiba I – EMBAP, a fim de atender a Resolução CNE/CP nº 02/2019 e também a curricularização da extensão via Resolução CEPE/UNESPAR nº 038/2020, considerando que tais legislações visam ampliar o compromisso social da disciplina de Arte, seja no âmbito escolar como exige Resolução CNE/CP nº 02/2019, seja por meio do diálogo com a sociedade a partir de ações extensionistas como prevê Resolução CEPE/UNESPAR nº 038/2020.

1.1. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

ITEM	DESCRIÇÃO
CURSO	Licenciatura em Artes Visuais.
ANO DE IMPLANTAÇÃO DESTE PPC	2023
CAMPUS	Curitiba I – EMBAP
CENTRO DE ÁREA	Centro de Artes e Museologia
CARGA HORÁRIA	3315 horas
HABILITAÇÃO	Licenciatura em Artes Visuais
REGIME DE OFERTA	Seriado anual (com disciplinas anuais e semestrais)
PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO	4 anos

1.2. TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS

TURNO DE FUNCIONAMENTO	QUANTIDADE DE VAGAS
Noturno	30

2. DIMENSÃO HISTÓRICA

O ensino em Arte e a produção artística iniciaram no Brasil com a chegada dos jesuítas que trouxeram com eles o estilo Barroco em voga na Europa. No caso de Portugal, assim como outros países de fé católica, o Barroco se estabeleceu como um estilo artístico atrelado à contrarreforma. Ou seja, uma arte de cunho religioso católico que tinha como propósito emocionar e também converter por meio da produção de imagens religiosas, que expressassem o drama canônico cristão.

Da mesma forma, no Brasil, as origens da Arte Barroca estão relacionadas às temáticas de caráter religioso que se consolidaram por meio da catequese professada pela Missão Jesuítica. Dessa forma, as atividades artísticas brasileiras se efetuaram pelas Missões, potencialmente nas regiões onde a ordem religiosa se estabelecia.

De modo geral, portanto, os primórdios das artes visuais do Brasil foram desenvolvidos nos centros de maior riqueza e circulação de indivíduos, como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco. Naquele contexto, os artistas que surgiram nos referidos centros coloniais produziram suas composições a partir das ressonâncias do Barroco português, disseminados pela Missões Jesuíticas. Tais artistas eram oriundos de parcelas sociais vulneráveis economicamente e socialmente, por essa distinção de classe social, eram considerados artistas ingênuos, pois naquela época não havia nenhum prestígio social para os artistas que emergiram no Brasil porque a maioria não possuía ensino escolar ou artístico formal.

Sem o contato com ensino formal artístico no Brasil, as produções artísticas eram inspiradas por meio de reproduções de gravuras religiosas que circulavam em Portugal e Espanha. Estudos atuais, no entanto, evidenciam a originalidade de muitas dessas produções em solo brasileiro, como o teto das igrejas das cidades coloniais, também a escultura de santos, entre as mais conhecidas, as produzidas por Antônio Francisco Lisboa, na região de Minas Gerais.

No início do século XIX, ocorreu a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, ocasionando mudanças em vários setores da sociedade brasileira. O Brasil, da condição da maior colônia portuguesa, tornou-se então sede do governo português, o que causou impactos políticos, sociais, econômicos e culturais profundos. Pois, em 1808, com a vinda da Família Real, entre outros impactos, ocorreu a abertura dos portos ao comércio estrangeiro, proporcionando assim, a reorganização administrativa e comercial da colônia. Entre as elites locais e, alguns nichos urbanos daquele período, ocorreu uma alteração de hábitos que se inspiravam nas cortes europeias. Assim, as reverberações da presença da Família Real portuguesa na colônia também impactaram os setores educacionais e culturais. Um exemplo significativo relaciona-se à estruturação do ensino superior, sem, porém, atender ou organizar a demanda da população nos níveis primário e secundário.

Segundo Barbosa, “a principal causa da opção de estruturação do ensino superior está relacionada à necessidade de formação de uma elite intelectual que defendesse a colônia dos invasores e também que movimentasse culturalmente a corte (1978, p. 15-16). Também, segundo Alencar, com a elevação do Brasil à categoria de reino, criou-se uma “aura cultural”, na qual “comerciantes entregavam dinheiro a Dom João para fins educacionais, como melhor meio de comemorar” (1979, p. 98). Então, dentro do ensejo de iniciar uma abertura cultural ao menos para alguns segmentos da elite, foi criada por decreto, em 1820, a Academia Imperial de Belas Artes, fruto da instalação da chamada Missão Artística Francesa, projeto em disputa desde 1816.

O ensino artístico dentro da Academia de Belas Artes estava arraigado nos conceitos e produções do estilo Neoclássico, cujas concepções artísticas estavam fundamentadas nos ideais de beleza clássica greco-romana. O estilo Neoclássico no Brasil se defrontou com a resistência da forte tradição Barroca, instalada desde o início da colonização, ou seja, produzidos por artistas populares e regida pelo fervor religioso. Mas, mesmo o novo estilo não obtendo repercussão popular, o Neoclássico foi implantado no Brasil na esteira do decreto de 1820 para atender à cultura oficial que se colocava a serviço dos ideais aristocráticos e monarquistas daquele período.

O conteúdo curricular Neoclássico possuía um conjunto de regras fundamentadas na cópia e na repetição, a fim de atingir por meio da produção visual os ideais de beleza clássica. Então, foi nesse contexto idealizado de beleza, dos compromissos pictóricos com o cânone clássico, de normas e convenções previamente estabelecidas que o ensino de arte se oficializou no Brasil dentro da Escola Imperial de Belas Artes. Esse modelo de ensino artístico, operacionalizado oficialmente via Missão Artística e Escola Imperial, foi o que instrumentalizou o ensino de arte denominada tradicional que perdurou durante o século XIX e a primeira década do século XX.

Ao adentrar as primeiras décadas do século XX, ocorreram no Ocidente conturbações políticas que afetaram o ritmo do mundo, por exemplo a Revolução Russa, a Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola, a ascensão do fascismo e nazismo, bem como a Segunda Guerra Mundial. Então, este contexto conturbado do convívio humano promoveu novas expectativas e reflexões sobre a sociedade e, entre outros ocorridos que fomentaram temas e debates no campo artístico, como os movimentos de vanguarda que respondiam plasticamente às experiências vividas, seja no âmbito político, econômico e social que reverberaram nas expressões culturais.

Assim, os artistas reformularam suas bases estilísticas sob novos signos e planos pictóricos, pois as reflexões sociais do período impactaram na organização das questões formais da arte, intensificando desse modo o diálogo com aqueles controvertidos acontecimentos. Diante daquele cenário político e artístico, os movimentos artísticos modernos também corroboraram para as reformas no ensino artístico europeu. A influência da vanguarda artística europeia fomentou o debate nas escolas formadoras de artistas, como foi o caso do grupo expressionista alemão *Die Brücke*, como exemplo de maior expoente nesse contexto das reformas de ensino superior. Gradativamente, aos movimentos artísticos modernos, foram sendo incorporadas – em diversos países europeus – novas proposições das abordagens do ensino superior em Arte. No âmbito da educação escolar básica também surgiram ocorrências reformistas a partir dos anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX por meio dos estudos, por exemplo, de Sigmund Freud, Jean Piaget,

Franz Cisek, Viktor Lowenfeld, Maria Montessori, Marion Richardson, Herbert Read, John Dewey, Friedrich Nietzsche, entre outros.

Dentro daquele cenário, o Brasil inaugurou o século XX somando os recentes eventos da política interna ocorridos no fim do século XIX, como a abolição da escravidão (1888), seguido da Proclamação da República (1889). Assim, o período que decorre entre os primeiros anos da República até meados do século XX foi marcado por uma série de acontecimentos internos e externos, que tiveram forte influência nos rumos políticos, econômicos e sociais da vida brasileira.

No que concerne à educação brasileira, as reflexões sobre a escolaridade básica encaminharam o pensamento para os ideais norteadores das pautas oriundas da Proclamação da República, na medida em que os republicanos depositaram a responsabilidade da condução do projeto de construção da nação à instrução pública. Dessa maneira, a instituição escolar republicana nasceu no bojo de um projeto político que depositava na educação expectativas em relação à formação da cidadania e a transformação da sociedade em geral. No projeto civilizador republicano foi concebido um novo formato escolar, principalmente por exigir um espaço físico diferenciado, igualmente uma arquitetura especial foi destinada para abrigar os prédios da educação que ficaram conhecidos como os “Grupos Escolares”.

A invenção desse novo espaço físico escolar, segundo Rosa Fátima de Souza, representou um dos signos da República, ou seja, os novos prédios escolares que na época foram também denominados como “Palácios da Instrução” ou “Templos de Civilização” (1998, p. 16). Para esse novo espaço, também foi necessário criar novos ritos, a fim de criar um ambiente modelar para a educação brasileira e que se caracterizou pela padronização do ensino, pela graduação em séries escolares, profissionalização do magistério, divisão do trabalho docente, estabelecimento de disciplinas distintas, implantação de exames e provas, também novos horários e rotinas. Então, foi por meio desse novo repertório que a escola republicana se distanciou substancialmente do modelo das escolas imperiais.

Acresce que as primeiras décadas do século XX no Brasil também veio acompanhado pelo impulso no desenvolvimento industrial paulistano, oriundos do resultado bem-sucedido da produção cafeeira, também responsável pelo processo de urbanização dos principais centros urbanos do país, além do aumento populacional motivado pela chegada dos imigrantes no Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil. Especialmente em São Paulo, as mudanças urbanas, com bondes, automóveis, ferrovias, diversas modalidades de comércio e, portanto, alta movimentação de indivíduos fomentou um ritmo cultural diferenciado no cotidiano da cidade. Nesse momento, artistas e intelectuais começaram a questionar a produção artística local ainda com fortes referências acadêmicas em contraste com todas as novas linguagens plásticas em circulação na Europa, desde o final do XIX e que se intensificaram nas primeiras décadas do século XX. Diante deste descompasso no espaço artístico brasileiro, um grupo de artistas envolveu-se na realização da Semana de Arte Moderna de 1922 que reverberou para além dos anos 1920, por meio de outras iniciativas como os movimentos Pau-Brasil, Antropofágico e Verde e Amarelo. Segundo Carlos Zílio:

As transformações que o modernismo trouxe para a arte e literatura, o desenvolvimento decisivo da sociologia, a importância que assume a pesquisa histórica, o folclore e a teoria política, como ainda área de instituições culturais, onde a fundação da Universidade de São Paulo foi uma consequência direta. Todo esse avanço cultural efetuado em duas décadas mostra a complexidade do período onde um novo perfil cultural foi se formando, ao mesmo tempo que o país vivia importantes transformações políticas (1983, p. 92).

Enquanto a arte fazia um movimento para ajustar os ponteiros com a modernidade artística ocidental, a educação republicana como veículo de difusão de um projeto político deu sinais de insipiência, dada a sofreguidão do regime republicano nas políticas públicas das primeiras décadas do século XX. Havia, portanto, um abismo entre o discurso ideológico do regime republicano em contraste com a política oligárquica praticada. Diante desse cenário, os intelectuais da década de 1920 lançaram-se então, em um novo projeto de “regeneração” da nação, que se caracterizava na busca pela nacionalização e modernização do país. Assim,

concomitantemente às aspirações de modernizar as artes visuais no Brasil, também ocorria um movimento em prol da renovação educacional. Nesse grupo de intelectuais da educação ocorreram muitos debates que criticavam a pedagogia tradicional e conclamavam por uma renovação por meio da pedagogia da Escola Nova. Diante disso, é possível constatar que a atmosfera cultural do país se encontrava em um forte anseio por renovação. A fim de arejar a segunda década da República, a busca por uma identidade nacional permeou tanto o discurso político-pedagógico, quanto às práticas e experiências sociais e artísticas. Sobre esse contexto, Munakata explica:

Em suma, no Brasil, sobretudo na década de 20, e em consonância com o resto do mundo, começa a se consolidar um modo de representação do real, o ideal, contrarrevolucionário para o qual contribuem tanto os setores de “direita” como de “esquerda”. Nesse processo não só procuram organizar a cultura nacional, correlata às ideias de “unidade nacional”, buscando por exemplo as “raízes do Brasil” como também a noção de cultura. E, mais do que isso, são esses intelectuais que passam a ser recrutados pelas agências do Estado e propõem reformas de ensino ou atuam como técnicos especializados em cada ramo da administração pública (1984, p. 71).

Como exemplo desses intelectuais engajados nas agências do Estado ou no debate político é possível apontar Mário de Andrade e Cecília Meireles. Mário de Andrade marcou as reflexões da Semana de 1922 e depois se destacou na direção do Departamento de Cultura de São Paulo, inclusive, propondo reformulações no ensino artístico paulista. Já Cecília Meireles foi uma expoente cronista da educação no *Correio Carioca* e também se destacou como signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação em 1932. Segundo Ghiraldelli:

O manifesto dos Pioneiros da Educação viabilizou um programa educacional com concepções de que um sistema escolar deve ser estabelecido nas bases de uma educação integral, comum para alunos de ambos os sexos e de acordo com as suas aptidões, única para todos e laica, sendo a educação primária gratuita e obrigatória. Sobre a organização da escola secundária, pressupunha uma formação escolar com finalidade social, escola para o povo, não proposta a preservar e transmitir culturas clássicas, mas destinada, pela sua estrutura democrática a ser acessível e proporcionar as mesmas oportunidades para todos. Outra característica apontada por Ribeiro era: “a reconstrução do sistema educacional em bases que

passavam a contribuir para a interpenetração das classes sociais e formação de uma sociedade humana mais justa e que tenha por objeto a organização da escola unificada, em vista da ‘seleção dos melhores’” (1984, p. 103).

Pode-se constatar que a participação dos artistas modernistas e dos intelectuais renovadores da Educação na vida pública promoveram intersecções culturais entre a arte e a pedagogia da Escola Nova que impactaram no ensino artístico escolar. Cabe destacar que o ensino artístico preconizado pela Escola Nova no Brasil foi sobretudo fundamentado nas teorias educacionais de John Dewey, defensor da arte com função educativa que contribuiria para a consolidação de uma sociedade melhor e para a formação de uma identidade cultural.

Após o Manifesto dos Pioneiros nos anos trinta do século XX, conferências e congressos educacionais foram promovidos, tendo como objetivo a formação do cidadão brasileiro. As discussões concentraram-se nos temas da educação e confluíram para reformulações pedagógicas por meio da apropriação das concepções da pedagogia da Escola Nova. Assim, essas novas proposições educacionais colocaram em debate os modelos de ensino existentes que eram caracterizados pela pedagogia tradicional. As distinções de cunho pedagógico identificaram a pedagogia tradicional pelo excesso de conteúdo, descrito como enciclopedista e, principalmente, centrado na imposição da autoridade docente.

A Pedagogia Nova, por sua vez, foi identificada como uma reorganização metodológica e comportamental da vida escolar, que se caracterizava pela reelaboração dos programas escolares, pela distribuição mais adequada entre as disciplinas e, principalmente, pela discussão da relação professor-estudante, propondo uma postura diferenciada dos docentes, ou seja, saía de cena a imposição de autoridade docente e entrava na sala de aula o professor orientador, que iria incentivar a troca de experiências na classe. A concepção escolanovista estava também inserida em uma filosofia de democratização da sociedade, enfatizando o trabalho em grupo na escola, a cooperação e a solidariedade, isso com o intuito de

democratizar o espaço escolar a fim de fazer da educação, de fato, um lugar para todos.

O ensino artístico a partir dos ideais da Escola Nova no Brasil contou com intersecções culturais a partir do ativismo dos artistas modernistas e também das considerações do valor do ensino artístico pela via escolanovista. Este último especialmente defendido por Cecília Meireles que era uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação. Portanto, o ensino artístico brasileiro foi perpassado pelo ideário de John Dewey, que era um dos intelectuais defensores da arte como função educativa, que visava contribuir para a consolidação de uma sociedade mais justa a partir dos ideais liberais de democracia.

Segundo Barbosa, naquele período, ficou evidente a equiparação da disciplina de arte nos currículos em relação às demais disciplinas. A autora constatou um significativo crescimento de cursos organizados em prol do ensino da arte na perspectiva da Escola Nova entre os anos de 1927 e 1935, em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco e, na década de 1940, esse interesse se intensificou nos demais estados. Assim, o ensino de arte nas escolas brasileiras foram tomando novos contornos por meio de temáticas de aulas e ensino como a valorização do folclore brasileiro, a popularização de peças de teatros para crianças, a inclusão de danças típicas regionais, a educação musical, o desenho livre, exposições de arte infantil, entre outras atividades (2001, p.89).

Vale destacar que o movimento modernista e a Escola Nova confluem em dois aspectos, sobre as incursões a respeito da identidade nacional e o trânsito de alguns artistas modernistas no campo educacional. O ensino da arte – nesse trânsito de ideias, temáticas e intelectuais – ganhou reformulações que deram destaque para essa disciplina como difusora da modernidade educacional artística dentro das escolas. Sob a influência da pedagogia escolanovista, o ensino da arte também se centrou no processo de desenvolvimento dos estudantes, inaugurando assim, nessa disciplina, um comportamento pedagógico diferente daquele que ocorria no ensino de arte tradicional.

Nesses termos, a pedagogia tradicional do ensino artístico estava circunscrita à pedagogia da Missão Francesa, ou seja, uma produção artística vinculada aos padrões clássicos de ensino, regimentada por várias regras esquemáticas também centradas no desenho geométrico. Segundo Ferraz, o ensino da arte tradicional se ancorava a partir do desenho geométrico, especialmente ao incluir nos programas escolares variações sobre o mesmo tema “programas de desenhos do natural (realistas), decorativo e geométrico, centrados nas representações convencionais de imagens, os conteúdos abrangiam noções de perspectiva, construções geométricas e composição com esquemas de luz e sombra” (1985, p. 14).

Já o ensino da arte na perspectiva da pedagogia da Escola Nova, especialmente norteado pelo ideário deweyano, levou a disciplina de arte a tomar novos rumos, pois essa modalidade educacional enfatizava a expressão do estudante, os seus interesses e a espontaneidade do aprendiz. Sob essa perspectiva, modernista e escolanovista, o processo pedagógico do ensino de arte apresentava possibilidades para a experimentação, ou seja, um aspecto de autonomia e liberdade de produção plástica incompatíveis até então com aqueles abordados no ensino de arte tradicional. As novas modalidades inovadoras que foram empregadas para o ensino de arte no Brasil foram atestadas por Barbosa, que apontou o diálogo dos modernistas com o ensino renovador: “Anita Malfati e Mário de Andrade criaram classes de arte para crianças semelhantes às inovadoras classes de Franz Cizek, colaborando para a implantação do novo método de ensino” (1985, p. 16).

Essa movimentação nacional envolvendo o diálogo da Educação com a Arte, em consonância com os acontecimentos políticos e econômicos, reverberou no estado do Paraná. No final do século XIX, entre os imigrantes que vieram para o Brasil havia também artistas que agregaram novas ideias e experiências culturais ao cenário brasileiro, como a aplicação da arte aos meios produtivos e também trouxeram aspirações modernizantes, tão caras ao desenvolvimento urbano das cidades. Assim, essa característica da sociedade paranaense em formação estimulou os artistas e intelectuais locais a favor de um ensino de arte sistematizado.

Entre os pioneiros do ensino artístico em Curitiba destacam-se os artistas e professores Mariano de Lima, Alfredo Andersen, Guido Viaro e Emma Klee Koch. Os dois primeiros, Mariano de Lima e Alfredo Andersen vislumbraram escolas de arte, o primeiro voltado para uma escola de arte e ofícios e o segundo voltado para o ensino acadêmico de arte. Ambos foram exponenciais no fomento do campo artístico da capital paranaense. Já Guido Viaro teve um papel relevante no ensino superior de arte dentro da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, porque à frente de seus colegas, ele inseriu temas e possibilidades modernistas dentro das práticas artísticas no ensino superior de arte, a partir de 1949. Na educação pública e primária, o destaque foi Emma Klee Koch, que em 1948, assumiu uma pasta da Secretaria de Educação para realizar a reforma do ensino artístico primário em Curitiba a convite do Secretário de Educação, Erasmo Pilotto. Por via estatal, o impulso para o desenvolvimento da escola pública no Paraná ocorreu de maneira orgânica a partir da formação de professores. Em 22 de março de 1938, foi sancionado o decreto nº 6.597 que aprovou o regulamento dos cursos de formação de professores. Naquela data, Erasmo Pilotto assumiu como assistente técnico da Escola de Professores de Curitiba, na qual tomou frente da elaboração e aplicação dos ideais da Escola Nova que reverberaram por todo o Estado. Pilotto também defendeu a inserção das proposições que norteavam o ideal de uma escola pública, laica, obrigatória e gratuita. Portanto, suas proposições se mostravam em consonância com os demais intelectuais que comungavam com o ideário da Escola Nova, entre eles, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo (MIGUEL, 1992, p. 112).

Mas, as proposições via Escola Nova no Paraná tiveram uma atenção pontual do Estado, no ano de 1948, na gestão do governador Moysés Lupion, que apresentou na plataforma de governo propostas culturais com aspirações modernizantes que deveriam ser fomentadas por meio da formação escolar, especialmente, a escola primária e a Escola Normal. Naquele contexto, Lupion designou o professor Erasmo Pilotto para o cargo de Secretário de Educação e Cultura, justamente, por ser ele um articulador dos ideais da Escola Nova. Por conta disso, a nomeação de Pilotto anunciava renovações. Nesse ínterim, o recém nomeado Secretário de Educação

idealizou uma reforma no ensino artístico primário em Curitiba e para isso nomeou a professora e artista Emma Klee Koch para assumir a Direção Geral do Ensino de Arte nas escolas públicas da capital do estado, na função de Técnica da Seção Artística para efetivar tal reforma. Conforme o depoimento do próprio Pilotto,

Dado ao fato de que toda a minha concepção pedagógica está fortemente impregnada de estetismo, e ainda pelo motivo de que sempre me pareceu mais fácil a reforma e humanização da escola primária pelo ensino de “matérias” como Educação Estética e Educação Física e outras similares, chamei a profa. Emma Koch, em quem reconheço firme formação pedagógica e alta seriedade no trabalho, e incumbi-a da direção geral do ensino das artes plásticas nas escolas da capital. Isso em 1949, ela iniciou seu trabalho fazendo uma inspeção em todos os grupos escolares de Curitiba (PILOTTO, 1974).

Realmente, a formação de Emma Koch era sólida com bacharelado em Arte e ainda formação pedagógica na Polônia, seu país de origem. Nas fontes manuscritas de Emma há referências diretas das obras de John Dewey, Viktor Lowenfeldt, Artus Perrelet, Matisse. Além de aplicar práticas pedagógicas inspiradas em Marion Richardson e Herbert Read, Emma Koch também dominava as técnicas de ensino de composição plástica da Bauhaus. A trajetória social de Emma demonstrou os seus domínios intelectuais nas áreas de educação, psicologia e arte para fundamentar o ensino artístico escolar. Sobre essa capacidade intelectual e pedagógica de Emma, Dulce Osinski destacou:

É notável que a valorização dada por Emma Koch à vivência da criança, às suas experiências prévias, dava-se muito antes de se intensificarem em nosso país as discussões sobre o pensamento construtivista na Educação. Nesse sentido, sua posição é absolutamente pioneira. Por conta do respeito ao universo pessoal dos alunos, Emma não admitia a interferência do professor em seus trabalhos; a criança era incentivada a descobrir seu próprio caminho. Acreditando que o processo de apreensão depende do sujeito, seu pensamento alinhava-se às teorias do conhecimento de Piaget, que afirma que o conhecimento e a aprendizagem se fundamentam na ideia de uma independência do sujeito em relação às interferências do adulto (BRINGUIER, 1978, p. 183). A valorização da experiência individual e de sua relação com a expressão através da arte também possuía estreitas ligações com as ideias de Dewey para a educação.

Como Emma Koch mantinha intensa correspondência com arte-educadores do Brasil e do mundo, é bem possível que essa influência possa ter se dado por intermédio de trocas de ideias com outros profissionais, entre eles, Artus Perrelet, que vivia em Belo Horizonte e compactuava de muitas das convicções de Dewey para o ensino da arte. A pedra fundamental da filosofia de trabalho de Emma Koch era a criatividade (UFPR, 1998, p. 289, 290, 291 e 294).

Na cidade de Curitiba, concomitantemente à reforma modernizante do ensino artístico na Educação Básica, no campo das Artes Visuais emergiram três espaços culturais de envergadura na cena da cidade: o 1º Salão Paranaense de Artes Plásticas, em 1944; a primeira publicação da *Revista Joaquim*, em 1946; a inauguração da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 1948. Segundo Maria José Justino, “no que concerne ao mundo das artes, a década de quarenta foi generosa ao Paraná”. Sobre o 1º Salão Paranaense e sobre a *Revista Joaquim*, a pesquisadora observou

O Salão ofereceu altos e baixos, a riqueza ficou por conta do embate de ideias que provocou o desenvolvimento da pesquisa e a ampliação das técnicas [...]. O Salão Paranaense vai conquistando lentamente seu caráter nacional. A geração Joaquim representada pela revista cultural Joaquim combateu os privilégios dados aos valores locais, perseguindo uma universalização da cultura. A Joaquim do mesmo modo que é um combate ao Paranismo revela uma reação à repressão nacionalista-cultural do Estado Novo, o que Joaquim reclamava para si naquele momento era o mesmo que Mário de Andrade já havia sacramentado no Modernismo: o direito a experimentação e a ser do seu tempo (JUSTINO, 1995, p. 3-4).

Renato Torres destacou que a inauguração da EMBAP foi “fruto do trabalho de uma rede de intelectuais, que acreditavam no valor da arte, da educação e da cultura, foi inaugurada, em 1948 em Curitiba, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), como a primeira instituição dedicada ao ensino superior de artes no estado” (2017, p. 17). Sobre a contribuição da EMBAP na formação de professores, Elisabeth Seraphim Prosser apontou que

A criação da Embap configurou uma das muitas facetas do processo de institucionalização e estruturação da educação superior, nos seus

diversos níveis e aspectos, não se conformando, portanto, em um acontecimento isolado, mas fazendo parte de um todo dinâmico, amplo e integrado. A Embap, com suas múltiplas funções de formadora de opinião e, principalmente, de docentes para o ensino da música e das artes plásticas, constitui um estabelecimento de fomento e desenvolvimento, não apenas da cultura, mas da educação (PROSSER, 2001, p. 203-204).

O intelectual Fernando Corrêa de Azevedo ocupou papel central na efetivação do projeto de implantação da instituição, organizando ações junto a importantes entidades locais de promoção da cultura e das artes, como a Associação Paranaense de Letras, o Centro de Letras do Paraná, a Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê, o Centro Paranaense Feminino de Cultura, a Sociedade Amigos de Alfredo Andersen, o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Colégio Estadual do Paraná e o Instituto de Educação do Paraná.

Inicialmente Azevedo visitou diversos Estados para estudar a estrutura de entidades congêneres, buscando conhecer modelos consolidados. Dentre as instituições visitadas destacam-se a Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, a Escola de Desenho da Associação de Artistas Brasileiros, a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, o Conservatório Dramático Musical de São Paulo, a Escola de Belas Artes de Niterói e o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Contudo, o curso de pintura, primeiro curso de artes plásticas da instituição, foi elaborado com base nas experiências pedagógicas das Escolas de Belas Artes de nível superior do Rio de Janeiro e de São Paulo, somado às experiências das escolas particulares de arte que atuavam em Curitiba no mesmo período. No processo de seleção dos professores, foram considerados os capitais cultural e simbólico, evidenciados pelo currículo e sobretudo pelos destaques nos campos da arte e da cultura.

O projeto inicial contou com os professores Altamiro Bevilacqua, Artur Nísio, Benedito

Nicolau dos Santos, Bento Mossurunga, Bianca Bianchi, Charlotte Frank, Edgard Chalbaud Sampaio, Estanislau Traple, Francisco Stobbia, Frederico Lange de Morretes, Guilherme Carlos Tiepelmann, Inez Colle Munhoz, Iolanda Fruet Correia, João Ramalho, João Woiski, Jorge Frank, Jorge Kaszás, José Coutinho de Almeida, José Peón, Lido de Lima, Ludwig Seyer, Ludwig Seyer Junior, Luiz Eulógio Zilli, Margarida Solheid Marques, Margarida Zugueib, Natália Lisboa, Oswaldo Lopes, Oswaldo Pilotto, Prudência Ribas, Raul Menssing, Remo de Persis, Renée Devrainne Frank, Severino d'Atri e Waldemar Curt Freyesleben.

No primeiro ano do curso de Pintura, por exemplo, os alunos tiveram as disciplinas de Desenho de Gesso, ministrada por Estanislau Traple; Modelagem, com João Woiski; Desenho Geométrico, lecionado por Oswaldo Lopes; e Composição Decorativa conduzida por Guido Viaro. Nos anos subsequentes, foram contempladas as disciplinas de Desenho de Gesso e do Natural, Composição Decorativa, Geometria Descritiva, Arquitetura Analítica, Anatomia e Fisiologia, Pintura, Desenho de Modelo Vivo, Perspectiva e Sombras, Modelagem, História da Arte e Estética. Como formação complementar foram ofertadas a disciplina extracurricular de Gravura e o Curso Livre de Pintura. Em 1951, a EMBAP abrigou ainda o Clube de Gravura do Paraná, o qual foi frequentado por alunos e pela comunidade artística.

Quarenta anos depois, em 1991, a EMBAP foi transformada em Autarquia Estadual, pela Lei Estadual nº 9.663. Nesse ano foram criados outros dois cursos de Bacharelado: o curso Superior de Escultura e o curso Superior de Gravura, sendo o primeiro ofertado pela manhã e o segundo à noite, no mesmo turno em que é ofertado o curso de Licenciatura em Desenho que veio a ser denominado, em 2009, Licenciatura em Artes Visuais, como mantém-se até os dias de hoje.

Nesse histórico, cumpre registrar que desde dezembro de 2013, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná passou a integrar a Universidade do Estado do Paraná – UNESPAR e a se denominar também Campus de Curitiba I – EMBAP, com sede no Município de Paranavaí, criada pela Lei Estadual nº 13.283, de 25 de outubro de 2011,

alterada pela Lei Estadual nº 13.385, de 21 de dezembro de 2011, Lei Estadual nº 15.300, de 28 de setembro de 2006, e pela Lei Estadual nº 17.590, de 12 de junho de 2013. Está vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

Entre 2016 e 2018, após um processo de reestruturação, o projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Pintura passou a se chamar Bacharelado em Artes Visuais e foi ofertado em dois turnos (vespertino e noturno). Em decorrência dessa nova estruturação, os cursos Pintura, Escultura e Gravura foram assimilados pela nova matriz.

A UNESPAR conta ainda com dois cursos de Licenciatura em Artes Visuais nos campi Curitiba I e Curitiba II. O curso do Campus de Curitiba I – EMBAP, teve sua origem no curso de Licenciatura em Desenho criado em dezembro de 1973, por meio do Decreto Federal nº 21.923/1951, e reconhecido em maio de 1979, pelo decreto nº 83.473/79. Em 2010, ocorreu a reestruturação curricular que possibilitou alterar o nome do curso para Licenciatura em Artes Visuais.

Diante do exposto, no que concerne à dimensão histórica do Ensino de Arte no Paraná, tanto na educação básica, quanto no ensino superior, é possível constatar uma sólida trajetória carregada de diálogos com a emergência cultural do estado e do país ao longo desses 75 anos, desde a sua inauguração. Portanto, ao assumir os compromissos artísticos e sociais que lhe cabem como universidade pública, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná se tornou um espaço ímpar na formação de artistas e de professores de Arte.

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

De acordo com o Projeto Político Institucional (PPI), o compromisso com o princípio de qualidade assegura à UNESPAR incorporar em seu projeto pedagógico as funções

de ensino, pesquisa, extensão e cultura. Para tal, a organização didático-pedagógica integra as seguintes subseções: legislação suporte ao projeto pedagógico; justificativa; concepção, finalidades e objetivos (geral e específicos); metodologia e avaliação.

3.1. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO

O curso de Licenciatura em Artes Visuais do Campus I – UNESPAR, no âmbito dos referenciais legais, caracteriza-se como uma licenciatura embasada na Resolução CNE/CP nº 02/2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação inicial de professores da Educação Básica (BNC-Formação).

- I. Decreto nº 5.154/2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 41 da LDB;
- II. Deliberação CEE nº 04/10 que dá nova redação ao artigo 2º da Deliberação CEE/PR nº 04/06, que estabelece normas para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- III. Deliberação nº 04/13, estabelece normas estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, com fundamento na Lei Federal nº 9.795/1999, Lei Estadual nº 17.505/2013 e Resolução CNE/CP nº 02/2012;
- IV. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, do MEC;
- V. Estatuto da Unespar;
- VI. Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES.
- VII. Lei 17505 – 11 de janeiro de 2013 que institui a Política Estadual de Educação Ambiental e o Sistema de Educação Ambiental e adota outras providências;
- VIII. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – LDB, que define as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, e suas alterações;
- IX. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência);

- X. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental;
- XI. Parecer CEE/CES nº 23/11 que estipula a Inclusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como disciplina nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura, bacharelado, tecnologia e sequenciais de formação específica, em cumprimento ao artigo 3.º, do Decreto Federal nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras;
- XII. PDI da UNESPAR.
- XIII. Regimento Geral da Unespar;
- XIV. Regulamento de Extensão,
- XV. Regulamento de Monitoria,
- XVI. Regulamento de Pesquisa,
- XVII. Regulamento de Projetos de Ensino,
- XVIII. Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007 que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial (no caso dos bacharelados);
- XIX. Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de julho de 2007 que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora aula, e dá outras providências (no caso dos bacharelados e licenciaturas);
- XX. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- XXI. Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.
- XXII. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000;
- XXIII. Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.
- XXIV. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental;

- XXV. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada;
- XXVI. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação docente);
- XXVII. Resolução n. 038/2020 – CEPE/UNESPAR, que regulamenta a Curricularização da Extensão.
- XXVIII. Resolução N.º 046 – 2018 – CEPE/UNESPAR, que regulamenta os estágios obrigatórios.
- XXIX. Resolução nº 001/2019 – COU/UNESPAR, que estabelece o Sistema de Cotas no processo Seletivo Vestibular e o Sistema de Seleção Unificada – SISU;
- XXX. Resolução nº 014/2018 – COU/UNESPAR que autoriza a matrícula especial em disciplinas isoladas de estudantes nos cursos de Graduação;
- XXXI. Resolução nº 038/2020– CEPE/UNESPAR, que Aprova o Regulamento da Curricularização da Extensão na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR;
- XXXII. Lei Nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- XXXIII. Resolução CNE/CP Nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
- XXXIV. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei Nº10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- XXXV. Lei Nº11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Resolução CNE/CES Nº1, de 16 de janeiro de 2009. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências.
- XXXVI. Resolução CONAES Nº 1, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.
- XXXVII. Resolução CNE/CP Nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
- XXXVIII. Resolução CNE/CP Nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

- XXXIX. Portaria MEC Nº 1.134, de 10 de outubro de 2016. Revoga a Portaria MEC Nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema. Oferta de disciplinas na modalidade a distância nos cursos de graduação presenciais. Nova + deliberação do conselho estadual.
- XL. Deliberação CEE/PR N.º04, aprovada em 02 de agosto de 2006. Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- XLI. Deliberação CEE/PR/CP Nº 02, aprovada em 06 de março de 2009. Normas para a organização e a realização de Estágio obrigatório e não obrigatório na Educação Superior, na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Especialização Técnica de Nível Médio, no Curso de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, no Ensino Médio, nas Séries Finais do Ensino Fundamental, inclusive nas modalidades Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial.
- XLII. Parecer CEE/PR/CES n.º 23, aprovado em 07 de abril de 2011. Inclusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como disciplina nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura, bacharelado, tecnologia e sequenciais de formação específica, em cumprimento ao artigo 3.º, do Decreto Federal n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei Federal n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.
- XLIII. Deliberação CEE/PR/CP Nº 04, aprovada em 12 de novembro de 2013. Normas estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, com fundamento na Lei Federal Nº 9.795/1999, Lei Estadual Nº 17.505/2013 e Resolução CNE/CPNº02/2012.
- XLIV. Deliberação CEE/PR/CP Nº 02, aprovada em 13 de abril de 2015. Normas Estaduais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino do Paraná.
- XLV. Resolução CEPE/UNESPAR Nº 10, de 05 de novembro de 2015. Regulamento Geral dos Estágios Obrigatórios e Não Obrigatórios dos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Paraná.
- XLVI. RESOLUÇÃO Nº 002/2018 – CEPE/UNESPAR - Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - Campus de Curitiba I.
- XLVII. Deliberação CEE/PR/CP Nº 01, aprovada em 09 de junho de 2017. Fixa normas para as Instituições de Educação Superior mantidas pelo Poder Público Estadual e Municipal do Estado do Paraná e dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições e de seus cursos.

3.2. JUSTIFICATIVA

A presente reestruturação curricular visa atender as exigências impostas pela Resolução CNE/CP nº 02/2019 que também atende a “Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, artigo 11, que estabeleceu o prazo de dois anos, contados da data de homologação da BNCC-Educação Básica, para que seja implementada a referida adequação curricular da formação docente” (Resolução CNE/CP nº 02/2019, §3º). E também visa atender a Resolução CEPE/UNESPAR nº 038/2020 que exige a Curricularização da Extensão a partir do ano de 2023, a fim de cumprir a Resolução MEC/CNE/CES nº 7/2018.

4. CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS

A concepção, finalidades e objetivos deste PPC respondem às prescrições do PPI da UNESPAR, no seguinte sentido:

A política de responsabilidade social da UNESPAR perpassa o conceito de instituição pública, gratuita e de qualidade, cuja identidade se caracteriza pelo compromisso social, os valores de liberdade, justiça social, cidadania, educação, identidade, responsabilidade, integração, pluralidade e ética buscando um planejamento de ações com vistas à promoção da inclusão social, desenvolvimento humano, social e integral, desenvolvimento econômico e respeito ao meio ambiente e à cultura (PPI, 2012).

4.1. CONCEPÇÃO

O curso de Licenciatura em Artes Visuais apresenta uma concepção multidisciplinar do conhecimento artístico subsidiado pelo entendimento de que a arte se trata de uma área do conhecimento, cujas bases reflexivas norteiam-se por saberes científicos. Também por essa razão o ensino de arte está contemplado na Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB), “como componente curricular obrigatório da educação básica” (LDB, 1996, art. 26, cap. II, seção I). Para tal, o estudo da dinâmica histórica e cultural, da estética e do exercício crítico de leitura da obra de arte, do exercício poético da produção artística, como também da identificação da realidade sócio-cultural dos diversos espaços nos quais o ensino das artes visuais pode ser desenvolvido, são temáticas indissociáveis de uma licenciatura em Arte. Acresce que o artigo 2º, do Estatuto da UNESPAR, determina que a instituição tenha por princípio

gerar e difundir o conhecimento científico, artístico-cultural, tecnológico e a inovação, nas diferentes áreas do saber, para a promoção da cidadania, da democracia, da diversidade cultural e do desenvolvimento humano e sustentável, em nível local e regional, estadual, nacional e internacional.

Assim, o PPI destaca que a universidade tem por concepção fomentar a produção e difusão de conhecimentos múltiplos, no âmbito da graduação e da pós-graduação, visando à formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, a fim de ampliar a qualidade de vida da humanidade como um todo. Também busca proporcionar à sociedade meios para apropriação, ampliação, conservação, produção, aplicação e difusão do patrimônio material e imaterial, simbólico e edificado, incentivando todos os seus integrantes a atuarem como transformadores da realidade social.

Dessa forma, o curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Campus de Curitiba I – EMBAP, prioriza o ensino das poéticas artísticas e da história e teoria da arte, das disciplinas pedagógicas e de pesquisa, presentes nas quatro séries do curso, a fim de se constituir numa formação integrada de saberes. Desse modo, o estudante terá espaços nos quais a prática da linguagem plástica fará a interlocução com o ensino de arte por meio dos ateliers de desenho, pintura, gravura, escultura, fotografia e laboratório tecnológico de arte digital e afins. A História da Arte e as demais áreas afins (Filosofia, Sociologia, Antropologia e História) são núcleos teóricos indissociáveis da produção artística e do ensino de arte, por isso devem ser tomadas como condição básica e permanente para a formação e a atuação do educador. Sobre isso Ernst Gombrich adverte: “é importante entender isso desde o princípio, pois a

história da arte, em seu todo, não é uma história de progresso na proficiência técnica, mas uma história de ideias, concepções e necessidades em permanente evolução (1993, p. 24). Essa formação integrada se consolida num curso de licenciatura com as disciplinas que compõem o núcleo pedagógico, composto pela investigação das teorias da educação, pela prática de ensino e estágio.

Além das características inerentes à matriz curricular da licenciatura, o referido curso também está de acordo com o PPI da universidade que prevê o compromisso com o princípio de qualidade que assegura à UNESPAR incorporar em seu projeto pedagógico as funções de ensino, pesquisa, extensão e cultura, o que resulta em um trabalho educacional articulado às demandas regionais.

4.2. FINALIDADES

A primeira finalidade de um curso de Licenciatura em Artes Visuais visa a formação de professores para atuarem, amparado pela legislação, junto à Educação Básica. Contudo, o arcabouço dessa finalidade contempla uma proposta que garanta aos estudantes da licenciatura a atuação como profissionais críticos no exercício do seu ofício. Para isso, o incentivo à pesquisa acadêmica também se torna uma premissa, porque como pesquisadores da área de Arte, diretamente vinculado às áreas da Educação e das Humanidades, vislumbra-se um processo formativo mais amplo e integrado, seja por meio dos espaços de educação informal, da formação continuada e dos cursos de pós-graduação.

A finalidade de promover a consciência de que um professor deve estar em constante formação, em múltiplas dimensões, também visa reverberar no campo escolar, no sentido de estimular e promover, junto aos estudantes da Educação Básica, a formação de indivíduos autônomos aptos a pensar, escolher e agir de forma humanista, consciente e responsável. Noutras palavras, o corpo docente e discente deve ser formado para acessar e ler adequadamente os códigos culturais. Portanto,

umas das finalidades do curso é também fomentar um ambiente de pesquisa, a partir do qual o licenciado possa exercer seu ofício da forma mais integrada possível.

Em conformidade com LDB/1996, com a Resolução CNE/CP nº 02/2019 e com a Resolução CEPE/UNESPAR nº 038/2020, a finalidade do curso de Licenciatura em Artes Visuais tem como princípio contemplar a formação de professores, pesquisadores e artistas nesta área do conhecimento que tem como pauta os conhecimentos e fundamentos da área, ou seja, que desenvolvam a capacidade de exercer profissionalmente e de forma crítica um papel significativo na sociedade, a fim de ampliar a diversidade de práticas e saberes ligados ao ensino e à pesquisa em Artes Visuais.

Desse modo, a formação do licenciado em Artes Visuais está de acordo com as finalidades da UNESPAR para os cursos de graduação, que visam integrar pesquisa, extensão e cultura, voltadas para atender os seguintes princípios:

- a) Exercer a profissão do magistério na Educação Básica;
- b) Exercer profissões técnico-científicas e artísticas em galerias, museus, consultorias e peritagens;
- c) Refletir criticamente sobre a sociedade em que vive;
- d) Promover o desenvolvimento e difusão da ciência e da cultura;
- e) Valorizar as diferentes formas de conhecimento e expressão, técnicas e científicas, artísticas e culturais;
- f) Universalizar a cidadania;
- g) Assumir o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, ambientalmente responsável, consciente e que respeite e acolha a diversidade, a fim de valorizar todas as formas de vida, a cultura e o saber;
- h) Conservar e difundir os valores éticos.

No âmbito da comunidade universitária, essa proposta de reformulação do curso tem como meta a articulação das instâncias de ensino, pesquisa e extensão, assim como a formação de um espaço favorável à pesquisa e à formação continuada dos egressos e da comunidade externa por vias extensionistas, a fim de promover um efetivo diálogo entre a universidade em todas as esferas de atuação, o ambiente escolar e a comunidade em geral.

4.3. OBJETIVO GERAL

Formar o professor e o artista visual numa constante interlocução com a contemporaneidade ao dialogar com projetos culturais e educativos conjuntos, ao dominar o conhecimento por meio de competências e habilidades voltadas para o ensino na Educação Básica que promova a apropriação e mobilização dos saberes, que se apresentam contextualizados na atualidade da arte.

4.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre o ensino das Artes Visuais ao longo da história e na sociedade contemporânea;
- Construir uma sólida fundamentação da linguagem das Artes Visuais com bases históricas, sociológicas, antropológicas e filosóficas que se integram à uma formação com base na pesquisa, na experimentação de novas práticas artísticas e na investigação do ensino;
- Estimular a investigação científica e a reflexão sobre papel do professor de arte no processo multiplicador do exercício da reflexão e produção artística;
- Compreender a dimensão cultural, social, política e econômica da

educação e do papel social da escola;

- Promover ao licenciando a necessidade em administrar o seu próprio desenvolvimento profissional como professor, especialmente como professor de arte.

5. METODOLOGIA E AVALIAÇÃO

Em razão da Resolução CNE/CP nº 02/2019 e da curricularização da extensão, a nova proposta de PPC para a Licenciatura, prevê a adoção de novas metodologias de ensino-aprendizagem e de avaliação, que estimulem o estudante em formação a integrar o conhecimento adquirido à prática social, no qual são geradas e para o qual devem estar voltadas, a fim de que sejam adquiridas pelo futuro professor habilidades e competências específicas do ensino de Arte durante a trajetória do licenciando no curso de Artes Visuais.

5.1. METODOLOGIA

Considerando, a Resolução CNE/CP nº 02/2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores para a Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular e a Curricularização da Extensão, a proposta metodológica está fundada na articulação entre teoria e prática, numa abordagem multidisciplinar, ou seja, visando articular os eixos norteadores da legislação descrita acima. Assim, a execução didático-pedagógica do curso de Licenciatura em Artes Visuais – Campus I, da UNESPAR, também está relacionada aos três pilares da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. O curso de Licenciatura em Artes Visuais se constrói a partir de três linhas de pesquisa, diretamente relacionadas às atividades de ensino, são elas: I – Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais; II – Poéticas e Processos Artísticos; e III – História e Teoria da Arte.

Portanto, os componentes curriculares pedagógicos perpassam todas as séries do curso, assim como as disciplinas de História e Teoria da Arte, somando a oferta de disciplinas de poéticas artísticas e as disciplinas que fomentam a pesquisa acadêmica. Nesse sentido, busca-se que o curso de Licenciatura em Artes Visuais atenda à competência docente preconizada pela BNCC: “valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural”.

Para que o professor esteja apto a promover tais saberes, faz-se necessário que a formação esteja voltada para os referidos saberes. Também, a fim de acolher as proposições da Resolução CNE/CP nº 02/2019, a concepção da prática pedagógica como elemento curricular está presente em todo o processo formativo do estudante, tal qual a história e a teoria da arte, as poéticas artísticas e a pesquisa.

Consequentemente, essa organização curricular visa promover o diálogo entre os componentes curriculares da matriz curricular do curso, gerando um equilíbrio na sua distribuição por séries a fim de promover o conhecimento para a docência em Artes Visuais, ou seja, o futuro professor será capaz de articular os métodos de ensino entre o fazer artístico, apreciação da obra de arte e o processo de contextualização histórico e social. Para tal, o desenvolvimento da proposta da matriz curricular tem como objetivo de integrar os conhecimentos de forma articulada nas quatro séries do curso, o qual finaliza com o trabalho de conclusão de curso, cujas bases de estudo perpassam desde a 1ª série da licenciatura. Os Eixos ou núcleos temáticos ficaram assim constituídos:

A) **Componentes curriculares pedagógicos - oferta anual:** Psicologia da Educação; História e Sociologia da Educação; Didática; Fundamentos e Metodologias do Ensino das Artes Visuais; Políticas Educacionais; Organização do Trabalho Pedagógico; Laboratório de Recursos Pedagógicos; Libras; Web Aprendizado; Estágio Supervisionado I; Estágio Supervisionado II.

B) **Componentes curriculares de pesquisa - oferta anual:** Introdução ao Trabalho de Pesquisa; Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais; Projeto de Pesquisa em Artes Visuais; Trabalho de Conclusão de Curso.

C) **Componentes curriculares de História e Teoria da Arte - oferta anual:** História da Arte I; História da Arte II; História da Arte III; História da Arte IV; História da Arte Brasileira; Filosofia; Sociologia da Arte.

D) **Componentes curriculares de poética artística - oferta semestral:** Desenho I e II; Desenho III e IV; Pintura I e II; Pintura III e IV; Gravura I e II; Escultura I e II; Fotografia I e II; Fundamentos da Linguagem Visual I e II; Arte Eletrodigital I e II; Desenho Projetivo I e II Circuitos Artísticos I e II.

A estrutura do curso está de acordo com o regime seriado, ou seja, cada série tem componentes curriculares referentes às quatro áreas que compõem o curso, sendo as disciplinas pedagógicas e de história e teoria da arte ofertadas anualmente e as disciplinas de práticas/poéticas artísticas ofertadas semestralmente.

O núcleo pedagógico de: História e Teoria da Arte, Poéticas/práticas artísticas, Ensino e Aprendizagem de Arte e Pesquisa ficaram assim distribuídos nas respectivas séries:

- a) **1ª série:** Psicologia da Educação; Didática, História e Sociologia da Educação; Introdução ao Trabalho de Pesquisa; História da Arte I; Filosofia; Fundamentos da Linguagem Visual I e II; Desenho I e II; e Pintura I e II;
- b) **2ª série:** Políticas Educacionais, Fundamentos e Metodologias do Ensino em Artes Visuais; Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais; História da Arte II; Circuitos Artísticos I e II; Desenho III e IV; Pintura III e IV; Desenho Projetivo I e II;
- c) **3ª série:** Organização do Trabalho Pedagógico; Estágio Supervisionado I; Laboratório de Recursos Pedagógicos; Projeto de Pesquisa em Artes Visuais; História da Arte Brasileira; História da Arte III; Gravura I e II; Arte Eletrodigital I e II;

d) **4ª série:** Estágio Supervisionado II; Libras; Web Aprendizado; Trabalho de Conclusão de Curso; História da Arte IV; Fotografia I e II; Escultura I e II.

Conforme o disposto na Resolução CNE/CP nº 02/2019, algumas disciplinas abarcam a prática pedagógica, isso será descrito nas tabelas posteriores contidas nesse documento. Também deve-se destinar até 20% (vinte por cento) da carga total para as aulas semipresenciais. Essa metodologia é uma opção significativa para viabilizar a formação docente, entendendo-a como um processo educacional bidirecional, mediatizado por recursos humanos e tecnológicos que viabilizam a interação entre educadores e estudantes. As disciplinas semipresenciais são ofertadas parcialmente, desde que não ultrapassem 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, e as avaliações das disciplinas ofertadas nessa modalidade devem ser presenciais.

As disciplinas semipresenciais devem incluir métodos e práticas de ensino- aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos, assim como, devem prever encontros presenciais. Os sujeitos envolvidos no processo têm sua comunicação mediada por recursos didáticos sistematicamente organizados, combinados e veiculados em diversas mídias que possam suprir a distância física e auxiliar na construção do processo de aprendizagem. As diretrizes do desenvolvimento das aulas semipresenciais estão descritas em regulamento próprio, em consonância com os documentos institucionais da UNESPAR.

Nessa proposição de curso, ainda cabe mencionar que as diretrizes referentes às Ações Curriculares de Extensão (ACEs) compõem a seção posterior a esse documento. Mas, em suma, são ações extensionistas que envolvem a instituição, o campus, os estudantes e os professores no sentido de estabelecer um diálogo mais próximo e horizontalizado da universidade com a sociedade. Para isso, estão previstas cinco modalidades de ACEs para os cursos da UNESPAR.

O cumprimento da legislação para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana está previsto nas ementas das

disciplinas e das ACEs, preferencialmente nas ACEs II e III, também na disciplina obrigatória de Políticas Educacionais e História da Arte Brasileira, nas disciplinas optativas de Antropologia da Arte e Estudos Culturais, igualmente em Tópicos Especiais de Sociologia que abordem temas relacionados aos estudos decoloniais, ao Sul global e às epistemologias do Sul.

As normas legais para a Educação Ambiental estão pautadas no desenvolvimento dos conteúdos programáticos das disciplinas práticas que utilizem ateliers de produção artística. O atendimento a essas normas está previsto nos regulamentos dos Laboratórios de Gravura, Pintura, Escultura, Fotografia, Eletrodigital, Laboratório de Cor e Laboratório Experimental de Vídeo (L.EX.VIDEO). Tal temática também poderá ser contemplada nas ACEs II e III.

No âmbito da Educação em Direitos Humanos, definido como o direito a todos os cidadãos sem discriminação à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre outros, e considerando que direitos humanos são prerrogativas da vida em sociedade e devem balizar todas as ações e conteúdos do cotidiano universitário, para as quais a instituição deve contemplar práticas de manutenção e zelo desses direitos, seja nas práticas curriculares, seja nos projetos de pesquisa ou nas atividades extensionistas, o Campus de Curitiba I – EMBAP desenvolve, junto ao Centro em Direitos Humanos da UNESPAR (CEDH), um trabalho de atendimento à comunidade acadêmica, que deve, além disso e por meio de ACEs, ampliar o alcance dessa proposta junto ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, à comunidade acadêmica e externa à UNESPAR.

Cabe destacar que é recorrente entre os artistas visuais, ao longo da história da arte, o engajamento social tendo como pauta os direitos humanos, visto que não são poucas as obras, exposições, manifestações do meio artístico que denunciaram e denunciam crimes contra a humanidade em vários setores da sociedade, desde tempos mais remotos como fez Goya, na Espanha, ou na atualidade, no Brasil, as artistas Rosana Paulino, Adriana Varejão, Marcela Cantuária e Nina Caetano.

Isso significa que a arte não está apartada das questões sociais, é um vetor de comunicação que promove os direitos humanos e o princípio da liberdade de grupos ou indivíduos, condição básica à produção artística. Nesse sentido, esse tema estará presente como conteúdo na disciplina obrigatória de História da Arte III e IV e nas disciplinas optativas Tópicos Especiais de História da Arte: Mulheres e Relações de Gênero, Educação Inclusiva e Direitos Humanos.

Quanto à articulação entre ensino, pesquisa e extensão, esta deve ser efetuada por intermédio do desenvolvimento de projetos institucionais e interinstitucionais que incentivem a colaboração entre a universidade e os espaços diversos de ensino formal e informal das Artes Visuais no município de Curitiba e em demais regiões do país, nas modalidades on-line ou presencial. Envolvendo equipes multiprofissionais que possam compartilhar o trabalho de pensar, gerenciar e avaliar o ensino e as ações educativas com os professores em formação, docentes profissionais da área e a comunidade.

As ações educacionais e extensionistas poderão se ramificar na teia social para atender as demandas contemporâneas em diferentes cenários de ensino, como, por exemplo, escolas de educação básica, da rede pública e particular, escolas de artes plásticas, ateliers, galerias de arte, museus, cinemas, teatros e demais espaços dedicados à cultura.

5.2. AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem é aqui compreendida como instrumento de diagnóstico, de conscientização, de reflexão e pela proposição de novos caminhos, almejando alcançar a qualidade do complexo processo de ensino e aprendizagem em Arte. Assim, a avaliação constitui-se em um processo de desenvolvimento de competências e habilidades docentes e discentes.

A Resolução CNE/CP nº 02/2019, capítulo III, considera que “a avaliação dos

licenciandos deve ser organizada como um esforço em relação ao aprendizado e ao desenvolvimento das competências”. No mesmo artigo 23, § 1º, 2º e 3º, há as seguintes orientações:

As avaliações da aprendizagem e das competências devem ser contínuas e previstas como parte indissociável das atividades acadêmicas [1º parágrafo];

O processo avaliativo deve ser diversificado e adequado às etapas e às atividades do curso, distinguindo o desempenho em atividades teóricas, práticas, laboratoriais, de pesquisa e de extensão [2º parágrafo];

O processo avaliativo pode-se dar sob a forma de monografias, exercícios ou provas dissertativas, apresentação de seminários e trabalhos orais, relatórios, projetos e atividades práticas, entre outros, que demonstrem o aprendizado e estimulem a produção intelectual dos licenciandos, de forma individual ou em equipe [3º. parágrafo].

Destarte, o processo avaliativo se configura em um importante elemento constitutivo das práticas curriculares, sendo compreendido como instrumento que perpassa todas as instâncias da vida acadêmica curricular.

Assim, a avaliação do processo ensino e aprendizagem precisam estar em consonância com a concepção de currículo integrativo, de projeto coletivo e multidisciplinar articulado por meio das premissas sobre o que avaliar, como e quando avaliar, quem são os sujeitos avaliadores e avaliados e por que avaliar.

Quanto aos conteúdos e atividades desenvolvidos nas aulas semipresenciais se faz necessário estabelecer um sistema de organização da aprendizagem que leva em conta aspectos como:

- a) Os critérios de avaliação devem facultar ao estudante o retorno efetivo da avaliação docente, a fim de solucionar as principais dúvidas e expectativas do estudante, bem como proporcionar-lhe formas de desenvolvimento e aprimoramento da atividade proposta;
- b) Fornecer material didático que seja interativo e que propicie o diálogo necessário

no processo de análise e produção do conhecimento nas disciplinas que foram propostas.

A avaliação deverá ser presencial. Para tal, é necessário considerar o planejamento, a elaboração do material didático e o crescimento individual de cada estudante.

A avaliação excepcionalmente deve ser realizada a partir do sistema remoto, *on-line*, por exemplo, nos casos de restrições pandêmicas ou situações análogas como catástrofes, conflitos, guerras, entre outros, que exijam isolamento físico ou impossibilitem os estabelecimentos de ensino de abrigar estudantes e professores em espaços presenciais. Portanto, essa modalidade de ensino só será requisitada em casos de extrema necessidade, avaliadas e decididas pelo Governo Federal, pelo Estado do Paraná, pelas instâncias competentes da UNESPAR, respeitando a autonomia universitária e pelo colegiado do curso.

Organizada dessa maneira, a avaliação em Arte visa superar o papel de mero instrumento de medição da apreensão de conteúdos e busca propiciar aprendizagens acadêmica e socialmente significativas. Nesse sentido, a avaliação processual não deve estabelecer parâmetros comparativos entre os estudantes, mas diagnosticar as especificidades de aprendizagem individuais, por meio da produção de cada um, e contribuir para a sistematização dos conhecimentos e a compreensão mais efetiva da realidade.

Todas as ações avaliativas do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Campus de Curitiba I – EMBAP estarão em consonância com o Regimento Geral da UNESPAR, quando trata da avaliação do rendimento escolar:

Art. 76 A avaliação do rendimento escolar do aluno será feita em cada disciplina em função de seu aproveitamento verificado em provas e ou trabalhos escolares.

§ 1º São asseguradas ao professor, na verificação do rendimento escolar, liberdade e autoridade para formular e julgar questões no âmbito de sua competência.

§ 2º A verificação e registro de frequência são de responsabilidade do professor e seu controle será efetuado pelo Colegiado de Curso.

§ 3º Fica assegurado ao aluno o direito de requerer junto ao Colegiado de Curso revisão de provas escritas, no prazo de até três (03) dias úteis após a publicação dos resultados em Edital.

§ 4º O professor fará revisão da prova escrita na presença do aluno em dia e hora marcados pelo docente, num prazo máximo de até 07 (sete) dias úteis após o recebimento do requerimento.

§ 5º Se o aluno não concordar com o resultado da revisão feita pelo professor da disciplina, o Coordenador do Colegiado de Curso designará comissão especial (banca revisora) para efetuar a referida revisão que deverá ser feita na presença do aluno.

Art. 77 A frequência às aulas e demais atividades escolares em cada disciplina é obrigatória, vedado o abono de faltas, salvo os casos expressamente previstos em Lei.

Art. 78 As notas bimestrais e de exames finais serão expressas em pontos numa graduação de zero (0,0) a dez (10,0), permitida a fração de décimos.

Art. 79 A média final de aproveitamento do aluno no curso de regime seriado é o resultado da média aritmética dos pontos obtidos nos quatro bimestres cursados e no curso de regime semestral é a média aritmética dos pontos obtidos nos dois bimestres cursados.

Art. 80 Será aprovado na disciplina o aluno que obtiver média final igual ou superior a sete vírgula zero (7,0) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades escolares.

Art. 81 Presta exame final na disciplina o aluno que tem média final igual ou superior a quatro vírgula zero (4,0) e frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) devendo obter a média aritmética de seis vírgula zero (6,0) com a nota do

exame.

Parágrafo Único A média mínima exigida para aprovação em exame final será seis vírgula zero (6,0) da média aritmética entre a nota desse exame e a média das notas bimestrais.

Art. 82 Será reprovado em qualquer disciplina o aluno que, nela, não alcançar frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades escolares, independentemente da média final obtida, ou não conseguir nos bimestres escolares, as notas mínimas estabelecidas para prestação de exame final.

Art. 83 O aluno que não comparecer às provas ou demais verificações de aprendizagens ou ao exame final terá o direito a segunda oportunidade, desde que comprove impedimento legal, ou motivo de força maior, e venha requerê-la, via protocolo, junto a Coordenação do Colegiado de Curso, no prazo de três (03) dias úteis, a contar de sua realização.

Art. 84 A matrícula em cada série será permitida apenas aos alunos que tenham obtido aprovação nas disciplinas das séries anteriores, ressalvados os critérios de subordinação e de número de reprovação permitidos neste Regimento.

Parágrafo Único - O aluno promovido em regime de dependência deverá matricular-se obrigatoriamente nas disciplinas de que depende, condicionando-se a matrícula nas disciplinas da nova série ou período à compatibilidade de horários.

Art. 85 Os professores dispõem do prazo de seis (06) dias úteis para encaminhar ao Setor de Controle Acadêmico os resultados das provas primeiras bimestrais, de dois (02) dias úteis para encaminhar os resultados da última prova bimestral e de seis (06) dias úteis para encaminhar os dos exames finais.

Art. 86 Os Estágios Supervisionados, a Prática de Ensino e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) terão seus regulamentos propostos pelos Colegiados de Curso e aprovados pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, de conformidade com a legislação pertinente.

Art. 87 O aluno que ingressar na Universidade por outra forma que não a de matrícula inicial pela via do Concurso Vestibular ficará sujeito ao mesmo sistema, avaliação e aprovação dos demais alunos. O aluno que ingressar no Campus de Curitiba I – EMBAP, da UNESPAR, por outra forma que não a de matrícula inicial pela via do processo seletivo ficará sujeito ao mesmo sistema de avaliação e aprovação dos demais alunos.

6. PERFIL DO PROFISSIONAL – FORMAÇÃO GERAL

No campo educacional, o curso de Licenciatura em Artes Visuais atende a LDB nº 9698/1996 e habilita o egresso para o ensino de Artes Visuais na Educação Básica, assim como para as modalidades Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, pois ao egresso foi ofertado o desenvolvimento de estudos didáticos e estratégias pedagógicas que exploram criticamente a produção artística nas inter-relações entre arte, educação e tecnologia.

Também no campo educacional, o egresso está instrumentalizado para prestar pesquisa e consultoria para elaboração de materiais didáticos e pedagógicos voltados para o ensino das Artes Visuais. A sólida formação em poéticas artísticas e também em história e teoria da arte ampliam o campo de atuação do referido profissional, podendo o egresso atuar em instituições formais ou não formais, como museus, galerias, curadoria de exposições, centros comunitários e ainda dedicar-se ao seu próprio trabalho artístico.

No cenário artístico, o egresso tem competência para realizar diagnósticos culturais no planejamento e desenvolvimento de projetos artísticos em Artes Visuais. Também pode compor projetos coletivos e individuais na área, incluindo aqueles que podem ser viabilizados por meio de leis de incentivo à cultura. Também poderá contribuir com análises junto a perícias técnicas sobre falsificação e plágio de obras de arte,

colaborando com os órgãos competentes no tema. Soma-se ainda, que o egresso agrega a possibilidade da continuidade na pesquisa acadêmica nos cursos de pós- graduação, seja no campo educacional, artístico ou áreas afins como História, Sociologia, Antropologia e Filosofia. Com a conclusão da formação no nível de pós- graduação (mestrado e doutorado), o egresso está apto a lecionar no ensino superior e desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Para isso, o perfil do profissional formado no curso de Licenciatura em Artes Visuais deve primar pelas questões abaixo relacionadas.

Conhecimento profissional:

- **Competências:** dominar os objetos de conhecimento; criar estratégias adequadas para ensiná-los da melhor forma possível; reconhecer como os estudantes aprendem, considerando os contextos históricos, políticos, sociais, econômicos, a estrutura, a organização, as gerências e os governos relacionados aos sistemas educacionais.
- **Habilidades:** compreender como os objetos de conhecimentos se articulem aos contextos socioculturais dos estudantes, para propiciar aprendizagens significativas e mobilizar o desenvolvimento de competências gerais; compreender como o pensamento filosófico e histórico influencia a organização da escola, os sistemas educacionais e as práticas educacionais.

Prática profissional:

- **Competências:** dominar as informações sobre a estrutura do sistema educacional brasileiro, as formas de gestão, as políticas e programas, a legislação vigente e as avaliações institucionais; planejar ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens; criar e saber gerir ambientes de aprendizagem; avaliar o desenvolvimento do educando para a aprendizagem e o ensino; conduzir as práticas pedagógicas dos objetos do conhecimento, das competências e habilidades.

- **Habilidades:** propor situações de aprendizagem desafiadoras e coerentes, de modo que se crie um ambiente de aprendizagem produtivo e confortável para os estudantes; organizar o ensino e a aprendizagem de modo que se otimize a relação entre tempo, espaço e objetos do conhecimento, considerando as características dos estudantes e os contextos de atuação docente; trabalhar de modo colaborativo com outras disciplinas, profissões e comunidades, local e globalmente.

Engajamento profissional:

- **Competências:** comprometer-se com o próprio desenvolvimento profissional; comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes ao colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender, sem julgamentos e juízos de valor; participar do projeto pedagógico da escola e da construção dos valores democráticos; engajar-se profissionalmente com as famílias e a comunidade.
- **Habilidades:** apresentar postura e comportamento éticos que contribuam para as relações democráticas na escola; construir um ambiente de aprendizagem saudável que incentive os estudantes a solucionar problemas, tomar decisões, aprender durante a vida e colaborar para uma sociedade em constante mudança; atentar nas diferentes formas de violência física e simbólica, bem como nas discriminações étnico-raciais praticadas nos espaços escolares ou mesmo nos ambientes digitais, além de promover o uso ético, seguro e responsável das tecnologias digitais; compartilhar responsabilidades e contribuir para a construção de um clima escolar favorável ao desempenho das atividades docente e discente.

7. ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura dos núcleos de formação deve estar de acordo com as diretrizes curriculares de cada curso e as legislações complementares. A carga horária deve ser

expressa em horas e o padrão é de 30, 60, 90, 120, 180 e 210 horas para disciplinas que correspondem a 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 aulas semanais durante um ano letivo respectivamente. Para estágios, TCC e AAC não é necessário seguir o padrão das aulas.

As disciplinas são ofertadas no regime misto (anual e semestral) e as aulas devem ter duração de 50 minutos de acordo com a seguinte proporção:

HORAS ANUAIS	AULAS ANUAIS	AULAS SEMANAIS POR SEMESTRE ¹	AULAS SEMANAIS POR ANO ²
15	18	1	-
30	36	2	1
45	54	3	-
60	72	4	2
75	96	5	-
90	108	6	3
105	126	7	-
120	144	8	4

¹ As aulas serão ofertadas durante 18 semanas letivas

² As aulas serão ofertadas durante 36 semanas letivas

7.1. CURRÍCULO PLENO

DESDOBRAMENTO DOS NÚCLEOS DE FORMAÇÃO EM COMPONENTES CURRICULARES			
NÚCLEO DE FORMAÇÃO	TIPO ³	COMPONENTES CURRICULARES	C/H hora relógio
Grupo I - compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais.	DIS	História e Sociologia da Educação - Presencial - 1º série	90h
	DIS	Psicologia da Educação - Presencial - 1º série – ACE I	60h
	DIS	Didática: 1º ano - Presencial - PPED	90h
	DIS	Políticas Educacionais - Presencial - 2º série	60h
	DIS	Fundamentos e Metodologias do Ensino das Artes Visuais - Presencial - 2º série	90h
	DIS	Organização do Trabalho Pedagógico - Presencial - 3º série - PPED	90h
	DIS	Laboratório de Recursos Pedagógicos – Ead Parcial - 3º série - PPED - ACE I-	90h
	DIS	Libras - Presencial - 4º série	60h

³ Tipo do componente curricular: Dis - Disciplina, AAC - Atividade Acadêmica Complementar, Est – Estágio, TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

	DIS	Web-aprendizado – Semi-presencial - 4ª série - PPED – ACE I	120h
	DIS	Estágio Supervisionado I	60h
	DIS	Estágio Supervisionado II	60h
SUB-TOTAL MÍNIMO 800 HORAS RELÓGIO			870 HORA RELÓGIO
Grupo II – compreende a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico dos conteúdos.	DIS	Fundamentos da Linguagem Visual I - presencial - 1ª série - PPED - ACE I -	45h
	DIS	Fundamentos. da Linguagem Visual II - presencial - 1ª série - PPED - ACE I	45h
	DIS	Filosofia - Presencial - 1ª série	60h
	DIS	Introdução ao Trabalho de Pesquisa - Presencial - 1ª série - ACE I	60h
	DIS	Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais - Presencial - 2ª série	90h
	DIS	Projeto de Pesquisa em Artes Visuais - Presencial - 3ª série	60h
	TCC	Trabalho de Conclusão de curso - Componente Curricular - 4ª série- ACE I	60h
	DIS	História da Arte I - Presencial - 1ª série	90h
	DIS	História da Arte II - Presencial - 2ª série	90h
	DIS	História da Arte III - Presencial - 3ª série	90h

DIS	História da Arte IV - Presencial - 4º série	90h
DIS	História da Arte Brasileira - Presencial - 3º série	90h
DIS	Desenho I - Presencial - 1º série - Pped	60h
DIS	Desenho II - Presencial - 1º série - Pped	60h
DIS	Desenho III - Presencial - 2º série - Pped	45h
DIS	Desenho IV - Presencial - 2º série - Pped	45h
DIS	Pintura I - Presencial - 1º série - Pped	45h
DIS	Pintura II - Presencial - 1º série - Pped	45h
DIS	Pintura III - Presencial - 2º série - Pped	45h
DIS	Pintura IV - Presencial - 2º ano - Pped	45h
DIS	Desenho Projetivo I - Presencial - 2º série - ACE I	30h
DIS	Desenho Projetivo II - Presencial - 2º série - ACE I	30h
DIS	Circuitos Artísticos I - Presencial - 2º série - ACE I	30h
DIS	Circuitos Artísticos II - Presencial - 2º série - ACE I	30h
DIS	Gravura I - Presencial - 3º série - ACE I - Pped	60h
DIS	Gravura II - Presencial - 3º série – ACE I - Pped -	60h

	DIS	Arte Eletrodigital I - Presencial - 3º série	30h
	DIS	Arte Eletrodigital II - Presencial - 3º série	30h
	DIS	Fotografia I - Presencial - 4º série	45h
	DIS	Fotografia II - Presencial - 4º série	45h
	DIS	Escultura I - Presencial - 4º série - Pped	60h
	DIS	Escultura II - Presencial - 4º série - Pped	60h
	DIS	Sociologia da Arte - Semi-presencial - 4º série	90h
	DIS	Optativa I - 2a série - Presencial	60h
	DIS	Optativa II - 3a série - Presencial (semestral)	45h
	AAC	Atividades Complementares	200h
SUB-TOTAL MÍNIMO 2000 HORAS RELÓGIO			2165 HORA RELÓGIO
Grupo III: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora.	EST	Estágio Supervisionado I - 60h da disciplina de Estágio Supervisionado já contabilizada no Grupo 1. ACE I – 25h no campo de estágio	140
	EST	Estágio Supervisionado II - 60h da disciplina de Estágio Supervisionado já contabilizada no Grupo 1. ACE I – 40h no campo de estágio	140
SUB-TOTAL			280

TOTAL GERAL MÍNIMO 3200 HORAS RELÓGIO	3315 HORA RELÓGIO
---------------------------------------	-------------------------

7.1.1. DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE FORMAÇÃO EM ATIVIDADES E COMPONENTES CURRICULARES AO LONGO DO CURSO - MATRIZ CURRICULAR

7.1.2. Primeira série

COMPONENTE CURRICULAR			CARGA HORÁRIA					
TIPO ⁴	1ª Série - DESCRIÇÃO ⁵	OFERTA ⁶	TEÓRICA ⁷	PPed ⁸	PPed em ACE ⁹	ACE ¹⁰	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL ¹¹
DIS	<u>História e Sociologia da Educação</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h

⁴Tipo do componente curricular: **Dis** - Disciplina, **AAC** - Atividade Acadêmica Complementar Est – Estágio, TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

⁵Descrição do componente curricular

⁶Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total**(disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial),e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos)

⁷Carga horária **teórica** em horas do componente curricular.

⁸ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em horas.

⁹ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

¹⁰Carga horária de Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular

¹¹Carga horária total em horas do componente curricular (soma das colunas 4, 5, 6 e 7 na linha do componente curricular).

DIS	<u>Psicologia da Educação</u>	Presencial	45h	-	-	15h	-	60h
DIS	<u>Fundamentos da Linguagem Visual I</u>	Presencial	15h	15h	-	15h	-	45h
DIS	<u>Fundamentos da Linguagem Visual II</u>	Presencial	15h	15h	-	15h	-	45h
DIS	<u>Introdução ao Trabalho de Pesquisa</u>	Presencial	30h	-	-	30h	-	60h
DIS	<u>História da Arte I</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>Desenho I</u>	Presencial	12 h	15h	-	-	33h	60h
DIS	<u>Desenho II</u>	Presencial	12h	15h	-	-	33h	60h
DIS	<u>Pintura I</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Pintura II</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Filosofia</u>	Presencial	60h	-	-	-	-	60h
DIS	<u>Didática</u>	Semi-presencial = 30h *Incluídas nas 60h da teórica	60h	30h	-	-	-	90h
CARGA HORÁRIA ANUAL			453h	120h	-	75h	102h	750h

[1] A disciplina de Políticas Educacionais terá oferta de 30 horas presenciais em horário regular de aulas e 30 horas em educação à distância.

7.1.3. Segunda série

COMPONENTE CURRICULAR			CARGA HORÁRIA					
TIPO ¹²	2ª Série - DESCRIÇÃO ¹³	OFERTA ¹⁴	TEÓRICA ¹⁵	PPed ¹⁶	PPedem ACE ¹⁷	ACE ¹⁸	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL ¹⁹
DIS	<u>Políticas Educacionais</u>	Presencial	60h	-	-	-	-	60h
DIS	<u>Fundamentos e Metodologias do Ensino das Artes Visuais</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>História da Arte II</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>Circuitos Artísticos I</u>	Presencial	5h	-	-	25h	-	30h

¹²Tipo do componente curricular: **Dis** - Disciplina, **AAC** - Atividade Acadêmica Complementar **Est** – Estágio, **TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso.

¹³Descrição do componente curricular.

¹⁴Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total**(disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial),e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

¹⁵Carga horária **teórica** em horas do componente curricular.

¹⁶ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em horas.

¹⁷ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

¹⁸Carga horária de Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

¹⁹Carga horária total em horas do componente curricular (soma das colunas 4, 5, 6 e 7 na linha do componente curricular).

DIS	<u>Circuitos Artísticos II</u>	Presencial	5h	-	-	25h	-	30h
DIS	<u>Desenho Projetivo I</u>	Presencial	10h	-	-	10h	10h	30h
DIS	<u>Desenho Projetivo II</u>	Presencial	10h	-	-	10h	10h	30h
DIS	<u>Desenho III</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Desenho IV</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Pintura III</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Pintura IV</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Optativa</u>	Presencial	60h	-	-	-	-	60h
CARGA HORÁRIA ANUAL			468h	60h	-	70h	92h	690h

7.1.4. Terceira série

COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
-----------------------	---------------

TIPO ²⁰	3ª Série - DESCRIÇÃO ²¹	OFERTA ²²	TEÓRICA ²³	PPed ²⁴	PPed em ACE ²⁵	ACE ²⁶	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL ²⁷
DIS	<u>Organização do Trabalho Pedagógico</u>	Presencial	45h	45h	-	-	-	90h
DIS	<u>Laboratório de Recursos Pedagógicos</u>	Ead Parcial (30h)	40h	25h	-	25h	-	90h
EST	<u>Estágio Supervisionado I</u>	Presencial	35h	25h	-	-	-	60h ²⁸
DIS	<u>Projeto de Pesquisa em Artes Visuais</u>	Presencial	60h	-	-	-	-	60h

²⁰Tipo do componente curricular: **Dis** - Disciplina, **AAC** - Atividade Acadêmica Complementar, **Est** – Estágio, **TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso.

²¹Descrição do componente curricular.

²²Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total**(disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial),e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

²³Carga horária **teórica** em horas do componente curricular.

²⁴ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em horas.

²⁵ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

²⁶Carga horária de Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

²⁷Carga horária total em horas do componente curricular (soma das colunas 4, 5, 6 e 7 na linha do componente curricular).

²⁸ As 60 horas de Estágio Supervisionado I serão computadas no total das 200 horas de estágio obrigatório da terceira série.

DIS	<u>História da Arte III</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>História da Arte Brasileira</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h
DIS	<u>Arte Eletrodigital I</u>	Presencial	5h	-	-	-	25h	30h
DIS	<u>Arte Eletrodigital II</u>	Presencial	5h	-	-	-	25h	30h
DIS	<u>Gravura I</u>	Presencial	12h	15h	-	15h	18h	60h
DIS	<u>Gravura II</u>	Presencial	12h	15h	-	15h	18h	60h
DIS	<u>Optativa (semestral)</u>	Presencial	12h	-	-	-	33h	45h
CARGA HORÁRIA ANUAL			406h	100h	-	55h	119h	680h

7.1.5. Quarta série

COMPONENTE CURRICULAR			CARGA HORÁRIA					
TIPO 29	4ª Série - DESCRIÇÃO ³⁰	OFERTA ³¹	TEÓRICA 32	PPed ³³	PPed em ACE ³⁴	ACE ³⁵	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL 36
DIS	<u>Libras (Língua Brasileira de Sinais)</u>	Presencial	60h	-	-	-	-	60h
DIS	<u>Estágio Supervisionado II</u>	Presencial	20h	40h			-	60h ³⁷
DIS	<u>Web Aprendizado</u>	Semi-presencial = 30h * *Incluídas nas 70h da teórica	70h	30h	-	20h	-	120h
DIS	<u>História da Arte IV</u>	Presencial	90h	-	-	-	-	90h

²⁹Tipo do componente curricular: **Dis** - Disciplina, **AAC** - Atividade Acadêmica Complementar **Est** – Estágio, **TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso.

³⁰Descrição do componente curricular.

³¹Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total**(disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial),e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

³²Carga horária **teórica** em horas do componente curricular.

³³ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em horas.

³⁴ Carga horária de Prática Pedagógica como Componente Curricular (**PPed**) em Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

³⁵Carga horária de Atividades Curriculares de Extensão e Cultura (**ACE**) em horas do componente curricular.

³⁶Carga horária total em horas do componente curricular (soma das colunas 4, 5, 6 e 7 na linha do componente curricular).

³⁷ As 60 horas de Estágio Supervisionado II serão computadas no total das 200 horas de estágio obrigatório da quarta série.

DIS	<u>Escultura I</u>	Presencial	12h	15h	-	-	33h	60h
DIS	<u>Escultura II</u>	Presencial	12h	15h	-	-	33h	60h
DIS	<u>Fotografia I</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Fotografia II</u>	Presencial	12h	15h	-	-	18h	45h
DIS	<u>Sociologia da Arte</u>	Semi-presencial = 30h *Incluídas nas 60h da teórica	60h	30h	-	-	-	90h
CARGA HORÁRIA ANUAL			348h	120h	-	20h	102h	590h

7.1.6. Resumo da oferta

Ano / Série	CARGA HORÁRIA							
	TEÓRIC A	PPed	PPed na ACE	ACE C	PRÁTICA ARTÍSTICA	CAMPO DE ESTÁGIO	ATIVIDADE EXTERNA A UNIVERSIDADE	TOTAL
Primeira série	453h	120h	0h	75h	102h	-	-	750h
Segunda série	468h	60h	0h	70h	92h	-	-	690h
Terceira série	406h	100h	0h	80h	119h	-	-	705h

Quarta série	348h	120h	0h	60h	102h	-	-	630h
Estágio Supervisionado ** as cargas horárias teórica e ACE do Estágio Supervisionado são apenas demonstrativas nesta tabela, pois já estão contabilizadas nas 280h do campo de estágio = 400h	55h **	0h	0h	65 **	0h	280h	-	280h
Atividade Acadêmica Complementar	-	-	-	-	-		200h	200h
Trabalho de Conclusão de Curso	10h	-	-	50h	-	-	-	60h
TOTAL	1685h	400h	0h	335h	415h	280h	200h	3315h

- Entende-se esta soma como total geral, incluindo a carga horária por série, incluindo as disciplinas de Estágio Supervisionado I (60h) e II (60h), as AAC 200h e o Componente Curricular TCC (60h).

8. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

As disciplinas ofertadas no curso de Licenciatura em Artes Visuais são fruto de análise da documentação legal que regulamenta a formação de professores, as diretrizes curriculares para o ensino superior, a literatura científica, a prática cotidiana dos docentes, a percepção dos discentes e egressos e os currículos oficiais estão divididas em obrigatórias, optativas, eletivas e extracurriculares, conforme apresentado nas subseções a seguir.

8.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

As disciplinas obrigatórias estão apresentadas nos quadros a seguir, indicando o título, as cargas horárias para Atividade Prática como Componente Curricular (APCC) e os conteúdos teóricos, totalizando a oferta da disciplina em horas.

A contextualização de APCC e curricularização da extensão são tratadas em seção própria no corpo desse documento.

DISCIPLINA		ESTÁGIO SUPERVISIONADO I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	Prática Artística	TOTAL
35h	25h	-		-	60h
OFERTA ³⁸		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					

³⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

Investigação do campo de estágio, estágio de observação, estágio de participação e estágio de docência na Educação Básica. Projetos de ensino em instituição escolar e em espaços educativos não formais. Espaços de reflexão no campo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Instrumentos Norteadores do ensino de Arte.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, A. M. P. **A formação do professor e a prática de ensino**. São Paulo: Pioneira, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Currículo da Rede Estadual Paranaense - Arte**. Curitiba: SEED/DEB, 2019. Disponível em:

http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020/02/crep_arte.pdf

PETERSON, Sidiney; MIDORI, Amanda. **O ensino artístico que temos e o que queremos: posturas, histórias e experiências no Brasil e Portugal**. Porto: I2ADS edições, 2021.

VASCONCELLOS, Celso dos. **Planejamento: projeto de ensino - aprendizagem e projeto político - pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2000.

DISCIPLINA	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	Prática Artística	TOTAL
20h	40h	-		-	60h
OFERTA		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Estágio Supervisionado I			
EMENTA					
Investigação do campo de estágio, estágio de observação, estágio de participação e estágio de docência no Ensino Médio. Projetos de ensino em instituição escolar e em espaços educativos não formais. Espaços de reflexão no campo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Instrumentos norteadores do ensino de Arte.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GHEDIN, Evandro. Estágio com pesquisa . São Paulo: Cortez, 2015.					
GOHN, Maria da Glória. Educação não formal no campo das artes . São Paulo: Cortez, 2015					
HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho : o conhecimento como caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte . São Paulo: Perspectiva, 1991.					
BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos . Belo Horizonte: C/Arte, 1998.					
BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (orgs.). Arte educação como mediação cultural e social . São Paulo: UNESP, 2009.					
BRASIL. Linguagens, códigos e suas tecnologias . Secretaria de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o Ensino Médio; volume 1). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf					

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB's)**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Arte**. Curitiba: SEED/DEB, 2008. Disponível em: http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-12/dce_arte.pdf

DISCIPLINA		LABORATÓRIO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
40h	25h	-	25h	-	90h
OFERTA		Ead Parcial: 30h			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Conceitos e classificação dos recursos pedagógicos. Recursos pedagógicos e mediação no processo educativo. Suportes e materiais na produção de recursos pedagógicos. Investigação e projetos de produção de recursos pedagógicos para ensino e aprendizagem em Artes Visuais. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
HAIDT, Regina Célia Cazaux. Curso de Didática Geral. São Paulo: Editora Ática, 2006.					

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Mirian Celeste e outros. **Didática no ensino de Arte: língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer Arte**. São Paulo: FTD, 1998.

WONG, W. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NACCA, Regina Mazzocato. **Maquetes e miniaturas**. São Paulo: Editorial, 2006.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino**: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Editora Campus.

DISCIPLINA		FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					

Pressupostos teóricos e abordagens pedagógicas no campo do ensino e aprendizagem em Artes Visuais. História do ensino de Arte no Brasil. Interdisciplinaridade e multiculturalismo no ensino de Arte. Conhecimento sensível (categorias: imaginação, emoção, intuição, percepção e criação). O desenho infantil. O lúdico e o ensino de Arte. Inteligências múltiplas no ensino de Artes Visuais. A imagem no ensino de Arte. Cultura Visual e projetos de ensino. Avaliação em Arte.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino da Arte**: fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino da arte**: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam – a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC, 2002.

GARDNER, H. **As Artes e o desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. [s.l]: Mediação, 2007.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

DISCIPLINA		ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
45h	45h	-	-	-	90h
OFERTA		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
A organização do trabalho pedagógico na educação básica, nas suas etapas e modalidades. Os sujeitos da comunidade escolar, suas relações e o trabalho escolar. As formas da gestão escolar e o desafio da gestão democrática. Elementos da cultura escolar que impactam na organização da escola: projeto político-pedagógico, currículo, avaliação, tempos e espaços escolares, diferença e diversidade. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRANDÃO, Carlos da Fonseca. LDB: passo a passo . São Paulo: Avercamp, 2015.					
LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar : políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.					
SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade : uma introdução às teorias do currículo. Editora Autêntica, 1999.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, Maria Helena da Costa; AGUIAR, Maria Cecília Antunes de (orgs.). Organização do trabalho pedagógico e formação docente : caminhos da universidade em articulação com a educação básica. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.					

MAIA, Christiane Martinatti; SCHEIBEL, Maria Fani. **Didática e organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESBE Brasil S.A., 2009.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (orgs.). **Gestão, financiamento e direito à Educação: análise da LDB e da Constituição Federal**. São Paulo: Xamã, 2012.

DISCIPLINA		DIDÁTICA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	30h	-	-	-	90h
OFERTA ³⁹		Semi-presencial: 30h *incluída nas 60 horas da carga teórica			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
A relação pedagógica: professor, aluno, conhecimento e os diferentes aspectos do ensinar e aprender. Os sujeitos da educação. A identidade docente e a prática profissional. Projeto político-pedagógico. Tendências pedagógicas. Planejamento e organização do processo de ensino-aprendizagem. A formação docente e suas especificidades no mundo contemporâneo. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CANDAU, Vera Maria. A didática em questão . Petrópolis: Vozes, 2012.					
MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. Fundamentos de Didática . Curitiba: Intersaberes, 2012.					
VASCONCELLOS, Celso dos S. Coordenação do trabalho pedagógico : do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2013.					

⁶⁷ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 24.ed. Campinas: Papirus, 2011.

MORAES, Maria Célia Marcondes de (org.). **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DISCIPLINA		GRAVURA I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	15h	18h	60h
OFERTA ⁴⁰		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Processos técnicos, teoria e história da xilogravura. Noções básicas de gravura em madeira, linóleo, <i>frottage</i> e monotipia. Uso responsável e descarte adequado de materiais, visando o cuidado com o meio ambiente. Estudos das possibilidades expressivas obtidas na linguagem das artes gráficas, abrangendo a produção contemporânea incluindo Brasil e América Latina. Visitas a exposições ou acervos de gravura. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

⁶⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia de Pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

COSTELLA, Antonio. **Introdução à gravura e história da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; DO VALE, Marcio. **Oficinas**: gravura. Rio de Janeiro: Senac, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GRAVURA BRASILEIRA/Textos de Leon Kossovitz e Mayra Laudanna, Ricardo Resende. São Paulo: Cosac & Naify/Itaú Cultural, 2000.

HERSKOVITS, Anico. **Arte e técnica da xilogravura**. Pomar Editorial, 2005.

MARTINS, Itajahy. **Gravura – arte e técnica**. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.

MORAIS, Frederico. **Artes plásticas na América Latina**: do transe ao transitório. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

DISCIPLINA		GRAVURA II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	15h	18h	60h
OFERTA ⁴¹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Gravura I			
EMENTA					
Processos técnicos, teoria e história da gravura em metal, contemplando as técnicas diretas e indiretas. Uso responsável e descarte adequado de materiais, visando o cuidado com o meio ambiente. Estudo das possibilidades expressivas obtidas na linguagem das artes gráficas, abrangendo a produção contemporânea incluindo Brasil e América Latina. Visitas a exposições ou acervos de gravura. Espaço de reflexão sobre produção e/ou ensino da gravura. ACE: Disciplina com					

⁶⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia de pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

BUTI, Marco; LETYCIA, Anna (orgs.). **Gravura em metal**. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MARTINS FILHO, Carlo Botelho. **Introdução ao conhecimento da gravura em metal**. Rio de Janeiro: PUC, Solar Grandjean de Montigny, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Ades, Dawn. **Arte na América Latina**: a era moderna, 1820 – 1980. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

GRAVURA BRASILEIRA/Textos de Leon Kossovitz e Mayra Laudanna, Ricardo Resende. São Paulo: Cosac & Naify/Itaú Cultural, 2000.

MARTINS, Itajahy. **Gravura – arte e técnica**. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.

SCHARTZ, Jorge. **Fervor das vanguardas**: arte e literatura na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DISCIPLINA		DESENHO I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	33h	60h
OFERTA ⁴²		Presencial			

⁷⁰ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

PRÉ-REQUISITOS	
EMENTA	
Investigação do desenho pela observação: natureza morta, retrato, paisagem. Noções básicas de representação: planicidade, volume, luz e sombra, textura, materialidade, superfícies e materiais, espacialidade. Construção de uma rotina de produção. Análise do conceito de representação e <i>mímesis</i> a partir de textos de artistas clássicos e contemporâneos. Discussão do desenho como linguagem e expressão. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
FRAGOSO, Suely. O espaço em perspectiva . Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.	
NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Ensino do desenho : do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo. João Pessoa: UFPB, 2010.	
SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado : processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero : metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.	
LICHTENSTEIN, Jacqueline (Org.). A pintura : o desenho e a cor. São Paulo: Editora 34, 2004. Volume 9.	
SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação : construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.	

DISCIPLINA	DESENHO II
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	33h	60h
OFERTA ⁴³		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Desenho I			
EMENTA					
Investigação do desenho narrativo: cenas históricas, cotidiano, ficção. Representações de espaço. Noções básicas de composição, movimento e ritmo. Construção de uma rotina de produção e experimentação. Análise do conceito de representação e composição a partir de textos de artistas históricos e contemporâneos. Discussão do desenho como linguagem e expressão. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira . São Paulo: Lemos, 2002. FRAGOSO, Suely. O espaço em perspectiva . Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. DERDIK, Edith (Org.) Disegno. Desenho. Desígnio . São Paulo: Senac, 2007.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
LAGNADO, Lisette. Leonilson : São tantas as verdades. São Paulo: DBA /Companhia Melhoramentos,,1998. MARQUES, Maria Eduarda. Mira Schendel . São Paulo: Cosac & Naify, 2004. MUBARAC, Claudio. Sobre o desenho no Brasil . São Paulo: Editora da Cidade, 2019.					

DISCIPLINA	DESENHO III
------------	-------------

⁷² Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁴⁴		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Desenho I Desenho II			
EMENTA					
A autonomia do desenho como objeto expressivo e discursivo. Investigação de materiais e técnicas. Técnicas e suportes: desenho com lápis de cor, desenho com grafite, desenho com nanquim, tinta acrílica e/ou guache. Desenho no espaço para além dos suportes tradicionais. Análise do desenho contemporâneo a partir de textos de artistas contemporâneos. Autorretrato. Experimentação do desenho e de seus processos poéticos. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DERDIK, Edith (org.). Disegno. Desenho. Desígnio . São Paulo: Senac, 2007.					
ARCHER, Michael. Arte contemporânea : uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.					
MORAIS, Frederico. Cildo Meireles : algum desenho (1963-2008). Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2008. Catálogo de exposição.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BIENAL Internacional de São Paulo. Gil Vicente : Bienal Internacional de São Paulo. Recife: G. Vicente, 2002. Catálogo de exposição.					

⁷³ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DERDIK, Edith. **Linha do horizonte:** por uma poética do ato criador. São Paulo: escuta, 2001.

ELUF, Lygia (org.). **Fayga Ostrower.** Campinas: UNICAMP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011. Coleção Cadernos de Desenho.

LANCRI, Jean. **A parte de sombra na última obra de Marcel Duchamp:** oitenta notas ou sombras projetadas sobre Étant Donnés. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

LIMA, Sergio. **O corpo significa.** São Paulo: Edart, 1976.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASSERON, René. Da estética à poética. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 103-116, nov. 1997.

Bienal Internacional de São Paulo. **Gil Vicente:** Bienal Internacional de São Paulo. Recife: G. Vicente, 2002. Catálogo de exposição.

LIMA, Sergio. **O corpo significa.** São Paulo: Edart, 1976. WILSON, Marjorie; WILSON, Brent. **Teaching children to Draw:** a guide for teachers and parents. Worcester, Massachusetts: Davis Publications, 2009.

DISCIPLINA		DESENHO IV			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁴⁵		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Desenho I			

⁷⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

	Desenho II Desenho III
EMENTA	
Experimentação em desenho e seus processos poéticos. O desenho como meio discursivo. O desenho gestual. Experimentações de técnicas e suportes. Investigação de materiais e técnicas em consonância com projetos poéticos. Análise do desenho contemporâneo a partir de textos de artistas. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
CALLAS, Gisella. A margem da linha . São Paulo: Cinerama Films, 2008.	
DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCOCK, Gregory. A nova arte . São Paulo: Perspectiva. 1986. p. 71-74.	
ELUF, Lygia (org.). Iberê Camargo . Campinas: UNICAMP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013. Coleção Cadernos de Desenho.	
REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. Porto Arte , Porto Alegre, a. 6, v. 7, n. 13, p. 123-140, 1996.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ELUF, Lygia (Org.). Marcelo Grassmann . Campinas: UNICAMP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. Coleção Cadernos de Desenho.	
SCOVINO, Felipe. Arquivo Contemporâneo . Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.	
ISODA, Gil. Sobre desenho : estudo teórico-visual. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Design e Arquitetura) FAUUSP. São Paulo, 2013. 116 f.	
PFÜTZENREUTER, Edson do Prado. Desenho como Documento de Processo Criativo. Manuscrita – Revista de Crítica Genética, São Paulo, v. 10, p. 187- 196, 2002.	

DISCIPLINA	PINTURA I
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁴⁶		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Discussão da pintura como linguagem e expressão trabalhando os fundamentos da linguagem pictórica. Noções de uso de materiais, ferramentas e suportes com orientação sobre o descarte adequado dos materiais residuais. Rotina de trabalho em ateliê conhecendo e investigando os gêneros pictóricos, tais como paisagem, retrato e natureza morta. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALBERTI, L. Da pintura . São Paulo: UNICAMP, 1992.					
LICHTENSTEIN, Jacqueline. A Pintura : textos essenciais. São Paulo: Editora 34, 2004.					
MAYER, Ralph. Manual do artista de técnicas e materiais . São Paulo: Martins Fontes, 1999.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
SILVEIRA, Luciana Martha. Introdução à teoria da cor . Curitiba: UTFPR, 2011.					
WOLLHEIM, Richard. A pintura como arte . São Paulo: Cosac & Naify, 2002.					
AMARANTE, L. A pintura no Brasil . São Paulo: Unicamp, 1992.					

DISCIPLINA		PINTURA II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h

⁷⁶ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

OFERTA⁴⁷	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	Pintura I
EMENTA	
Discussão da pintura como linguagem e expressão. Rotina de trabalho de atelier a partir da investigação dos aspectos narrativos da pintura, do estudo prático- teórico de cenas históricas, de cotidiano e ficcionais, contemplando a discussão de suas diversas espacialidades. Análise crítica da produção plástica e textual de artistas históricos e contemporâneos. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
LÉGER, Fernand. Funções da pintura . São Paulo: Nobel, 1990.	
MOTTA, Edson. Fundamentos para estudo da pintura . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.	
OLIVEIRA, Valdevino Soares de. Poesia e pintura : um diálogo em três dimensões. São Paulo: UNESP, 1999.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
PELED, Yftah. Metodologias em Poéticas Visuais. Porto Arte , Porto Alegre, v. 19, n. 33, nov. 2012. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/44073/27686 >. Acesso em 14 set. 2016.	
PEPIN, A. História da pintura . Rio Grande: UFGS, 1994.	
READ, Hebert. História da pintura moderna . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1980.	

DISCIPLINA	Pintura III
CARGA HORÁRIA	

⁷⁷ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁴⁸		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Pintura I Pintura II			
EMENTA					
Desenvolvimento de produção poética em pintura. Análise crítica da produção plástica e textual de artistas históricos e contemporâneos. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CHIPP, Herschel B. Teorias da arte moderna . São Paulo: Martins Fontes, 1996. MORAES, Angélica de. Pintura reencarnada . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Paço das Artes, 2005. O'DOHERTHY, Bryan. No interior do cubo branco : a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ALBERS, Josef. A interação da cor . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. ANJOS, Moacir dos. Crítica, Moacir dos Anjos . Rio de Janeiro: Automática, 2010. PASTA, Paulo. A educação pela pintura . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.					

DISCIPLINA		Pintura IV			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h

⁷⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

OFERTA⁴⁹	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	Pintura I Pintura II Pintura III
EMENTA	
Desenvolvimento de produção poética em pintura. Análise crítica da produção plástica e textual de artistas históricos e contemporâneos, contemplando Brasil e América Latina. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
DIDI-HUBERMAN, Georges. A pintura encarnada. São Paulo: Escuta, 2012. GIANNOTTI, Marco (org.). Reflexões sobre a cor. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021. MORAIS, Frederico. Artes plásticas na América Latina: do transe ao transitório. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ADES, Dawn. Arte na América Latina: a era moderna, 1820 – 1980. São Paulo: Cosac & Naify, 1997. LEGER, F. Funções da pintura. São Paulo: Nobel, 1990. LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). A pintura: o artista, a formação e a questão social. São Paulo: Editora 34, 2013. Volume 12. LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). A pintura: Vanguardas e rupturas. São Paulo: Editora 34, 2014. Volume 14.	

DISCIPLINA	ESCULTURA I
-------------------	--------------------

⁷⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	33h	60h
OFERTA ⁵⁰		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Elementos constitutivos, sintéticos e qualidades específicas da expressão tridimensional. Desenvolvimento de técnicas básicas de escultura: modelagem e processos de construção a partir de ações como corte, dobra, empilhamento, apoioamento e equilíbrio. Propostas de representação de figura humana. Estruturações abordando as qualidades expressivas dos materiais. Uso responsável e descarte adequado de materiais, visando o cuidado com o meio ambiente. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna . São Paulo: Martins Fontes, 2007.					
READ, Herbert. Escultura moderna : uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.					
WITTKOWER, Rudolf. Escultura . São Paulo: Martins Fontes, 2001.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
TASSINARI, Alberto. O espaço moderno . São Paulo: Cosac & Naify, 2006.					
BRITO, R. Neoconcretismo : vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.					
COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs.). Escritos de artistas : anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.					

DISCIPLINA	ESCULTURA II
------------	--------------

⁸⁰ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	33h	60h
OFERTA ⁵¹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Escultura I			
EMENTA					
Apresentação de técnicas de reprodução tradicionais da escultura. Moldes de forma perdida e moldes para múltiplos. Fundição em cera, gesso, argila e outros materiais. Proposições de construção de poética pessoal abrangendo noções de cópia e serialização. Estudos teóricos sobre noção de autoria em arte, originalidade e cópia. Uso responsável e descarte adequado de materiais, visando o cuidado com o meio ambiente. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. BRITO, R. Neoconcretismo: Vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs.). Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. NAVES, Rodrigo. O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. TUCKER, William; MANFREDINI, Antonio; TRADUTOR. A linguagem da escultura: com 155 ilustrações. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.					

⁵¹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DISCIPLINA		CIRCUITOS ARTÍSTICOS I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
05h	-	-	25h	-	30h
OFERTA ⁵²		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Estudo do campo artístico local. Visitação às instituições locais de arte, monumentos, coleções, museus e ateliês, entre outros espaços de arte e seus agentes. Abordagem das possibilidades de atuação profissional. Construção de agenda e mapeamento dos eventos do campo artístico. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp: Zouk, 2003. MUSEU de Arte Contemporânea. Catálogo geral do Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2009.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AGUILAR, Nelson (org.). 23ª Bienal de São Paulo: Universalis. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1996. Catálogo de exposição. ANJOS, Moacir dos. Crítica, Moacir dos Anjos. Rio de Janeiro: Automática, 2010.					

⁵² Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

LIPPARD, Lucy R.; CHANDLER, John. A desmaterialização da arte [1967]. **Arte & ensaios**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 150-165, maio 2013.

DISCIPLINA		CIRCUITOS ARTÍSTICOS II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
05h	-	-	25h	-	30h
OFERTA ⁵³		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Circuitos Artísticos I			
EMENTA					
Discussão das diferentes áreas de atuação no campo artístico. Debates e palestras com professores, artistas e profissionais da área acerca de possibilidades de carreira profissionais. Panorama de editais artísticos e outras possibilidades de inserção do aluno nos circuitos artísticos. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
COCCHIARALE, Fernando. A (outra) arte contemporânea brasileira: intervenções urbanas micropolíticas. Revista do Programa de pós-graduação em artes visuais EBA , UFRJ, 2004.					
DE BONA, Theodoro. Curitiba – Pequena “Montparnasse” . Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2004.					
JUSTINO, Maria José. Modernidade no Paraná: do Andersen impressionista aos anos 60. In: Tradição contradição . Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte: Curitiba, 1986.					

⁸³ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

JUSTINO, Maria José. **50 Anos do Salão Paranaense de Belas Artes**. Curitiba: Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESCOTEGUY, Ana Carolina. Circuito da cultura/circuito de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, nov. 2007.

GREENBERG, C. **Arte e cultura**: ensaios críticos. 1961. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, F. F. dos. **Arte Contemporânea em diálogo com as mídias digitais**: concepção artística/curatorial e crítica. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2009.

DISCIPLINA		FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
15h	15h	-	15h	-	45h
OFERTA ⁵⁴		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Fundamentos para o estudo da forma: análise e sintaxe das formas, percepção visual da forma e do espaço e dinâmica da experiência visual. Bases para a formação de um pensamento espacial. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					

⁵⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. Tradução de Alvamar Helena Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VAZ, Adriana; SILVA, Rossano. **Fundamentos da linguagem visual**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 24. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DISCIPLINA		FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
15h	15h	-	15h	-	45h
OFERTA ⁵⁵		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Fundamentos da Linguagem Visual I			

⁵⁵ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

EMENTA					
Expressões gráficas de intenção construtiva: linguagem manual e introdução a tecnologias digitais. Teorias e conceitos para análise da obra de arte. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. Tradução de Alvamar Helena Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1998. VAZ, Adriana; SILVA, Rossano. Fundamentos da linguagem visual. Curitiba: Intersaberes, 2016.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984. JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 12. ed. Campinas: Papirus, 2008. MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia das Letras, 2011. OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 24. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.					

DISCIPLINA		DESENHO PROJETIVO I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
10h	-	-	10h	10h	30h

OFERTA⁸⁷	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	
EMENTA	
Desenvolver detalhamento técnico de obras de arte que possibilitem a participação em exposições. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
PRÍNCIPE, Jr; DOS REIS, Alfredo. Noções de geometria descritiva. São Paulo: Nobel, 1983. Volume 1. MACHADO, Ardevan. Geometria descritiva; teoria e exercícios. McGraw-Hill Medical, 1978. MONTENEGRO, Gildo. Inteligência visual e 3-D: compreendendo conceitos básicos da geometria espacial. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
MONTENEGRO, Gildo de A. Didática da geometria descritiva. Didática da geometria descritiva, 1985. MONTENEGRO, Gildo. Habilidades espaciais: exercícios para o despertar de idéias. Santa Maria: sCHDs, 2003. MONTENEGRO, Gildo Aparecido. Geometria descritiva. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1991. Volume 1. SILVA, Arlindo et al. Desenho técnico moderno. Grupo Gen-LTC, 2000.	

DISCIPLINA	DESENHO PROJETIVO II
-------------------	-----------------------------

⁸⁷ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
10h	-	-	10h	10h	30h
OFERTA ⁵⁷		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Desenho Projetivo I			
EMENTA					
Utilizar ferramentas analógicas e digitais para detalhamento técnico de obras de arte. Conhecer o conceito e a aplicação da expografia. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
PRÍNCIPE, Jr; DOS REIS, Alfredo. Noções de geometria descritiva . São Paulo: Nobel, 1983. Volume 1.					
MACHADO, Ardevan. Geometria descritiva; teoria e exercícios . McGraw-Hill Medical, 1978.					
MONTENEGRO, Gildo. Inteligência visual e 3-D : compreendendo conceitos básicos da geometria espacial. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
MONTENEGRO, Gildo de A. Didática da geometria descritiva. Didática da geometria descritiva , 1985.					
MONTENEGRO, Gildo. Habilidades espaciais : exercícios para o despertar de idéias. Santa Maria: sCHDs, 2003.					
MONTENEGRO, Gildo Aparecido. Geometria descritiva . São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1991. Volume 1.					
SILVA, Arlindo et al. Desenho técnico moderno . Grupo Gen-LTC, 2000.					

⁵⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DISCIPLINA		ARTE ELETRODIGITAL I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
05h	-	-	-	25h	30h
OFERTA ⁵⁸		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Histórico das artes eletrônicas e da digitalização da imagem. Reflexão em torno das transformações estéticas advindas da utilização artística dos dispositivos tecnológicos. Interação e simulação em obras de arte: conceito e aplicação. Apresentação de artistas seminais e suas pesquisas no campo das artes eletrodigitais. Proposição de práticas artísticas envolvendo procedimentos eletrodigitais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: GRÜNNEWALD, José Linho. A ideia do cinema . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.					
DOMINGUES, Diana. (org.). Arte, Ciência e Tecnologia : passado, presente e desafios. São Paulo: UNESP, 2008.					
DOMINGUES, Diana (org.). A arte no século XXI : a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

⁵⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BASBAUM, Ricardo Roelaw, **Manual do artista-etc.** Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2013.

DOMINGUES, Diana & VENTURELLI, Suzete. Cibercomunicação Cí-bridada no Continuum Virtualidade Aumentada e Realidade Aumentada: era uma vez... a realidade. **Revista Ars**, São Paulo, v. 1, p. 108-121, 2008.

DOURISH, Paul. Rematerializing the platform: emulation and the digital-material. In: PINK, S.; ARDEVOL, E.; LANZENI, D. (eds.). **Digital Materialities: Design and Anthropology**. Bloomsbury Academic, 2016.

KITTLER, Friedrich. **The truth of the technological world**. Stanford/Califórnia: Stanford University Press, 2013.

KITTLER, Friedrich. **Mídias ópticas**. Curso em Berlim, 1999. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

LAURENTIZ, Paulo. **A holarquia do pensamento artístico**. Campinas: Unicamp, 1991.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo: Edusp. 1993.

MILLER, D.; HORST, H. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: HORST, H.; D. MILLER (eds.). **Digital anthropology**. London: Bloomsbury. 2012.

SILVEIRA, G. A.; SANTOS, N. C. A interatividade como mediadora da compreensão da realidade virtual em Heartscapes, de Diana Domingues. In: Anais do **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)** (Cd-Rom). Salvador: EDUFBA, 2009. v. 17. p. 1934-1944.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Repensando a representação. Paisagens sígnicas**: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. New York: Schocken Books, 1975.

DISCIPLINA		ARTE ELETRODIGITAL II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
05h	-	-	-	25h	30h
OFERTA ⁵⁹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Arte Eletrodigital I			
EMENTA					
Poéticas tecnológicas e interfaces entre arte e ciência. A web como suporte para arte interativa e mídias úmidas. Técnicas híbridas como suporte para a arte contemporânea. Artes do corpo tecnológico e virtual. Circuitos e projetos expositivos contemporâneos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: GRÜNNEWALD, José Linho. A ideia do cinema . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. DOMINGUES, Diana (org.). Arte, ciência e tecnologia : passado, presente e desafios. São Paulo: UNESP, 2008. DOMINGUES, Diana (org.). A arte no século XXI : a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BASBAUM, Ricardo Roelaw, Manual do artista-etc . Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.					

⁵⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DOMINGUES, Diana & VENTURELLI, Suzete. Cibercomunicação Cí-bridada no Continuum Virtualidade Aumentada e Realidade Aumentada: era uma vez... a realidade. **Revista Ars**, São Paulo, v. 1, p. 108-121, 2008.

DOURISH, Paul. Rematerializing the platform: emulation and the digital-material. In: PINK, S.; ARDEVOL, E.; LANZENI, D. (eds.). **Digital materialities**: Design and Anthropology. Bloomsbury Academic, 2016.

KITTLER, Friedrich. **The truth of the technological world**. Stanford/Califórnia: Stanford University Press, 2013.

KITTLER, Friedrich. **Mí-dias ópticas**. Curso em Berlim, 1999. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

LAURENTIZ, Paulo. **A holarquia do pensamento artí-stico**. Campinas: Unicamp, 1991.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo, Edusp. 1993.

MILLER, D.; HORST, H. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: HORST, H.; D. MILLER (eds.) **Digital anthropology**. London: Bloomsbury. 2012.

SILVEIRA, G. A.; SANTOS, N. C. A interatividade como mediadora da compreensão da realidade virtual em Heartscapes, de Diana Domingues. In: Anais do **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)** (Cd-Rom). Salvador: EDUFBA, 2009. v. 17. p. 1934-1944.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Repensando a representação. Paisagens sí-gnicas**: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Television**: technology and cultural form. New York: Schocken Books, 1975.

DISCIPLINA	FOTOGRAFIA I
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁶⁰		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Fundamentos da Linguagem Visual I Fundamentos da Linguagem Visual II			
EMENTA					
Introdução à fotografia como imagem técnica. Mediação por aparelhos e percepção visual. Aspectos técnicos, históricos e teóricos da fotografia enquanto linguagem ao longo do século XIX e início do século XX. Técnicas básicas de fotografia através do conhecimento da câmera fotográfica, lentes, controles de exposição, fotometria, uso de iluminação artificial, composição e temperatura de cor. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios . Campinas, SP: Editora Papirus, 1993.					
SONTAG, Susan. Sobre fotografia . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.					
HEDGECOE, John. O novo manual de fotografia : guia completo para todos os formatos. São Paulo: Editora Senac, 2005.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BARTHES, Roland. A câmara clara : nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.					

⁹³ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Editora Papirus, 1993.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMÃO, Giovana Terezinha. **Fanny Paul Volk**: pioneira na fotografia de estúdio em Curitiba. 2010. 438 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25985>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BECCARI, Marcos. **Da câmara escura ao olhar sem precedentes**. 2014. Disponível em: <http://www.revistacliche.com.br/2014/09/da-camara-escura-ao-olhar-sem-precedentes/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVA, Nicolay Cauduro da; PETRY, Daniel Bassan; FERREIRA, Cristyelen Ambrozio. **Processos fotográficos alternativos**. 2019. Disponível em: https://eventos.ifrs.edu.br/index.php/Salao_IFRS/4salao/paper/view/8327. Acesso em: 23 fev. 2021.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac, 2009.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2012.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora Senac, 2010

DISCIPLINA		FOTOGRAFIA II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	Prática Artística	TOTAL
12h	15h	-	-	18h	45h
OFERTA ⁶¹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Fundamentos da Linguagem Visual I			

⁹⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

	Fundamentos da Linguagem Visual II
	Fotografia I
EMENTA	
Construção de sentido e narrativa na linguagem fotográfica através da produção artística. Apresentação de panorama histórico da fotografia na perspectiva das artes visuais ao longo do século XX até à contemporaneidade. Diferenças entre processos tradicionais, através da captação e revelação de fotografia analógica e processos fotográficos digitais. Processos alternativos e históricos fotográficos como formas de expressão artística. Manipulação básica na pós- produção da imagem digital: brilho, contraste, cor, arquivos de saída. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. CRARY, Jonathan. Técnicas do observador: visão e modernidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac, 2009.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas: Editora Papirus, 1993. DUBOIS, Philippe; FURTADO, Beatriz (orgs.). Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens. São Paulo: SESC, 2019. MANFORTE, Luiz Guimarães. A fotografia pensante. São Paulo: Senac, 1997.	

DISCIPLINA		WEB APRENDIZADO I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
70h	30h	-	20h	-	120h

OFERTA⁶²	Semi-presencial *30h incluídas na carga horária teórica (70h)
PRÉ-REQUISITOS	
EMENTA	
Conhecer ambientes de aprendizado virtual. Jogos digitais inseridos no ambiente de aprendizagem virtual (Gamificação). Conhecer ferramentas de gerenciamento para criação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA/LMS). ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1999. BARBOSA, Ana Mae. (org.) Inquietações e mudanças no ensino da Arte . São Paulo: Cortez, 2011. LÉVY, Pierre. Cibercultura . Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
HARASIM, L. On-line education : a new domain. In: MASON, R; KAYE, A. (Ed.). Mindweave: communication, computers and distance instruction. Oxford: Pergamon, 1989. LITTO, F. M. Guia Brasileiro de educação a distância . São Paulo: Esfera; 2000. PETERS, Otto. Didática do ensino a distância . São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001. SANTORO, F. Aprendizagem cooperativa apoiada por computador . Rio de Janeiro, COPPE/Sistemas/UFRJ. Setembro. Unpublished Report. Santos, N.	

⁹⁶ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

[1998a]. Ambientes de aprendizagem cooperativa apoiados em tecnologias da Internet. Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutorado. Departamento de Informática /PUCRio. Julho. Unpublished Report.

SEIXAS, C. A.; MENDES, I. A. C. **E-learning e educação a distância**: guia prático para implantação e uso de sistemas abertos. São Paulo: Atlas; 2006.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2a edição, 2017.

DISCIPLINA		HISTÓRIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁶³		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Fundamentos históricos da educação. História da Educação no Brasil e as tendências pedagógicas na prática escolar. Fundamentos sociológicos da Educação. Sociologia da Educação no Brasil.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MANACORDA, Mario A. História da Educação . São Paulo: Cortez, 2022.					
RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da Educação . Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.					

⁹⁷ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professores, adeus professoras**. São Paulo: Cortez, 2015.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**: Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2021.

DISCIPLINA		POLÍTICAS EDUCACIONAIS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	--	-	-	-	60h
OFERTA ⁶⁴		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Política, Estado e Democracia: relações com a educação e as políticas educacionais. Estrutura e organização da educação no Brasil. Legislação educacional brasileira. Planejamento, gestão e financiamento da educação no Brasil.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LESSARD, Claude. Políticas educativas : a aplicação na prática. Petrópolis: Vozes, 2016.					

⁹⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

PEGORINI, Diana Gurgel. **Fundamentos da educação profissional:** política, legislação e história. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Da LDB (1996) ao novo PNE (2014-2024):** por uma outra política educacional. 5. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2016.

SILVA, A. J. N. **Educação:** sociedade civil, estado e políticas educacionais. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das políticas educacionais, transformações e desafios.** Petrópolis: Vozes, 2011.

HOCHMAN, Gilberto; ARRETCHE, Marta; MARQUES, Eduardo (orgs.). **Políticas públicas no Brasil.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra (orgs.). **Educação Escolar:** políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Maria Abádia da; CUNHA, Célio da (orgs.). **Educação básica:** políticas, avanços e pendências. Campinas: Autores Associados, 2014.

DISCIPLINA		SOCIOLOGIA DA ARTE			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	30h	-	-	-	90h
OFERTA ⁶⁵		Semi-presencial *30h incluídas na carga horária teórica (60h)			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					

⁹⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

Relações entre arte e sociedade. Construção social do artista. Arte e cultura enquanto “meios de distinção”. Arte e globalização. Pped: Aproximações entre os conteúdos das artes visuais e a prática pedagógica na educação básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna**: Paris na arte de Manet e de seus seguidores. São Paulo, Companhia Das Letras, 2004.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**: elementos estruturais da sociologia da arte. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense: 1987..

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. In: **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. P. 205-215.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte**. São Paulo: Edusp, 2007.

CASTELNUOVO, Enrico. História social da arte I e II. In: **Retrato e sociedade na arte italiana**: ensaios de história da arte. Tradução de Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 147-249.

CIPINIUK, Alberto. Para lá do aparente: uma pequena reflexão sobre a história social da arte. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 30-36, 2003.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FREITAS, Artur. Apontamentos sobre a autonomia social da arte. **História Social**, Campinas, n. 11, p. 115-134, 2005.
- HADJINICOLAOU, Nicos. **História da arte e dos movimentos sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HEINICH, Nathalie. **A sociologia da arte**. Tradução de Maria Ângela Caselatto. Bauru: Edusc, 2008.
- MICELI, Sérgio. **Imagens negociadas**: retratos da elite brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

DISCIPLINA		PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
45h	-	-	15h	—	60h
OFERTA ⁶⁶		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
As estruturas psicológicas do desenvolvimento: A criança de zero a seis anos, a latência e a adolescência, os adultos e os idosos. Princípios Psicológicos do Desenvolvimento Humano que Fundamentam ou Interferem no Processo Ensino Aprendizagem, Especialmente as Teorias de Piaget e Vygotsky, em Relação ao Ensino da Arte. ACE: Disciplina com caráter extensionista, apresentando parte da carga horária com atividades voltadas para a comunidade em geral.					

¹⁰¹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARRARA, Kester (org.). **Introdução à psicologia da educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

DAVIS, Cláudia. **Psicologia na educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (orgs.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** em defesa do ato de ensinar. Campinas: Alínea, 2007.

AQUINO, Júlio Groppa; (org.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

LA TAILLE, Yves; PIAGET, Vygotsky. **Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DISCIPLINA		HISTÓRIA DA ARTE I			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁶⁷		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Estudo das representações visuais da Pré-História, Egito, Grécia, Roma, Idade Média, Gótico e início do Renascimento, com ênfase nas principais manifestações artísticas das Artes Visuais e apontamentos dos contextos históricos.					

¹⁰² Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DUBY, George. **História artística da Europa: a Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FOCILLON, Henri. **Arte do Ocidente: a Idade Média Românica e Gótica**. Lisboa: Estampa, 1980.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001. GOMBRICH, Ernst. **História da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AUBERT, Marcel. **O gótico no seu apogeu**. Lisboa: Verbo, 1983.
- DUBY, George. **O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)**. Tradução de José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- FUNARI, Pedro Paulo. O quotidiano romano nas paredes. In: **A vida quotidiana na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 69-94.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- CASTELNUOVO, Enrico. O artista. In: LE GOFF, Jacques (dir.). **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 145-162.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FAURE, Élie. **A arte antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HISTÓRIA Geral da Arte**. Espanha: Ediciones del Prado, 1986. 24 volumes.
- GARRAFFONI, Renata Senna. Arte parietal de Pompéia: imagem e cotidiano no mundo romano. **Domínios da imagem**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 149-161, nov. 2007.
- HOWART, Eva. **Breve história da arte: Grécia clássica**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- STRICKLAND, Lisa. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DISCIPLINA		HISTÓRIA DA ARTE II			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁶⁸		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		História da Arte I			
EMENTA					
Estudos das Artes Visuais a partir do Alto Renascimento até o Realismo no Ocidente, com ênfase nas principais representações artísticas das Artes Visuais e apontamentos dos contextos históricos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BURKE, Peter. O Renascimento . Lisboa: Texto & Grafia, 2008. HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura . Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998. JOHNSON, Paul. O Renascimento . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARGAN, Giulio Carlo. História da arte italiana . São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Volumes I, II e III. BAXANDAL, Michael. O olhar renascente : pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. BURCKARDT, Jacob. A cultura do renascimento na Itália : um ensaio. Companhia das Letras, 2009. CASTELNUOVO, Enrico. Retrato e sociedade na arte italiana : ensaios de história da arte. Tradução de Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.					

¹⁰⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CESATI, Franco. **Os Médicos**: história de uma dinastia europeia. Florença: Mandrágora, 1999.

GOMBRICH, Ernst. **História da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Volumes 1 e 2.

PARRAMÓN, José M. **A perspectiva na arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

SCHAMA, Simon. **Cidadãos**: uma crônica da Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Vovelle, Michelle. **A Revolução Francesa explicada para minha neta**. São Paulo: Unesp, 2007.

DISCIPLINA		HISTÓRIA DA ARTE III			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁶⁹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		História da Arte I História da Arte II			
EMENTA					
Estudo da história da arte do impressionismo do final do século XIX às vanguardas artísticas da primeira metade do século XX, em perspectiva relacional e dialógica com contextos sociais, econômicos, culturais e geográficos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

¹⁰⁵ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna**: Paris na arte de Manet e de seus seguidores. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HARRISON, Charles. **Modernismo**. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. Coleção Movimentos da Arte Moderna.

HARRISON, Charles; FRASCINA, F.; PERRY, Gill. **Primitivismo, Cubismo, Abstração**: começo do século XX. Tradução de Octacílio Nunes. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDERSON, Perry. **Modernidade revolução**. Tradução de Maria Lúcia Montes. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 14, fev. 1986.

ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna na Europa**: de Hogarth a Picasso. Tradução de Lorenzo Mammi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BEHR, Shulamith. **Expressionismo**. Tradução de Rodrigo Lacerda. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000. (Coleção Movimentos da Arte Moderna)

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **A arte dos regimes totalitários do século XX**: Rússia e Alemanha. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.

CLARK, T. J. **Modernismos**: ensaios sobre política, história e teoria da arte. Organização de Sônia Salzstein. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2007.

FABRIS, Annateresa. Entre a arte e a propaganda: fotografia e fotomontagem na vanguarda soviética. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 99-132, jan./jun. 2005.

FABRIS, Annateresa. Um olhar sob suspeita. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 107-140, jul./dez. 2006.

FER, Briony; BATCHELOR, David; WOOD, Paul. **Realismo, racionalismo, surrealismo**: a arte no entre-guerras. Tradução de Cristina Fino. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

FRANCINA, Francis et al. **Modernidade e modernismo**: a pintura francesa no século XIX. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

GOGH, Vicent Van. **Cartas a Théo**: Tradução de Pierre Ruprech. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 289-305.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUMPHREYS, Richard. **Futurismo**. Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. (Coleção Movimentos da Arte Moderna)

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. **Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2016.

MICHEL, Mario de. **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NICHOLAS, Lynn H. **Europa saqueada**: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NICOS, STANGOS. **Conceitos de arte moderna**: com 123 ilustrações. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

NOVAIS, Adauto (org.). **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RICHTER, H. **Dadá**: arte e anti arte. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RICKEY, George. **Concretismo**: origens e evolução. Tradução de Regina de Barros Carvalho. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

TIBURI, Marcia. O filósofo Arthur Danto como Andy Warhol. *Revista Redescritões*, a. 5, n. 2, p. 34-52, 2014.

TRIGO, Luciano. **A grande feira**: uma reação ao vale tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VKHUTEMAS: o futurismo em construção. São Paulo: Sesc, 2018. Catálogo da exposição.

WYNNE, Frank. **Eu fui Vermeer**: a lenda do falsário que enganou os nazistas. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DISCIPLINA		HISTÓRIA DA ARTE IV			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁷⁰		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		História da Arte I História da Arte II História da Arte III			
EMENTA					
Estudo da história da arte da segunda metade do século XX, em perspectiva relacional e dialógica com contextos sociais, econômicos, culturais e geográficos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea : uma introdução. Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.					
WOOD, Paul et al. Modernismos em disputa : a arte desde os anos quarenta. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARCHER, Michael. Arte contemporânea : uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.					
BATCHELOR, David. Minimalismo . Tradução de Célia Euvaldo. HUMPHREYS, Richard. Futurismo . Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999. Coleção Movimentos da Arte Moderna.					
CANTON, Katia. Corpo, identidade e erotismo . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.					

⁷⁰ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

- COSTA, Helouise; RINCON, Daniel (orgs.). **Arte degenerada – 80 anos**: repercussões no Brasil. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, 2018.
- DANTO, Arthur C. Marcel Duchamp e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea. **Ars (São Paulo)**, v. 6, n. 2, p. 14-28, 2008.
- DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus, 2006.
- DANTO, Arthur. O filósofo como Andy Warhol. **Ars (São Paulo)**, v. 2, n. 4, 2004.
- FABBRINI, Ricardo Nascimento. Anos 1970: da vanguarda a pós-vanguarda. **MODOS. Revista de História da Arte**. Campinas, v. 1, n. 3, p. 205-216, set. 2017. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/873>>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). **Escritos de Artistas**: anos 60/70. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo: Claridade, 2009.
- GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2006.
- GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (orgs.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HEINICH, Nathalie. Práticas de arte contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 373-390, out. 2014.
- HUMPHREYS, Richard. **Futurismo**. Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002. Coleção Movimentos da Arte Moderna.
- MCCARTHY, David. **Arte Pop**. Tradução de Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. Coleção Movimentos da Arte Moderna.
- NOVAIS, Adauto (org.). **Arte pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- WOOD, Paul. **Arte conceitual**. Tradução de Betina Bischof. HUMPHREYS, Richard. **Futurismo**. Tradução de Luiz Antônio Araújo. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002. Coleção Movimentos da Arte Moderna.

DISCIPLINA		HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h

OFERTA⁷¹	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	História da Arte I História da Arte II
EMENTA	
A incorporação do barroco europeu no Brasil do período colonial. A Missão Artística Francesa e os desdobramentos do neoclassicismo no Brasil no século XIX. A Semana de Arte Moderna de 1922 e desdobramentos. Arte concreta e neoconcreta. Arte conceitual. Arte de resistência e engajamento social e político a partir dos anos 1960 e 1970.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Cia das Letras, 2008. COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira no século XIX? São Paulo: Senac, 2005. CARDOSO, Rafael. Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
AMARAL, Aracy A. Artes plásticas na Semana de 22. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 1998. CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Américo e Tiradentes Esquartejado. 2005. 488 f. Tese (Doutorado em	

⁷¹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

CONDURU, R. **Oitocentos** – Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EDUR-UFRJ, 2010.

FREITAS, Artur. **Arte de guerrilha**: vanguarda e conceitualismo no Brasil. São Paulo: USP, 2013.

HERSTAL, Stanislaw. **Dom Pedro: estudo iconográfico**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/36-36-dom_pedro_estudo_iconografico. Acesso em 12 out. 2022. 6 volumes.

HISTÓRIAS afro-atlânticas: antologia. São Paulo: MASP, 2022.

HISTÓRIAS brasileiras. São Paulo: MASP, 2022.

KNAUSS, Paulo et al. **Revistas ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2011.

LOMBÁN, J. C. **Historia del arte latinoamericano**. Buenos Aires: Asociación Cultural Kilmes, 1994.

MICELI, Sergio. **Imagens negociadas**: retratos da elite brasileira (1920-40). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro**: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOLINA, Ana Heloísa. **A arte de Eliseu Visconti e a modernidade na Primeira República**. Londrina: Eduel, 2022.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles; MATTOS, Claudia Valladão de. **O Brado do Ipiranga**. São Paulo: Edusp; Museu Paulista, 1999.

PERIGO, Katiúcy. **Artes Visuais, história e sociedade**: diálogos entre a Europa e a América Latina. Curitiba: Intersaberes, 2016.

PROUS, André. **Arte pré-histórica do Brasil**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas**: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp, 2008.

TOWNSEND, Sarah J. Os elos do modernismo: raça, música e política no palco do Theatro Municipal. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 42, n. 90, p. 125-147, 2022.

CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷²		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Conceito de Filosofia. Atitude Filosófica. Lógica, Epistemologia e Filosofia da Ciência. Conhecimento e valores. Ética, Estética e Filosofia Política. Filosofia da Linguagem. Filosofia e sua história. A autonomia do discurso estético, conciliação entre razão e sensibilidade na modernidade. Introdução aos conceitos de Estética e Filosofia da Arte: Metafísica do Belo na Antiguidade Grega e Idade Média. O Problema Moderno do Gosto. Categorias Estéticas e Sistemas das Artes. Correntes Estéticas Contemporâneas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia . São Paulo: Editora. Ática, 2000.					
MARCONDES, D. Iniciação à História da Filosofia : dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.					
LACOSTE, Jean. A Filosofia da Arte . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BORHEIM, G. Introdução ao filosofar : o pensamento filosófico sobre as bases existenciais. Rio de Janeiro: Globo, 2009.					
KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas . São Paulo: Perspectiva, 2009.					
LAW. Os arquivos filosóficos . São Paulo: Martins Fontes, 2003.					
MOURA, V. Arte em teoria : uma antologia de estética. Húmus, 2009.					

¹¹² Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DISCIPLINA		LIBRAS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷³		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. Aquisição da linguagem pela criança surda. A história da surdez. A educação de surdos na perspectiva inclusiva X bilinguismo. Critérios de avaliação diferenciados dos alunos surdos/circular nº 277/1994-MEC. Decreto nº 5626/2005. Legislações que tratam da comunidade surda. O profissional tradutor e intérprete de Libras. A cultura surda. Comunicação e interação em Libras.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União : Seção 01, Brasília, DF, p.23 de 25/abril/2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras e dá outras providências.					
BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União : Brasília, DF. Seção 01 p.28 de 23/dezembro/2005. Regulamenta a Lei No. 10. 436 de 24/abril/2002.					
BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Diário Oficial da União : Brasília, DF, 2008.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

¹¹³ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BRANDÃO, F. **Dicionário ilustrado de Libras**. São Paulo: Global, 2011.

PACHECO, J. **Caminhos para a inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PERLIN, Gladis, STROBEL, Karin. **Disciplina de Fundamentos da Educação de Surdos**. UFSC, 2008.

SKLIAR, Carlos et al. **Educação & exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2013.

DISCIPLINA		INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE PESQUISA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE I	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
30h	-	-	30h	-	60h
OFERTA ⁷⁴		Presencial.			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Introdução ao trabalho de investigação relacionado às especificidades da pesquisa em e sobre as Artes Visuais, com ênfase nos aspectos teóricos e práticos da área. Apresentação das três linhas de pesquisa do LAV: Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais, Poéticas e Processos Artísticos e História e Teoria da Arte. Desenvolvimento da leitura e interpretação e produção de texto, a partir do processo de aprendizagem e exercício de produção de resumo, fichamento, resenha, levantamento/revisão bibliográfica e normas da ABNT. ACE I – Introdução teórica sobre extensão universitária e suas legislações.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BARROS, José D'Assunção. O uso dos conceitos: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2021.					

¹¹⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

MACHADO, Vilma et al. **Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT**. Curitiba: UFPR, 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/73330/Manual_de_Normalizacao_UFPR_2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 3 nov. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARANHA, Carmen; CANTON, Katia. **Desenhos da pesquisa**: novas metodologias em arte. São Paulo: MAC da USP, 2012.

BAZIN, Germain. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. 17. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. Tradução de Marília C. G. Carneiro e Déborah Maia de Lima. **Art Research Journal**, v. 1/1, p. 1-17, 2014.

GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E. H. Gombrich – notas sobre um problema de método. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RAMPLEY, Matthew. Art History and the politics of empire: rethinking the Vienna School. **The Art Bulletin**, College Art Association, v. 91, n. 4, p. 446-462, dez. 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

DISCIPLINA		LABORATÓRIO DE METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARTES VISUAIS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL

90h	-	-	-	-	90h
OFERTA ⁷⁵		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Introdução ao Trabalho de Pesquisa			
EMENTA					
Metodologia de pesquisa nas Artes Visuais, com ênfase nos aspectos teóricos e práticos da área. Aprofundamento do debate teórico/conceitual e metodológico/prático das linhas de pesquisa do LAV: Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais, Poéticas e Processos Artísticos e História e Teoria da Arte. Disciplina ministrada em 3 módulos, na seguinte ordem: 1) História e Teoria da Arte a partir do processo de institucionalização da disciplina no século XIX e desdobramentos no século XX; 2) Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais, com ênfase em cultura escolar e intelectuais do ensino de Arte; e 3) Poéticas e Processos Artísticos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte . São Paulo: Perspectiva, 1994.					
MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História . São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.					
REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. Porto Arte , Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS, n.13, v. 7, p. 81-95, nov. 1996.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARANHA, Carmen; CANTON, Katia. Desenhos da pesquisa : novas metodologias em arte. São Paulo: MAC da USP, 2012.					

⁷⁵ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

ARGAN, Giulio Carlo. A história da arte. In: **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 13-72.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Carlos Alberto. História visual: um balanço introdutório. In: BARBOSA, Carlos Alberto; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa Cultura e Política nas Américas**. Assis: Unesp Publicações, 2009. Volume 1. p. 72-85. Disponível em: <<https://leha.fflch.usp.br/sites/leha.fflch.usp.br/files/inline-files/CSP1.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

BARROS, José Costa d'Assunção. Por uma historiografia comparativa: uma análise das concepções de Riegl, Wölfflin e Didi-Huberman. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2008.

BAZIN, Germain. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004. COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, Fábio José Rodrigues da (org.). **Prática de investigação em arte e arte/educação: tensões entre aprendizagens e pesquisa**. Curitiba: CRV, 2020.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. Tradução de Marília C. G. Carneiro e Déborah Maia de Lima. **Art Research Journal**, v. 1/1, p. 1-17, 2014.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 34, p. 3-21, jul-dez/2004.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História oral e arte: narração e criatividade**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cidade, Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

ZANINI, Walter. Arte e história da arte. São Paulo, **Estudos Avançados**, 8 (22), 1994.

DISCIPLINA		PROJETO DE PESQUISA EM ARTES VISUAIS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷⁶		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Introdução ao Trabalho de Pesquisa Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais			
EMENTA					
Metodologia de pesquisa nas Artes Visuais, com ênfase nos aspectos teóricos e práticos da área. Desenvolvimento da leitura, interpretação e produção de texto a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa com definição e desenvolvimento do tema, do objeto, das justificativas, dos objetivos, do problema, das hipóteses, do referencial teórico-metodológico, das fontes de pesquisa, dos recortes temporal/cronológico e espacial/geográfico; levantamento e revisão bibliográfica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BARROS, José D'Assunção. O uso dos conceitos: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2021.					
ECO, Umberto. Como se faz uma tese. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. 17. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.					

⁷⁶ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

REY, Sandra. **Da prática à teoria**: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. Porto Arte, Porto Alegre, n.13, v. 7, p. 81-95, nov. 1996.

8.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS

Além das disciplinas obrigatórias, os estudantes da Licenciatura em Artes Visuais devem cumprir 105 horas na modalidade optativa que, segundo orientação da Pró-reitora de Graduação da Unespar,

[...] estão computadas na carga horária obrigatória total do Curso. Quando da exigência nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação, estas disciplinas devem ser ofertadas pelo próprio colegiado. Em caso de cursos em que esta exigência não ocorra, bem como daqueles que não possuem diretrizes próprias, ainda assim torna-se facultativo ao colegiado a oferta ou não destas disciplinas. As optativas representam uma oportunidade de aprofundamento e/ou direcionamento pelo estudante na área de estudo, devendo constar em um rol previamente definido no PPC do próprio Curso do estudante, incluindo a carga horária da disciplina. Anualmente, em período anterior à renovação da matrícula pelo estudante, cada colegiado deve propor ao Centro de Área no qual pertence, as disciplinas optativas as quais pretende ofertar. Como tais disciplinas compõem a carga horária obrigatória total do Curso, o colegiado, já no PPC, deve informar quantas disciplinas optativas deverão ser cursadas em cada período letivo (UNESPAR, 2017).

Atendendo a esses parâmetros, devem ser ofertadas, no turno do curso e anualmente, no mínimo 2 (duas) disciplinas optativas, a fim de viabilizar o cumprimento da carga horária.

Diferentemente das disciplinas obrigatórias, as disciplinas optativas apresentam ementas mais abertas, para atender as especificidades das pesquisas dos docentes e também podem ser ministradas por docentes com diferentes perspectivas epistemológicas.

DISCIPLINA		DIREITOS HUMANOS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷⁷		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Direitos humanos e direitos fundamentais: conceituação, contextualização, abrangência e crítica. Direitos humanos e noções de cidadania. Direitos humanos e políticas públicas. Direitos humanos como resultado de lutas sociais e políticas. Proteção dos direitos humanos e leis especiais de proteção a minorias e grupos vulneráveis. Direitos humanos e diversidade cultural. Direitos humanos como direitos culturais. Direitos humanos, arte e artistas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
HUNT, Lynn Avery. A invenção dos direitos humanos - uma história . Tradução de r. Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.					

⁷⁷ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

SOARES, Inês Virgínia Prado Soares; CUREAU, Sandra (org.). **Bens culturais e direitos humanos**. São Paulo: Edições SESC, 2015.

TOSI, Giuseppe (org.). **Norberto Bobbio**: democracia, direitos humanos e relações internacionais. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

A HISTÓRIA das avós: anos de busca / Avós da Praça de Maio. Tradução de Vania Ortiz Gonçalves. São Paulo: Unifesp, 2017.

AMARAL, Augusto Jobim; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima; BORGES, Rosa Maria Zaia (orgs.). **Direitos humanos e terrorismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

CANABARRO, Ivo dos Santos; STRÜCKER, Bianca. **Memória e direitos humanos: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

COMPARATO, Fabio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

CORREIA, Theresa Rachel Couto. Considerações iniciais sobre o conceito de direitos humanos. **Pensar**. Fortaleza, v. 10, n. 10, p. 98-105, fev. 2005.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto; BOTELHO, Isaura; SEVERINO, José Roberto (orgs.). **Direitos culturais**. Salvador: EdUFBA, 2018.

DOUZINAS, Costas. **O fim dos direitos humanos**. São Leopoldo: UNISINOS 2009.

HERRERA FLORES, Joaquín. **A reinvenção dos direitos humanos**. Tradução de Carlos Roberto Diego Garcia, Antônio Henrique Graciano Suxberger e Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HERRERA FLORES, Joaquín. **Teoria crítica dos direitos humanos**: direitos humanos como produtos culturais. São Paulo: Lumen juris, 2009.

JUBILUT, Líliliana Lyra; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Direito à diferença**: aspectos teóricos e conceituais da proteção às minorias e aos grupos vulneráveis. São Paulo: Saraiva 2013. Volume 1.

JUBILUT, Liliana Lyra; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Direito à diferença**: aspectos de proteção específica às minorias e aos grupos vulneráveis. São Paulo: Saraiva 2013. Volume 2.

JUBILUT, Liliana Lyra; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Direito à diferença**: aspectos institucionais e instrumentais de proteção às minorias e aos grupos vulneráveis. São Paulo: Saraiva 2013.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos**: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

OLIVÉ, León. **Multiculturalismo y derechos humanos**. México: Editorial Fontamara, 2014.

PADRÓS, Enrique Serra et al. I Jornada de Estudos sobre ditaduras e direitos humanos. Porto Alegre, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

PRIORI, Angelo (org.). **Cidadania, violência e direitos humanos**. Maringá: Diálogos, 2019. Volume 1.

PRIORI, Angelo; FELIPE, Delton Aparecido; PEREIRA, Márcio José (org.). **Conversas sobre direitos humanos e práticas educativas no espaço escolar**. Maringá: Edições Diálogos, 2019.

PUCCIA, Manzini Lauzane. Direitos humanos como disciplina curricular obrigatória. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18868/2/Lauzane%20Puccia%20Manzine.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

QUADRAT, Samantha Viz. A emergência do tema dos direitos humanos na América Latina. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha. (org.). **Ditadura e democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 361-394.

RAMOS, André de Carvalho. **Curso de direitos humanos**. São Paulo: Saraiva, 2014.

SANTANDER, Ugo Carlos (org.). **Memória e direitos humanos**. Brasília: LGE, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um activista dos direitos humanos**. Coimbra: Almedina. 2013.

SILVA, Adalene Ferreira Figueiredo de et al. **Gênero e direitos humanos**: perspectivas múltiplas. Porto Alegre: Editora Fi, 2022

TELES, Edson. Direitos humanos em disputa: entre as lutas sociais e as políticas públicas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; SILVA, Adriana A. (orgs.). **Sociologia da infância no Brasil II em tempos de pandemia e necropolítica**: pedagogias descolonizadoras reinventando novas formas de vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 147-162.

DISCIPLINA		ESTUDOS CULTURAIS			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷⁸		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Introdução à diversidade cultural brasileira: as heranças africanas ontem e hoje, a África contemporânea, as comunidades indígenas e quilombolas. Investigação das produções culturais e artísticas nas suas várias manifestações. A preservação e a dinamização do patrimônio material e imaterial das comunidades tradicionais, saberes e fazeres, memória e atuação contemporânea.					

BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
BRASIL. MEC. Ministério da Educação. Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana . Brasília, D.F: Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2012-pdf/10098-diretrizescurriculares . Acesso em: 10 dez. 2022.			
BRASIL. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE INFORMAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA “HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA” NOS CURSOS DE LICENCIATURA DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS . MEC, 2012. Disponível em:			

⁷⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2013-pdf/13940-produto-1-historiacultura-povos-indigenas-pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, A.L. & GRUPIONI, L.D. B. (org). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º Graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

PAIM, Paulo. Estatuto da igualdade racial. Brasília: Senado federal, 2006.

Disponível

em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/2/browse?rpp=20&offset=157&etal=-1&sort_by=1&type=title&starts_with=F&order=ASC. Acesso em: 10 dez. 2022.

UNESCO. História geral da África. 8 volumes. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_I.php. Acesso em: 10 dez. 2022.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, M. e MATTOS, H. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jul. 2008.

ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA, Maria Regina C. de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro, FGV, 2010

ARAÚJO, Joel Zito. **A força de um desejo**; a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. Revista USP, São Paulo: n. 69, mar./maio 2006.

BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/Secad; Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BARBOSA DE MATTOS, Nelma. **Arte afro-Brasileira. Identidade e artes visuais contemporâneas**. Paco e Littera, 2020.

CONRADE, Daniel. **A arte guarani-mbya de Guaraqueçaba, aldeia Kuaray Guata Porã**. Curitiba: Ed. do Autor, 2015.

CUNHA, Manuela C. da. (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GRIN, Mônica. A celebração oficial da nova diversidade no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 36-45, dez./fev. 2005-2006.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; FISCHMANN, Roseli; VIDAL Lux. (orgs.). Letras, 2000. KABENGELE, Munanga. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Autêntica, 2019.

LAGROU, Els. Antropologia e arte: uma relação de amor e ódio. Ilha. **Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 93-113, 2003.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência, Alteridade e Relação**. Vol.4. C/Arte, 2013.

LODY, Raul (coord.). **COLEÇÃO DE ARTE AFRICANA DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES**. Exposição Axé África. Colaboração de Maria Guimarães Dias, Ana Lúcia de Mattos. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

MALACHINI, Jovita Vitória Nascimento; PIETROVSKI, Rosamaria Petters (coord.); PAUPITZ, Gladys Marion; RETZLAFF, Grasiela. **Ritmo do Brasil: sua influência vinda da África**. Curitiba: [s.n.], 2006.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. São Paulo, Edusp, 2008.

MONIOT, H. **A História dos povos sem História**. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (org). História: novos problemas. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, A.L. & GRUPIONI, L.D. B. (org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MORAES, Pedro Rodolfo B. **O Jeca e a cozinheira: raça e racismo em Monteiro Lobato**. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 8, 1997.

MÜLLER, Graciela; SIELSKI, Isabela. **Tradição e inovação no universo simbólico da arte cesteira dos índios Mbyá-Guarani**. Curitiba: [s.n.], 2010.

MURRAY, Jocelyn. **África: o despertar de um continente**. Direção de José Luis Sánchez, Meritxell Almarza; Revisão de Raquel Grillo, Carlos Nougué; Tradução de Maria Cristina Zambotto et al. Barcelona: Folio, 2007.

NELSON AGUILAR (org.). **Mostra do redescobrimento: artes indígenas**. São Paulo: Fundação Bienal, 2000.

NICOLA, Norberto; DORTA, Sonia Ferraro. **Arte plumária do Brasil**. São Bernardo do Campo: [s.n.], 1982.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília, MEC/Secad, 2006.

ARAÚJO, Emanuel (curadoria). **Para nunca esquecer**: negras memórias, memórias de negros. Curitiba: MON, 2001.

PENA, Sérgio D.; BIRCHAL, Telma S.. **A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas**: pode a ciência instruir o etos social? Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 10-21, dez./fev. 2005-2006.

POVOS indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo, Edusp, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROCHA, Silvio. **Fragmentos Xetá**. [S.l.: s.n.], 2009.

SAMAIN, Etienne (orient.); VOSNIKA, Adriana Mosele. **Trançando a cultura Guarani**: o artesanato na Reserva de Rio D'Areia. Curitiba: [s.n.], 2006.

SILVÉRIO, Valter Roberto (coord.); ROCHA, Maria Corina; RICÓN, Mariana Blanco; BARBOSA, Muryatan Santana. **Síntese da coleção História da África**: século XVI ao século XX. Brasília: MEC, 2013. 2 volumes.

TAYLOR, A. C.; VIVEIROS DE CASTRO, E. V. de. Um corpo feito de olhares (Amazônia). **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 769-818.

TUGNY, Rosângela Pereira de. **Escuta e poder na estética Tikmu'um Maxakali**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI, 2011.

VIDOR, Elisabeth. **Capoeira**: uma herança cultural afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2013.

DISCIPLINA	ANTROPOLOGIA CULTURAL
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁷⁹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Introdução ao pensamento antropológico nos séculos XIX e XX. Investigação dos temas: alteridade e diversidade, identidade e poder, raça e gênero, dicotomia natureza x cultura.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. GELL, Alfred. A rede de Vogel : armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Arte e Ensaios, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001. MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do pacífico ocidental . São Paulo: Abril Cultural, 1976. Os Pensadores. p. 379-428.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ABALOS JUNIOR, José Luís. A vida nas paredes pobres : etnografia de processos visuais em contradição. In: 43º Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2019, Caxambu. Anais do 43º Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2019.					

⁷⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

ABREU, Regina. Tal antropologia qual museu? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 7, p.121-143, 2008.

ABU-LUGHOD, Lila; DO REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva; DURAZZO, Leandro. A Escrita contra a cultura. **Equatorial**, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Um convite à antropologia desenhada. **METAgaphias: metalinguagem e outras figuras**, v. 1, n. 1, p. 1, 2016.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Teodoro. Introdução; Antropologia e imagem: primeiros encontros; Outras histórias paralelas: Flaherty e Malinowski. In: **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, p.7-28, 2006.

CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo Cultural**. Jorge Zahar, 2005. CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Ubu Editora LTDA-ME, 2017.

CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 23, p. 69-89, 1994.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

CESARINO, Pedro; RJEILLE, Isabella; JABLONSKI, Daniel. **O curador como etnógrafo, o etnógrafo como curador**: entrevista com Pedro Niemeyer Cesarino por Isabella Rjeille e Daniel Jablonki. Curitiba: Máquina de escrever, p.3-30, 2012.

DABUL, Lígia. Artes plásticas em feira de artesanato: venda, criação e os olhos para ver a arte. **Sociologia & Antropologia**, v. 4, p. 163-183, 2014.

DAMAS, Vandimar Marques. O encantamento dos artefatos: trânsitos e mudanças de espaços e significados. **Visualidades**, v. 16, n. 1, 2018.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?** In: Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco Digital, s/p., 2012.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. Brasiliense, 2017.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Rev. Bras. Educ. [online], n.10, pp. 58-78, 1999.

FOSTER, Hal. **O retorno do real**: A vanguarda no final do século XX. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

GATO, Maria Assunção; RAMALHETE, Filipa; VICENTE, Sérgio. Hoje somos nós os escultores! Agencialidade e arte pública participada em Almada. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 2, n. 1, p. 53-71, 2013.

GOLDSTEIN, Ilana. Reflexões sobre a arte "primitiva": o caso do Musée Branly. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 29, p. 279-314, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A arte como um sistema cultural**. 12. ed. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012.

GELL, Alfred. A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. **Arte e Ensaios**, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001.

GOLDSTEIN, I.S. Da representação das sobras à reantropofagia: povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. **Modos**, v. 3, n. 3, p.68-96, set. 2019.

GONÇALVES, Marco Antonio. **O real imaginado**: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. RJ: Topbooks, 2008

GORDON, C. **O valor da beleza**: reflexões sobre uma economia estética entre os Xikrin (mebengokre-kayapó). Brasília: UnB, 2009.

GRUNVALD, Vitor. Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público. **Horizontes Antropológicos**, n. 55, p. 263-290, 2019.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; CHALCRAFT, Jasper. Entre arte e antropologia: encontro com Arnd Schneider: Entrevista. Dossiê Artes e antropologias. **GIS- Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 398-406, 2019.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes Limitada, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Companhia das Letras, 2015.

LAGROU, Els. A arte do outro no surrealismo e hoje. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 29, p. 217-230, 2008.

LAGROU, Els. Antropologia e arte: uma relação de amor e ódio. **Ilha Revista de antropologia**, v. 5, n. 2, p. 93-113, 2003.

LAGROU, E., & VELTHEM, L. As artes indígenas: olhares cruzados. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 87, p.133-156, 2018,

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LAPLANTINE, Francis. **Aprender antropologia**. Brasiliense, 1988.

LE BRETON, David. **Antropologia das sensações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

LEITÃO, Débora. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Ideias**, a. 2, n. 16, p. 1-22, 2004.

MORPHY, Howard et al. A estética é uma categoria transcultural? **Ayé**: Revista de Antropologia, 2020.

MUNANGA, Kabengele. A mestiçagem no pensamento brasileiro; Ambiguidade de raça/classe e a mestiçagem como mecanismo de aniquilação da identidade negra afro-brasileira. In: Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, p.53-90, 2020.

MUNIAGURRIA, Lorena Avellar. Ganhar o olhar: ações de mediação em exposições de artes visuais [livro eletrônico]. Campinas: Edição da Autora, 2021.

PRICE, Sally. **Arte primitiva em centros civilizados**. UFRJ, 2000.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1984.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Tomo Editorial, 2005

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DISCIPLINA	ESTÉTICA
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁸⁰		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		Filosofia I			
EMENTA					
Panorama histórico dos principais autores da Estética e da Filosofia da Arte. Fundamento e origem da experiência estética. Investigações sobre o Belo e sobre a Arte na história da filosofia. As rupturas artísticas e estéticas proporcionadas pelas vanguardas históricas e neovanguardas. Investigações filosóficas ligadas às artes visuais na contemporaneidade.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DICKIE, George. Introdução à Estética. Tradução de Vítor Guerreiro. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2008. JIMENEZ, Marc. O que é Estética? Tradução de Fulvia Moretto. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999 VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Convite à Estética. Tradução de Gilson Batista Soares. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARISTÓTELES. Poética. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.					

⁸⁰ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Tradução de Mirian Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Tradução de José Saramago. Lisboa: editorial estampa, 1979.

BELL, Clive. **Arte**. Tradução de Rita Canas Mendes. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

BRANQUINHO, J.; MURCHO, D. & GOMES, N. G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CARROLL, Noël. **Filosofia da arte**. Tradução de Rita Canas Mendes. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.

DANTO, Arthur. **A transfiguração do lugar-comum**: uma filosofia da arte. Tradução de Vera. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Tradução de Saulo Krieger. 1ª reimpressão. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

DANTO, Arthur. **O descredenciamento filosófico da arte**. Tradução de Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

DANTO, Arthur. **O abuso da beleza**: a estética e o conceito de arte. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2015.

D'OREY, Carmo (org.). **O que é a arte?** A perspectiva analítica. Tradução de Vítor Silva e Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2007.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). **Clement Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRY, Roger. **Visão e forma**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética I**. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 1999.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética II**. Tradução de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle, consultoria de Victor Knoll. São Paulo: Edusp, 2000.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética III**. Trad. de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle, consultoria de Victor Knoll. São Paulo: Edusp, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KIVY, Peter. (org.). **Estética: fundamentos e questões de Filosofia da Arte**. São Paulo: paulus, 2008.

KRISTELLER, Paul Oskar. **O sistema moderno das artes: um estudo em história da Estética I**. Tradução de Anderson Bogéa. **Artefilosofia**, n.27, p. 2-26, dez. 2019.

KRISTELLER, Paul Oskar. **O sistema moderno das artes: um estudo em história da estética. II**. Tradução de Anderson Bogéa. **Artefilosofia**, n.30, p. 2-24, jan-dez. 2021.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: editora Ática, 1999.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PANOFSKY, Erwin. **Idea: a evolução do conceito de belo**. São Paulo: martins fontes, 2000.

PLATÃO. **A República**. Tradução e organização de J. Guinsburg. São Paulo: perspectiva, 2006.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1990.

SCHUHL, Pierre-Maxime. **Platão e a arte de seu tempo**. Tradução de Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: discurso editorial; barcarolla, 2010.

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?: a polêmica visão do autor de Guerra e Paz**. Tradução de Bete Torii. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

WERLE, Marco Aurélio. **A questão do fim da arte em Hegel**. São Paulo: hedra, 2011

WOLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**. Martins Fontes: São Paulo, 2015.

DISCIPLINA	EDUCAÇÃO INCLUSIVA
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	--	-	-	60h
OFERTA ⁸¹		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Introdução à Educação Inclusiva: conceitos, terminologias e paradigmas históricos da Educação Especial e das propostas de Educação Inclusiva. Políticas Públicas de Educação no cenário nacional. Processos educativos na escola de educação inclusiva: experiências em âmbito escolar e não-escolar.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais . Porto Alegre: Mediação, 2010.					
CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva : com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2009.					
MAZZOTTA, Marcos J. S. Educação especial no Brasil história e políticas públicas . São Paulo: Cortez. 1996.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria da Educação Especial. Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial . Brasília: MEC. 1995.					

⁸¹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

SKLIAR, Carlos; CECCIM, Ricardo Burg; LULKIN, Sérgio Andrés; BEYER, Hugo Otto; LOPES, Maura Corcini. Educação e exclusão: abordagens sócio- antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BAPTISTA, Cláudio Roberto, CAIADO, Katia Regina Moreno, JESUS, Denise Meyrelles de. **Educação Especial**: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BAPTISTA, Cláudio Roberto (org.) **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2009.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MENDES, G. M. L.; FONECA, S.M. C. R. (Orgs.) **Educação, Arte e Inclusão**: trajetórias de pesquisa. Florianópolis: UDESC, 2009.

PACHECO, José; EGGERTSDÓTTIR, Rósa; GRETAR, L. Marinósson. **Caminhos para inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TESKE, Ottmar; LODI, Anna Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de e. **Letramento e minorias**. Mediação: Porto Alegre, 2003.

STAINBACK, Susan. **Inclusão**. Porto Alegre: ARTMED. 1999.

DISCIPLINA		CONSERVAÇÃO E EXPOGRAFIA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
30h	-	-	-	30h	60h
OFERTA ⁸²		Presencial			

⁸² Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da

PRÉ-REQUISITOS	
EMENTA	
Fundamentos teóricos e práticos da conservação. A conservação como atividade interdisciplinar. A influência dos materiais e das técnicas de criação de obras de arte.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BRAGA, Marcia. Conservação e restauro . Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.	
BRANDI, Cesare. Teoria da restauração . Cotia: Ateliê Editorial, 2004.	
MENDES, Marylka (org.). Conservação : conceitos e prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
MAYER, Ralph. Manual do Artista . São Paulo: Martins Fontes, 1999.	
BATTIOLI, Luciana Pellizzi. Em defesa das obras de arte . Rio de Janeiro: Agir, 1993.	
BOITO, Camilo. Os restauradores : conferência feita na exposição de Turim em 7 de junho de 1884. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.	
BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Terminologia em conservação de bens culturais em papel : produção de um glossário para profissionais em formação. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018. 292p.	
BUARQUE, Marco Dreer. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais . In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. Anais. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral; São Leopoldo, RS : UNISINOS, 2008. 9 f.	

carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

COELHO, Maria Fernanda Curado. **A experiência brasileira na conservação de acervos audiovisuais**: um estudo de caso. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/File/dissertacoes/2009/2009-mecoeelho_maria.pdf; Acesso em 10 dezembro 2022.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Coletivo gráfico Annablume, 2006.

DOERNER, Max. **Los Materiales de Pintura**. Madri: Editorial Lisboa, 1990.

FIGUEIREDO JR, João Cura D'Ars de. **Química aplicada à conservação e restauração de bens culturais**: uma Introdução. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.

GLOWACKI, Thais. **Arte contemporânea**: reflexões sobre a conservação de obras que utilizam materiais não convencionais. Curitiba - PR 2009. 62 p.

JÚNIOR, Mário Anacleto Sousa. **A conservação de arte contemporânea**: da imagem da ruína à ruína da imagem. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os rituais do tombamento e a escrita da História**. Curitiba: UFPR, 2000.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MENDES, Marylka (org.). **Conservação**: conceitos e prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MENDES, Marylka (org.). **Restauração**: ciência e arte. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1998.

MONTES, Ana Paula dos Santos. A preservação da autenticidade no processo de restauração de obras de arte. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2003.

MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. **Iniciação à pintura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

NEVES, Anamaria Ruegger Almeida. **A cor aplicada à restauração de bens culturais**. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2013.

PASCUAL, Eva; PATIÑO, Mireia. **O restauro de pintura**: a técnica e a arte do restauro de pintura sobre tela explicados com rigor e clareza. Barcelona: Estampa, 2002.

PINTURA de cavalete: sua conservação e preservação. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1984.

RESOURCE: THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES.

Parâmetros para a conservação de acervos: um roteiro de auto-avaliação. São Paulo: EDUSP, 2004.

ROSENFELD, Lenora Lerrer. **Glossário técnico de conservação e restauração em pintura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1977.

CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA - CNA, 7, 2016, Fortaleza. Anais eletrônicos. **Revista Analisando em Ciência da Informação - RACIn**, João Pessoa, v. 4, n. especial, p. 841-856, out. 2016.

SOUZA, Carlos Roberto. **A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil**. São Paulo: Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

EDUSP. **Conservação de coleções/Museums, Libraries and Archives Council**. Tradução de Maurício O. Santos e Patrícia Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fundação Vitae, 2005.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

DISCIPLINA		SEMIÓTICA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁸³		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					

⁸³ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

EMENTA	
Conhecer os principais conceitos semióticos e metodologias relacionadas. Estudar relações semióticas em códigos verbais. Estudar relações semióticas em códigos sonoros. Estudar relações semióticas em códigos visuais. Estudar relações semióticas entre os códigos. Conhecer e aplicar a tradução intersemiótica.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2020. ECO, Umberto. Tratado geral de semiótica: 73. São Paulo: Perspectiva, 2009. JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 1996.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
PIETROFORTE, Antonio Vicente. Semiótica visual: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004. AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas: Papirus, 1993. PIGNATARI, Décio. Semiótica da arte e da arquitetura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. MORRIS, Charles. Signos, lenguaje y conductas. Losada: Paperback, 2003. PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2003. PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. In: Arte e tecnologia da imagem 3. 2001. SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. São Paulo: Thomson, 2002. COSTA, Max; DIAS, André. Semiótica e produção de sentido: comunicação, cultura e arte. Curitiba: Intersaberes, 2019.	

DISCIPLINA		SERIGRAFIA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL

15h	-	-	-	75h	90h
OFERTA ⁸⁴		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Introdução à técnica da serigrafia e a abordagem de suas peculiaridades na construção da linguagem da gravura. Realização de exercícios com os processos de sobreposição e policromia, assim como, a abordagem de novos suportes para impressão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
COSTELLA, Antonio F. Introdução à gravura e à sua história. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2006.					
FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; DO VALE, Marcio. Oficinas: Gravura. Rio de Janeiro: Senac, 1994.					
MARTINS, Itajahy. Gravura: arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BEUTTENMÜLLER, Alberto. Gravura brasileira: História e Crítica. São Paulo: Banespa Cultural, 1990.					
CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira. São Paulo: Lemos, 2002.					

⁸⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DASILVA, Orlando. **A arte maior da gravura**. São Paulo: Espade, 1976.

FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (Org.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2006.

FRICKE, Christiane. Novos Media. In.: WALTHER, Ingo F. **Arte do século XX**: volume II. Lisboa: Taschen, 2005.

FRIEDMAN, Martin *et al.* **Tyler graphics**: The extended Image. New York: Abbeville Press Publishers, 1987

HEER, Ed; LE ROY, Filip. **Seis séculos da arte da gravura**. Curitiba, Museu Oscar Niemayer, 2007. Catálogo de exposição.

HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriana (Org.). **Marcas do corpo, dobras da alma – XII Mostra de gravura cidade de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. Catálogo de exposição.

IVINS JR, William M. **Imagen impresa y conocimiento: análisis de la imagen prefotografica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.

JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. **Técnicas da gravura artística**: xilogravura, linóleo, calcogravura, litogravura. Lisboa: Horizonte, 1984.

KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado (Tradução de Elizabeth Carbone Baez). **Gávea**: Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 1, 1984.

RESENDE, Ricardo. **A gravura como escultura**. In.: CHIARELLI, Tadeu (Coord.). Grupo de estudos em curadoria. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1998.

RESENDE, Ricardo. **Os desdobramentos da gravura contemporânea. Gravura arte brasileira do século XX**. São Paulo: Cosac & Naify / Itaú Cultural, 2000, p.226-250.

TALLMAN, S. **The contemporary print**: From pre-pop to postmodern. London: Thames and Hudson, 1996.

DISCIPLINA	TÓPICOS ESPECIAIS EM TEORIA DA ARTE
CARGA HORÁRIA	

TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	----	----	----	----	90h
OFERTA ⁸⁵		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS		História da Arte I História da Arte II			
EMENTA					
Estudo de Tópicos Especiais em Teoria da Arte delimitados de acordo com a proposta do professor ministrante e suas pesquisas no âmbito acadêmico e áreas de conhecimento específico.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CLARK, T. J. A pintura da vida moderna : Paris na arte de Manet e de seus seguidores. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.					
HARRISON, Charles. Modernismo . Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. Coleção Movimentos da Arte Moderna.					
HARRISON, Charles; FRASCINA, F.; PERRY, Gill. Primitivismo, Cubismo, Abstração : começo do século XX. Tradução de Octacílio Nunes. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CANTON, Katia. Corpo, identidade e erotismo . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.					

⁸⁵ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

COSTA, Helouise; RINCON, Daniel (orgs.). **Arte degenerada – 80 anos**: repercussões no Brasil. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, 2018.

DANTO, Arthur C. Marcel Duchamp e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea. **Ars (São Paulo)**, v. 6, n. 2, p. 14-28, 2008.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus, 2006.

DANTO, Arthur. O filósofo como Andy Warhol. **Ars (São Paulo)**, v. 2, n. 4, 2004.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. Anos 1970: da vanguarda a pós-vanguarda.

MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 1, n. 3, p. 205-216, set. 2017. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/873>>. Acesso em: 8 mar. 2022.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). **Escritos de Artistas**: anos 60/70. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo: Claridade, 2009.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2006.

GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (orgs.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DISCIPLINA		TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA DA ARTE: MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
90h	-	-	-	-	90h

OFERTA⁸⁶	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	História da Arte I História da Arte II
EMENTA	
Estudos de Tópicos Especiais da História da Arte delimitados de acordo com a proposta do professor ministrante e suas pesquisas no âmbito acadêmico e áreas de conhecimento específico.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo. Paz e Terra, 2017 SMITH, Bonnie, Gênero e História. São Paulo: Edusc, 2003 GARB, Tamar. Gênero e representação. In: Modernidade e Modernismo: a pintura francesa no século XIX. São Paulo. Cosac & Naify, 1999.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
HOLANDA, Heloisa Buarque de. (Org) Pensamento feminista hoje: sexualidades no Sul Global. Rio Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Volume 4. HOLANDA, Heloisa Buarque de. (Org) Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Volume 3. FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa. São Paulo. Editora: Elefante, 2020.	

¹⁴⁴ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DISCIPLINA		CERÂMICA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
30h	-	-	-	60h	90h
OFERTA ⁸⁷		Presencial			
PRÉ-REQUISITOS					
EMENTA					
Desenvolvimento de técnicas cerâmicas para a escultura, abrangendo a modelagem, a colagem e a esmaltação.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BARDI, P.M. Arte da cerâmica no Brasil . São Paulo: Banco Sudameris S.A., 1980.					
COSTA, Marcus de Lontra e SILVA, Raquel. Celeida Tostes . Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais, 2010.					
FRICKE, Johann. Cerâmica . Brasil: Martins Fontes, 1977.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

¹⁴⁵ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

BIRKS, Tony. **Art of the modern potter**. London: Country Life Limited, 1976.

COLBECK, John. **Materiales para el ceramista**: composición, preparación y empleo. Barcelona: CEAC, 1989.

DRAKE, K. **Cerâmica**: sin torno. Argentina: Editoria Kapelusz, s.d.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MUZZILLO, Ocléris. **Cerâmica sem segredos**. Curitiba: Artes & Textos, 2014.

WALLNER, Linde. **Introducción a la cerámica**: un libro de proyectos paso a paso. Madrid: Ágata, 1997.

READ, Herbert. **Escultura moderna**: uma história concisa. 1º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: o processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998

SENDIN, Armando Moral. **Cerâmica artística**: técnicas de decoração. São Paulo: Folco Masucci, 1965. 165

TRIDIMENSIONALIDADE. **Arte brasileira do século XX**. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.

DISCIPLINA		CURADORIA			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
60h	-	-	-	-	60h
OFERTA ⁸⁸		Presencial			

⁸⁸ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da

PRÉ-REQUISITOS	História da Arte I História da Arte II
EMENTA	
Entendimento teórico sobre curadoria no ocidente. Curadoria na América Latina. Breve histórico sobre museus e políticas públicas que influenciam as exposições em espaços institucionais públicos, privados ou mistos.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
FABRIS, Annateresa; GONÇALVES, L. R. (org.). Os lugares da crítica de arte. São Paulo: ABCA; Imprensa Oficial do Estado, 2005. MARTINEZ, E.de S. Um percurso de pesquisa em curadoria: anotações para uma abordagem metodológica. In: Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP. Salvador, 2007. OBRIST, H. U. Uma breve história da curadoria. São Paulo: Editora BEI. 2010.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ADES, Dawn. Art in Latin America. The Modern Era, 1820-1980. Londres: South Bank Centre, 1989. AGUILAR, N. (org.). 23ª Bienal de São Paulo: Universalis. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1996. Catálogo de exposição. ANJOS, Moacir dos. Crítica, Moacir dos Anjos. Rio de Janeiro: Automática, 2010. ARGAN, Gian Carlo. Arte e crítica de arte. Lisboa: Estampa, 1995. CAUQUELIN, A. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.	

carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

- COSTELLA, A. F. **Para apreciar a arte**. São Paulo: Senac, 2010.
- FIGURELLI, R. C. **Estética e crítica**. Curitiba: UFPR, 2007.
- GINZBURG, Carto. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- GREENBERG, C. **Arte e cultura**: Ensaios críticos. 1961. São Paulo: Ática, 1996.
- LIMA, S. (org.). **Experiência crítica** – textos selecionados: Ronaldo Brito. São Paulo> Cosac & Naify, 2005.
- LIPPARD, L. R.; CHANDLER, J. A desmaterialização da arte. 1967. Tradução Fernanda Pequeno e Marina P. Menezes de Andrade. Originalmente publicado no *Art international*. N.12, fev. 1968, 31-36. **Arte & ensaios**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, n. 25, p. 150-165, maio 2013.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MUSEU de Arte Contemporânea (PR). **Catálogo geral do Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2009.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: perspectiva, 2002.
- PARSONS, M. J. **Compreender a arte**: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Lisboa: Presença, 1992.
- SANTOS, F. F. dos. **Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais**: concepção artística/curatorial e crítica. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2009.
- VENTURI, L. **História da crítica de arte**. Portugal: Edições 70, 1999.

DISCIPLINA		LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO BIDIMENSIONAL			
CARGA HORÁRIA					
TEÓRICA	PPed	PPed na ACE	ACE	PRÁTICA ARTÍSTICA	TOTAL
12h	-	-	-	60h	60h

OFERTA⁸⁹	Presencial
PRÉ-REQUISITOS	Desenho I
EMENTA	
Investigação das várias possibilidades de linguagens visuais contemporâneas a partir do uso e redimensionamento das técnicas bidimensionais como: desenho, pintura, gravura, fotografia, por meio de métodos organizativos do processo de trabalho de atelier, a fim de desenvolver uma poética individual, baseada na reflexão teórico-prática da produção.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ALBERS, Josef. A interação da cor . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. BOIS, Yve-Alain. A pintura como modelo . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira . São Paulo: Lemos, 2002.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ARCHER, Michael. Arte contemporânea : uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. BARROS, Lílian Ried Miller. A cor no processo criativo : um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção : como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009.	

⁸⁹ Oferta do componente curricular: **Presencial** (conforme horário de aulas e ensalamento); **EaD parcial / EaD total – Ensino à distância parcial ou total** (disciplinas com carga horária parcial ou total em EAD, até 20% da carga horária total do curso, com avaliação presencial), e **Programada** (aulas ou atividades programadas em contraturno ou em sábados letivos).

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papirus, 1993.

CHIARELLI, Tadeu. Considerações sobre o uso de imagens de segunda geração na arte contemporânea. In: BASBAUM, Ricardo (org.). **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 257 – 270.

CIRILLO, José. **Arquivos de artistas**: questões sobre o processo de criação. Vitória, ES: UFES, Proex, 2019.

DERDIK, Edith (Org.) **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997. Volume 3.

FRICKE, Christiane. Novos Media. In.: WALTHER, Ingo F. **Arte do século XX**. Lisboa: Taschen, 2005. Volume 2.

KANAAN, Helena. **Impressões, acúmulos e rasgos**: procedimentos litográficos e alguns desvios. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). **A pintura**: o desenho e a cor. São Paulo: Ed. 34, 2006. Volume 9.

MORAES, Angélica de. **Pintura reencarnada**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Paço das Artes, 2005.

PASTA, Paulo. **A educação pela pintura**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SIMÃO, Selma Machado. **Arte híbrida**: entre o pictórico e o fotográfico. São Paulo: Unesp, 2008.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Linguagens impuras**: hibridismos e contaminações na gravura contemporânea. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/175.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

8.3. PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO COMPONENTE CURRICULAR (PPed)

A Prática Pedagógica como Componente Curricular (PPed) é atividade obrigatória dos cursos de licenciatura, para os demais é necessário verificar a legislação pertinente ou a exclusão dessa subseção.

Eixo temático	Componente curricular	Carga horária
Conhecimento profissional Competências Específicas: I- dominar os objetos de conhecimento e saber como ensiná-los; II - demonstrar conhecimento sobre os estudantes e como eles aprendem; III - reconhecer os contextos; IV - conhecer a estrutura e a governança dos sistemas educacionais.	DIDÁTICA FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS; ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO,	30h
		45h
Prática Profissional Competências Específicas: I - planejar as ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens;	DESENHO I	15h
	DESENHO II	15h
	PINTURA I	15h
	PINTURA II	15h
	PINTURA III	15h

II - criar e saber gerir os ambientes de aprendizagem; III - avaliar o desenvolvimento do educando, a aprendizagem e o ensino; IV - conduzir as práticas pedagógicas dos objetos do conhecimento, as competências e as habilidades.	PINTURA IV	15h
	GRAVURA I	15h
	GRAVURA II	15h
	ESCULTURA I	15h
	ESCULTURA II	15h
Engajamento profissional Competências Específicas: I - comprometer-se com o próprio desenvolvimento profissional; II - comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes e colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender; III - participar do Projeto Pedagógico da escola e da construção de valores democráticos; IV - engajar-se, profissionalmente, com as famílias e com a comunidade.	WEB APRENDIZADO FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL I FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL II LABORATÓRIOS DE RECURSOS PEDAGÓGICOS	30h 15h 15h 25h

8.4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado, previsto no curso de Licenciatura em Artes Visuais, reforça o conceito desse elemento curricular de caráter formador. Como ato educativo está em consonância com o perfil do profissional do egresso e permeia os objetivos da sua formação acadêmica.

Proporciona ao estudante estagiário o aprimoramento acadêmico científico na formação do professor/artista/pesquisador, mediante a experiência em processos de ensino e aprendizagem de Artes Visuais, bem como a aplicação dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos nas diversas disciplinas previstas no projeto pedagógico do curso.

O estágio supervisionado possibilita duas modalidades de participação: o estágio supervisionado obrigatório e o não obrigatório.

O estágio supervisionado obrigatório tem carga horária total de 400 horas (relógio), subdividido em duas disciplinas de oferta seriada anual, cumpridas no terceiro e no quarto ano do Curso: Estágio Supervisionado I/200 horas - 3º ano, e Estágio Supervisionado II / 200 horas - 4º ano (com o pré-requisito de Estágio Supervisionado I). O estágio supervisionado obrigatório é cumprido no contraturno das aulas do curso.

As disciplinas de Estágio Supervisionado de Licenciatura em Artes Visuais dispõem de regulamento próprio, conforme anexo I deste PPC, prevendo também a modalidade de estágio supervisionado não obrigatório. (Regulamento no Anexo 01)

8.5. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso é uma atividade curricular obrigatória desenvolvida nas quatro séries do curso, a partir da integração das disciplinas relacionadas à pesquisa acadêmica: na 1a. série, Introdução ao Trabalho de Pesquisa; na 2a. série, Laboratório de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais; na

3a. série, Projeto de Pesquisa em Artes Visuais; e na 4a. série, desenvolvimento orientado do Trabalho de Conclusão de Curso.

O Trabalho de Conclusão de Curso possui regulamento próprio com detalhamento das orientações relacionadas à produção do projeto de pesquisa, do projeto de ensino e do trabalho monográfico, bem como a realização da banca de qualificação do trabalho em desenvolvimento no início do 2o. semestre da 4a. série e a defesa do trabalho final no final do 2o. semestre da mesma série.

O projeto de ensino bem como a produção artística (se houver) do Trabalho de Conclusão de Curso são compreendidos em sentido amplo, a partir da multiplicidade de possibilidades do campo das Artes Visuais, desde que haja algum tipo de nexos (formal, visual, técnico, teórico, conceitual, metodológico) com o curso de Licenciatura e a área de Artes Visuais. (Regulamento no Anexo 02).

8.6. ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES

Conforme consta no Art. 1º do Regulamento das Atividades Complementares (Anexo 03) as “Atividades Complementares são o conjunto de atividades de natureza acadêmica, científica, artística e cultural que buscam a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão e que não estão compreendidas nas práticas pedagógicas previstas no desenvolvimento regular das disciplinas obrigatórias, optativas ou eletivas dos cursos de graduação. Sendo um instrumento para o aprimoramento e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências inerentes à prática profissional do curso.”

As Atividades Complementares consistem em múltiplas atividades que podem compreender disciplinas extracurriculares, cursos de extensão, participação em simpósios, festivais, seminários, encontros, cursos monográficos variáveis, atividades extensionistas, bolsas de iniciação científica, monitorias e atividades culturais diversas. Tais atividades, por sua amplitude, não estarão relacionadas na grade

curricular do curso e serão convalidadas e creditadas de acordo com um sistema de correspondência de carga horária, verificação de frequência e certificados apresentados pelo aluno, de acordo com o Regulamento (Anexo 2). As Atividades Complementares têm como objetivo estimular e criar mecanismos que possibilitem ao acadêmico aprendizagem independente, através da participação de experiências diversificadas que contribuam para ampliação de conhecimentos pertinentes ao seu futuro profissional e valorizando, por meio da disponibilização de horas, o envolvimento do estudante em atividades de interesse acadêmico e profissional.

8.7. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO

A Curricularização da Extensão compreende a inclusão de atividades de extensão no currículo dos cursos de graduação, considerando a indissociabilidade do ensino e da pesquisa. A concepção de extensão universitária tem sido fruto de debates no decorrer da história da universidade no Brasil. Partindo de um amplo debate, em 2010 foi apresentando o seguinte conceito:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2006).

Ao considerar o conceito de extensão definido pela FORPROEX e a determinação da Lei nº 1.300/2014, e a Resolução CEPE/UNESPAR nº 038/2020 adotamos a seguinte classificação:

Art. 7º Para atender aos objetivos previstos na Resolução Nº 7/2018 MEC/CNE/CES, a curricularização nos cursos de Graduação e Pós-graduação da UNESPAR deverá ser realizada de acordo com as seguintes modalidades, observando-se as especificidades de cada curso:

ACE I: participação de discentes como integrantes da equipe executora em ações extensionistas cadastradas nas Divisões de Extensão dos campi da Unespar, que estejam vinculadas a disciplinas obrigatórias, com previsão de uma parte ou da totalidade de sua carga-horária destinada à extensão, conforme diretrizes estabelecidas nos PPC dos cursos e de acordo com suas especificidades.

ACE II: participação de discentes como integrantes da equipe executora em programas,

projetos, cursos, eventos e prestação de serviço, não-vinculadas às disciplinas constantes nos PPC dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Unespar, e que estejam devidamente registradas nas Divisões de Extensão e Cultura dos campi.

ACE III: participação de discentes como integrantes das equipes executoras de programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviço de outras instituições de ensino superior, com a creditação de no máximo 120 (cento e vinte) horas para esta modalidade.

Atendendo a tais critérios, a curricularização da extensão no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESPAR perpassa os seguintes componentes:

COMPONENTE	INTEGRALIZAÇÃO	CARGA HORÁRIA
ACE I - Disciplina: Introdução ao Trabalho de Pesquisa - 1o. ano	30h de estudo acerca da extensão na área das artes visuais e do ensino de artes visuais. (Disciplina 60h)	30h
ACE I - Parte de Disciplina: Psicologia da Educação - 1o. ano	15h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	15h
ACE I - Parte de Disciplina: Fundamentos da Linguagem Visual I - 1o.ano	15h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	15h

ACE I - Parte de Disciplina: Fundamentos da Linguagem Visual II - 1o.ano	15h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	15h
ACE I - Parte de Disciplina: Circuitos Artísticos I - 2o. ano	25h de projeto de extensionista (Disciplina 30h)	25h
ACE I - Parte de Disciplina: Circuitos Artísticos II - 2o. ano	25h de projeto de extensionista (Disciplina 30h)	25h
ACE I - Parte de Disciplina: Desenho Projetivo I - 2o. ano	10h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 30h)	10h
ACE I - Parte de Disciplina: Desenho Projetivo II - 2o. ano	10h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 30h)	10h
ACE I - Parte de Disciplina: Laboratório de Recursos Pedagógicos - 3o. ano	25h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 90h)	25h
ACE I – Campo de Estágio I - 3o.ano	25h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	25h

ACE I - Parte de Disciplina: Gravura I - 3o. ano	15h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	15h
ACE I - Parte de Disciplina: Gravura II - 3o. ano	15h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	15h
ACE I – Campo de Estágio II - 4o.ano	40h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 60h)	40h
ACE I - Parte de Disciplina: Web Aprendizado - 4o. ano	20h de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina. (Disciplina 120h)	20h
ACE II - Parte do TCC - 4o. ano	50h de desenvolvimento de projeto de extensão para difusão dos resultados da pesquisa.	50h
TOTAL		335 h

Dessa forma, o PPC do Curso Licenciatura em Artes Visuais garante a curricularização da extensão por meio das modalidades de ACEs I e II incorporadas ao currículo. Contudo, serão consideradas as demais modalidades quando cursadas pelos acadêmicos em contraturno. Regulamento no Anexo 04.

8.8. INTERNACIONALIZAÇÃO

Institucionalmente, a ênfase na investigação e construção de conhecimento teórico- prático pretende colocar esforços na constituição de diálogos com a produção de instituições latino-americanas, sem excluir a possibilidade de contatos fecundos com

outros continentes e realidades. Além disso, a proposta contempla a finalidade de formar acervos de pesquisa em artes. Sem restrições quanto aos conteúdos, afirmamos a consciência de que partimos do contexto específico da cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, Brasil, com a perspectiva de ensinar e construir conhecimento em Artes Visuais, voltado para o mundo atual, sem perder de vista sua dimensão histórica.

A produção artística e teórica local deve ser articulada a de outras localidades brasileiras e latino-americanas, bem como deve ser capaz de dialogar com as novas tendências e de interagir ativamente com sua realidade. Diante de tamanha abrangência, a produção em Artes Visuais na UNESPAR existe como um exercício constante de reflexão e se manifesta de forma a contribuir para uma ampliação da inserção política “da” e “na” arte.

A prática do estudante requer conhecimento do repertório artístico/cultural brasileiro e latino-americano, bem como demanda noções de história geral, filosofia, sociologia, conservação de obras de arte, e ainda outras áreas do conhecimento que se façam pertinentes. O pensamento científico articulado à pesquisa universitária deve ser crítico, e os estudantes devem ser capazes de perceber as atividades sociais que requeiram pesquisas em artes visuais em suas bases – considerando sempre as singularidades daí emergentes.

8.9. PLANO DE IMPLEMENTAÇÃO DA NOVA MATRIZ CURRICULAR

A implementação seguirá a legislação interna da Unespar e as adaptações propostas pela secretaria acadêmica e coordenação de curso. O item 8.10, apresenta as equivalências que serão ofertadas para os estudantes com necessidade de adaptação curricular ou com dependências.

8.10. QUADRO DE EQUIVALÊNCIA EM RELAÇÃO A MATRIZ CURRICULAR EM VIGOR

Apresentar a lista de equivalência das disciplinas da matriz anterior e a nova.

DISCIPLINA	Matriz atual Ano de oferta	Disciplina equivalente e ano de oferta na nova matriz proposta
Fundamentos da Educação Anual – 68h	1.º ano	História e Sociologia da Educação 1.º ano Anual – 90h
Didática – 68h Anual	2.º ano	Didática 1.º ano Anual – 60h
Currículo e Avaliação em Arte – semestral – 34h Gestão e organização do trabalho pedagógico – anual – 34h	3.º ano	Organização do Trabalho Pedagógico – OTP 3.º ano Anual – 90 h
Políticas educacionais do Brasil – semestral – 44h	2.º ano	Políticas educacionais 2.º ano Anual – 90h
Estética – semestral – 34h	4.º ano	Filosofia 1.º ano Anual – 60h

Circuitos Artísticos Semestral – 34h	2.º ano	Circuitos Artísticos I 2.º ano Semestral – 30h
Estudos culturais e ensino da Arte – Anual – 68h	4.º ano	Sociologia da Arte 4.º ano Anual – 90h
Antropologia Cultural – Anual – 68h	2.º ano	Antropologia Cultural Anual- 60h (Optativa)
Conservação e Expografia – Anual – 102h	4.º ano	OPTATIVA 90h

8.11. RECURSOS NECESSÁRIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PPC

8.11.1 RECURSOS FÍSICOS, BIBLIOGRÁFICOS E DE LABORATÓRIOS

Espaços próprios do Curso	Quantidade
Salas de aula com equipamento completo para projeção	04
Salas de aula amplas e com equipamento completo para projeção	04
Ateliers e/ou laboratórios de Artes	08
Salas de permanência e atendimento para discentes	01
Sala de Coordenação de Curso, Coordenação de Estágio e Coordenação da Extensão.	01
Laboratório de Práticas de Ensino (Projetos, Pibid, Residência Pedagógica).	01

Sala para orientação de TCC, sala de Coordenação de TCC	02
Sala/ auditório para curso de extensão	01
Sala de exposições	01
Auditório – anfiteatro	01

9. QUADRO DE SERVIDORES

O curso de Licenciatura em Artes Visuais contém como membros do NDE sete professores efetivos, também contém no seu colegiado vinte e dois professores, entre estes os docentes dos cursos Bacharelado em Artes Visuais, Museologia e CRES.

9.1. COORDENAÇÃO DE CURSO

COORDENADOR DO CURSO				
Nome	Graduação (informar instituição e ano de conclusão)	Titulações (informar instituições e anos de conclusão): Especialização, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, incluindo as áreas de formação)	Carga horária semanal dedicada à Coordenação do Colegiado de Curso	Regime de Trabalho
Vanisse Simone Alves Corrêa	Graduação em Direito, PUC/PR, 1998 Graduação em Pedagogia, – Universidade Castelo Branco, 2009 Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, Claretiano Centro Universitário, 2019	Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, UFPR, 2007 Especialização em Educação a Distância com ênfase na formação de tutores, FSB, 2014 Mestrado em Educação, UFPR, 2010	20h	TIDE

		Doutorado em Educação, UFPR, 2016		
--	--	-----------------------------------	--	--

9.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)					
Num eraçã o sequ encia I	Nome do Docente	Graduação e Pós-Graduação Mestre Doutor	Carg a horá ria no Curs o	Titulaç ão	Regi me de Trab alho
	Giovana Terezinha Simão (coordenadora)	Licenciatura em Artes Visuais, UFPR Especialização em História da Arte do Século XX, UNESPAR/EMBAP Mestrado em História da Educação, UFPR Doutorado em Sociologia, UFPR	40h	Doutor a	TIDE
	Aluisio de Almeida Andriolli	Graduação em Ciências Sociais, UFPR Especialização em Didática e Metodologia do Ensino - UNOPAR	40h	Especi alista	TIDE
	Miliandre Garcia de Souza	Licenciatura em História, UEL Mestrado em História, UFPR Doutorado em História, UFRJ Pós- doutorado em História, USP Pós-doutorado em História, UFF	40h	Doutor a	TIDE
	Paula Vizaco Rigo Cuellar Tramujas	Desenho Industrial- Habilitação em Programação Visual, PUC/PR Especialista em Web-design, PUC/PR Mestre em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná	40h	Mestre	TIDE
	Renato Torres	Graduação em Licenciatura em Desenho, UNESPAR/EMBAP	40h	Doutor	TIDE

		Graduação em Superior de Gravura, UNESPAR/EMBAP Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná Doutorado em Educação, UFPR			
	Solange Garcia Pitangueira	Licenciatura em Desenho, UNESPAR/EMBAP Mestre em Ciências da Educação, Universidade Internacional de Lisboa	40h	Mestre	TIDE
	Vanisse Simone Alves Corrêa	Graduação em Direito, PUC/PR Graduação em Pedagogia, Universidade Castelo Branco Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, Claretiano Centro Universitário Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, UFPR Especialização em Educação a Distância com ênfase na formação de tutores, FSB Mestrado em Educação, UFPR Doutorado em Educação, UFPR	40h	Doutora	TIDE

9.3. CORPO DOCENTE

PROFESSORES EFETIVOS					
Nume ração seque ncial	Nome do Docente	Graduação e Pós-Graduação Mestre Doutor	Car ga horá ria no Cur so	Titulaçã o	Regi me de Trab alho
	Allan Sostenis Hanke	Graduação em Pintura, UNESPAR/EMBAP	40h	Doutor	TID E

		Especialização em Conservação/Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG Mestrado em Artes Visuais, UFBA Doutorado em doutorado em tecnologia e Sociedade, UTFPR			
	Eveline Fávero	Graduação em Psicologia, UFN Mestrado em Extensão Rural, UFSM Doutorado em Psicologia, UFRGS Pós-doutorado em Psicologia, UFRGS	40h	Doutora	TID E
	Everaldo Skrock	Graduação em Filosofia, UFPR Mestre em Filosofia, UFSCAR Doutor em Filosofia, USP	40h	Doutora	TID E
	Débora Maria Santiago	Graduação em Superior de Escultura, UNESPAR/EMPAB Mestrado em Artes Visuais, UDESC Doutorado em Artes Visuais, UDESC	40h	Doutora	TID E
	José Eliézer Mikosz	Graduação em Licenciatura Plena em Desenho, UNESPAR/ EMBAP Graduação em Superior de Pintura, UNESPAR/ EMBAP Especialização em Engenharia de Software, UTFPR Mestrado em Tecnologia, UTFPR Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC	40h	Doutor	TID E
	Patrícia Gaulier	Graduação em História da Arte e Arqueologia, Universidade Paris I, Sorbonne	40h	Doutora	TID E

		Mestre em História da Arte e Arqueologia Pré-Colombiana, Universidade Paris I, Sorbonne			
		Doutorado em Antropologia e Arqueologia, Etnologia e Pré-história, Universidade Paris I, Sorbonne			

PROFESSORES TEMPORÁRIOS					
Nume ração seque ncial	Nome do Docente	Graduação e Pós-Graduação Mestre Doutor	Carg a horá ria no Curs o	Titulaç ão	Regi me de Trab alho
	Ana Paula Bellenzier	Graduação em Bacharelado em Gravura, EMBAP Mestrado em Geografia, UFPR	40h	Mestre	-
	Anderson Bogéa	Graduação em Filosofia, UFMA Licenciatura em Artes Visuais, Claretiano Mestre em Filosofia, UFPB Doutorado em Filosofia, UFPR	40h	Doutor	-
	Mario Saretta	Doutorado em Antropologia Social, UFRGS Mestrado em Antropologia Social, UFRGS Graduação em Ciências Sociais, UFRGS	40h	Doutor	-

	Bruno Marcelino de Oliveira	Graduação em Artes Visuais, UFPR Mestrado em Artes, UNESP	40h	Mestre	-
	Bruno Oliveira Alves	Graduação em Comunicação Social, UFPR Especialização em Fotografia e Imagem do Movimento, ESEEI Especialização em Estética e Filosofia da Arte, UFPR Mestrado em Tecnologia, UTFPR Doutorado em Tecnologia e Sociedade, UTFPR	40h	Doutor	-
	Guilherme Caldas dos Santos	Graduação em Artes Visuais, USP Mestrado em Tecnologia, UTFPR	40h	Mestre	-
	Ligia Fernanda Giorgia de Oliveira Klein	Graduação em andamento em Letras Libras, UNIOESTE Graduação em Formação de Docente para Educação Básica – Letras, FAEL Graduação em Teologia, FEMPAR Especialização em Educação Infantil – Práticas em Sala de Aula, UNINA Especialização em Educação Especial – Educação Bilíngue para Surdo Libras Língua Portuguesa, FTAS Especialização em Gestão Estratégica de Pessoas, UTP	40h	Especialista	-
	Milena Costa de Souza	Graduação em Superior de Pintura, UNESPAR/ EMBAP Especialista em História da Arte do Século XX, UNESPAR/ EMBAP Mestre em Sociologia, UFPR	40h	Doutora	-

		Doutorado em Sociologia, UFPR			
	Simone de Fatima Colmann Martins	Licenciatura em Letras Português, UEPG Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, UEPG Doutorado em Estudos Linguísticos, UFPR	40h	Doutorado	-
	Sarah Marques Duarte	Graduação em Artes Cênicas, UNIRIO Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, UNOPAR Especialização em Artes Visuais – Lenguajes Artísticos Combinados, UNA Mestrado em Artes Visuais – Lenguajes Artísticos Combinados, UMA Doutorado em Artes Cênicas, UFBA	40h	Doutora	-
	Tais Cabral Monteiro	Graduação em Artes Plásticas, USP Mestrado em Artes Visuais, USP Doutorado em Artes Visuais, USP	40h	Doutora	-

10. REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Francisco; CAPRI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Vinícius. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- BARBOSA, Ana. **John Dewey e o Ensino de Arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.
- DEWEY, John. **Art and Education**. Rahway: The Barnes Foundation Press, 1929.
- DEWEY, John. **Democracy and Education**. New York, The Free Press, 1966.
- GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação**. Volumes I, II, III, IV. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A Pedagogia da Escola Nova na Formação do Professor Primário Paranaense: Início, consolidação e expansão do movimento**. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1992.
- MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: O Lado Noturno das Luzes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MONARCHA, Carlos. **A Reinvenção da Cidade e da Multidão**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MUNAKATA, Kazumi. **Compromisso de Estado**. IN: Revista Brasileira de História, No. 07. São Paulo: ANPUH – Editora Marco Zero.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo. DPSA, 2001.
- OLIVEIRA, Maria Cecília Marins. **Organização Escolar no Início do Século XX: O Caso do Paraná**. Educar em Revista, No.18, UFPR, 2001.
- OSINSKI, Dulce. Ensino de Arte: **Os Pioneiros e a Influência Estrangeira na Arte-Educação em Curitiba**. Dissertação de Mestrado. UFPR, 1998.
- PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Sociedade, Arte e Educação: A Criação da Escola de Música e Belas Artes no Paraná**. Dissertação de Mestrado – PUC, Curitiba, 2001.
- SHOOK, John R. **Os Pioneiros do Pragmatismo Americano**. Rio de Janeiro: DPSA, 2002.

SIMÃO, Giovana T. **Emma Koch e a Implantação das Escolinhas de Arte na Rede Oficial de Ensino: Mudanças na Cultura Escolar Curitibana.** Dissertação de Mestrado. UFPR, 2003.

TORRES, Renato. **O Conservadorismo Moderno na Estruturação do Projeto da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1910-1950).** Tese de Doutorado. UFPR, 2017.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Cultura Escolar: História, Práticas e Representações.** Caderno Cedes, No.52. São Paulo: Unicamp, 2000

SOUZA, Rosa Fátima de. **A Implantação da Escola Primária Seriada no Estado de São Paulo.** Unesp, 1998.

ZÍLIO, Carlos. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira.** Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

11. ANEXOS:

Conforme a necessidade apresentar:

- ANEXO I - Regulamento do Estágio obrigatório e não obrigatório;
- ANEXO II - Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso;
- ANEXO III - Regulamento de Atividades Complementares;
- ANEXO IV - Regulamento de Curricularização da Extensão.

ANEXO I - Regulamento do Estágio obrigatório e não obrigatório

ANEXO I -

REGULAMENTO DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS E NÃO OBRIGATÓRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS, CAMPUS DE CURITIBA I – EMBAP

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES LEGAIS

Art. 1º - Em atendimento à Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, à Resolução MEC/CNE 02/2019 e à Resolução CEPE/UNESPAR nº 046/2018, fica estabelecido o Regulamento dos Estágios Supervisionados Obrigatório e Não Obrigatório, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Campus de Curitiba I – EMBAP, da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

CAPÍTULO II

DA CONCEPÇÃO

Art. 2º - O presente Regulamento tem por finalidade normatizar o Estágio Supervisionado obrigatório e Não Obrigatório desenvolvido pelos acadêmicos regularmente matriculados e frequentes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Campus de Curitiba I – EMBAP, da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

Art. 3º - O Estágio Supervisionado obrigatório é uma disciplina de formação profissional, constituída pelo conjunto de atividades de ensino e aprendizagem de caráter científico, artístico, cultural e social, o qual possibilita a formação humana e profissional do acadêmico.

Art. 4º - O cumprimento da carga horária total de Estágio Supervisionado obrigatório previsto no Projeto Pedagógico de Licenciatura em Artes Visuais é um requisito exigido para a obtenção do diploma.

Art. 5º - Estágio Não Obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, não acrescida à carga horária regular e obrigatória.

Art. 6º Os estágios Obrigatório e Não Obrigatório, não criam vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

- I. Matrícula e frequência regular do estudante no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, atestados pela Instituição de Ensino;
- II. Celebração de Termo de Compromisso entre o estudante, a unidade concedente do estágio e a UNESPAR Campus de Curitiba I – EMBAP;
- III. Compatibilidade entre as atividades condizentes com o curso, desenvolvidas no estágio, e aquelas previstas no Termo de Compromisso.

Art. 7º A realização de estágios, nos termos deste Regulamento, aplica-se também aos estudantes estrangeiros regularmente matriculados no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, observado o prazo do visto temporário de estudante, na forma da legislação vigente.

CAPÍTULO III

DOS OBJETIVOS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Art. 8º - São objetivos dos Estágios Supervisionados do Curso de Licenciatura em Artes Visuais:

- I - Proporcionar o desenvolvimento das competências e habilidades exigidas para a formação docente do acadêmico no âmbito das Artes Visuais, o aproximando da profissão e do futuro campo de atuação;
- II- Caracterizar o Estágio Curricular Supervisionado como momento de aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, promovendo a articulação entre os conteúdos das Artes Visuais, os saberes pedagógicos e o exercício da pesquisa integrado com o ensino.

III - Possibilitar a elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais em Artes Visuais;

IV - Discutir a formação docente e as experiências pedagógicas;

V - Fomentar a produção de conhecimento, compreendendo o estágio como espaço de pesquisa e de reflexão;

VI - Preparar o acadêmico para o mundo do trabalho, inserindo-o em ambientes pedagógicos, artísticos e culturais, proporcionando vivências concretas na área de conhecimento

VII - Promover a interação entre o Campus de Curitiba I – EMBAP e as unidades concedentes de Estágio.

VIII- Ampliar o diálogo com a comunidade envolvida no Estágio Supervisionado como forma de melhoria da qualidade do conhecimento pedagógico, artístico, estético e cultural em Artes Visuais.

CAPÍTULO IV

DAS DEFINIÇÕES

Art. 9º - Considera-se acadêmico-estagiário o aluno regularmente matriculado na disciplina de Estágio Supervisionado.

Art. 10 - A orientação e acompanhamento do acadêmico-estagiário no campo de estágio é realizada por um docente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, denominado orientador de estágio.

Art. 11 - Os responsáveis pelas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II são os docentes de estágio.

Art. 12 - A Unidade Concedente de Estágio é a instituição em que o acadêmico- estagiário realizará as atividades de estágio em campo.

Art. 13 - A supervisão do campo de estágio é realizada por um profissional integrante do quadro de pessoal da escola conveniada, denominado supervisor da Unidade Concedente de Estágio.

CAPÍTULO V

DOS CAMPOS DE ESTÁGIO

Art. 14 O estágio, sendo considerado como ato educativo, deverá ser realizado em área e local compatíveis com a matriz curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, sendo expressamente vedado o exercício de atividades não relacionadas à sua área de formação.

Art. 15 - São considerados campos de estágio obrigatório:

I - Instituições da educação básica de instância Municipal, Estadual e Federal, preferencialmente da rede pública.

II - Instituições de Educação Não Formal, de enfoque cultural, social, assistencial ou comunitário.

Art. 16 - Os campos de estágio devem disponibilizar espaço e condição adequada para que o acadêmico-estagiário realize ações educativas compatíveis com a formação em Artes Visuais, sendo vedado o exercício de atividades não relacionadas à sua área de formação.

Art. 17 - A Unidade Concedente de Estágio em que o acadêmico-estagiário realiza as atividades de estágio deve ser um estabelecimento que tenha CNPJ.

Art. 18 - Os estágios são realizados no município de Curitiba e em instituições conveniadas com a UNESPAR.

Parágrafo Único – Casos excepcionais de solicitação para o campo de estágio devem ser analisadas pela Coordenação de Estágios do Curso Licenciatura em Artes Visuais, Campus de Curitiba I – EMBAP, em conjunto com os orientadores de estágio do curso e em seguida encaminhado para apreciação do colegiado de curso.

Art. 19 - Constituem-se campos de estágio não obrigatório as entidades de direito privado, as instituições ou órgãos da administração pública, as instituições de ensino, pesquisa e cultura, públicas e privadas, os próprios *campi* da Unespar e a comunidade em geral, desde que apresentem condições para aprofundamento dos conhecimentos teórico-práticos para a formação do estudante.

CAPÍTULO VI

DAS CONDIÇÕES GERAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ESTÁGIOS

Art. 20 - O Estágio Supervisionado Obrigatório ocorre nas 3ª e 4ª séries do Curso.

Art. 21 - O Estágio Supervisionado Obrigatório na 3ª série do Curso tem como foco a Educação Formal e não formal e engloba os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio da educação básica, bem como cursos e eventos ofertados para comunidade na modalidade extensão.

Art. 22 - O Estágio Supervisionado Obrigatório na 4ª série do Curso tem como foco a Educação Formal e Não Formal, abrangendo os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio da educação básica, além de experiências que ocorram fora do sistema formal de ensino, podendo também incluir outras etapas da Educação Formal, como a Educação Infantil, os anos iniciais do Ensino Fundamental e as modalidades Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola e cursos e eventos ofertados para comunidade na modalidade extensão.

Art. 23 - Os Estágios Supervisionados I e II são realizados pelo acadêmico regularmente matriculado no Curso de Licenciatura em Artes Visuais e que esteja de acordo com os critérios exigidos no Projeto Pedagógico do Curso para matrícula nos estágios supervisionados obrigatórios.

Art. 24 - É vetada a realização do Estágio Supervisionado I e II no mesmo ano letivo, sendo o Estágio Supervisionado I pré requisito para cursar o Estágio Supervisionado II.

Art. 25 - O Estágio Supervisionado Obrigatório deve ser planejado, executado, acompanhado e avaliado em conformidade com os currículos, programas e calendários das instituições envolvidas.

Art. 26 - As atividades no campo de estágio só podem ser iniciadas após o estabelecimento de convênio com a Unidade Concedente de Estágio e após a efetivação da Apólice de Seguro de acidentes pessoais do acadêmico-estagiário feita pela UNESPAR, Campus de Curitiba I – EMBAP.

Art. 27 O estágio não obrigatório somente poderá ser realizado por estudante regularmente matriculado e que esteja frequentando o Curso Licenciatura em Artes Visuais, Campus de Curitiba I – EMBAP.

Art. 28 - Para o estabelecimento de convênio de estágio com a Unidade Concedente são considerados:

I - A existência e disponibilização de infraestrutura física, material e de recursos humanos;

II - A concordância com as normas de estágio da UNESPAR e as condições de supervisão e avaliação da UNESPAR;

III - A comprovação de instrumentos jurídicos conforme previsto no Regulamento de Estágios da UNESPAR;

IV - A indicação de profissional integrante do quadro de pessoal que atuará como supervisor da Unidade Concedente de Estágio e será responsável pelo acompanhamento das atividades do acadêmico-estagiário no local do estágio durante o período de sua realização, observada a legislação profissional pertinente;

V - A apresentação dos documentos necessários dentro dos prazos estabelecidos pela UNESPAR para a formalização do estágio junto ao Setor de Estágios do *Campus* e à Coordenação de Estágio do Curso.

CAPÍTULO VII

DOS DOCUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A FORMALIZAÇÃO

E INÍCIO DO ESTÁGIO

Art. 29 - O estágio deve ser formalizado por meio de instrumentos jurídicos celebrados entre a UNESPAR, a Unidade Concedente de Estágio e o acadêmico.

Art. 30 - A formalização do estágio entre a UNESPAR e as Unidades Concedentes de estágio ocorre mediante o preenchimento e assinatura do formulário de Solicitação de Estágio, do Termo de Convênio e do Termo de Compromisso, obedecidos os procedimentos indicados pelo Setor de Estágio do *Campus*.

Art. 31 – Quando o campo de estágio se tratar de instituição de ensino (escola) envolvendo a realização do Estágio Obrigatório por mais de 01 (um) estagiário da Unespar, o Termo de Compromisso de Convênio poderá ser coletivo.

Art. 32 – O estágio obrigatório realizado nas escolas estaduais deve atender às solicitações do Setor de Articulação Acadêmica do Núcleo Regional de Educação de Curitiba, integrante da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Governo do Paraná.

Art. 33 - Quando se tratar de Estágio Obrigatório, o modelo de Termo de Compromisso a ser utilizado deve ser o disponibilizado pela Pró-reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD.

Parágrafo Único - O Termo de Compromisso será entregue no setor responsável pelos estágios no campus no qual o estudante está matriculado antes do início do estágio, conforme estipulado pelo Colegiado de Curso. Não será aceito o ingresso no campo de estágio sem a entrega do Termo de Compromisso.

Art. 34 - Quando se tratar de Estágio Não Obrigatório, o Termo de Compromisso deverá ser instruído com:

- I. Cópia de apólice de seguros pessoais a ser custeada pela unidade concedente, cujo número deve constar no Termo de Compromisso;
- II. Plano de Estágio, elaborado em conjunto pelo estudante, professor supervisor da unidade concedente, com aquiescência do professor orientador da Unespar, no qual constem as atividades, bem como o período de desenvolvimento, contribuindo assim para a clareza quanto à compatibilidade com a formação e atuação profissional do estudante, observado o disposto no Artigo 8º deste Regulamento.

§ 1º Quando a unidade concedente for a Unespar, o seguro pessoal será contratado pela mesma e uma cópia do seguro será arquivada no setor responsável do campus.

§ 2º Quando a realização do estágio for intermediada pela Central de Estágios do Paraná, deverá ser observada a legislação vigente deste órgão.

CAPÍTULO VIII

DA CARGA HORÁRIA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Art. 35 - A carga horária de Estágio Supervisionado Obrigatório do curso Licenciatura em Artes Visuais, Campus de Curitiba I – EMBAP, corresponde a 400 (quatrocentas) horas* de atividades distribuídas em dois anos na matriz curricular, da seguinte forma:

ANO DO CURSO	DISCIPLINA CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO
3º ano	Estágio Supervisionado I - 200 horas ⁹⁰	sem pré-requisito
4º ano	Estágio Supervisionado II - 200 horas ⁹¹	Estágio I
CARGA HORÁRIA TOTAL DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO: 400 HORAS		

* hora relógio de 60 minutos

Art. 36 - A carga horária de Estágio Supervisionado obrigatório, em cada um dos anos, é distribuída da em atividades da seguinte maneira:

I - nas disciplinas de Estágio;

II - Atividades pedagógicas no campo de estágio;

III- Atividades de suporte do campo de estágio, envolvendo elaboração de material didático, plano de ensino da prática pedagógica, planos de aula, registros, portfólio, relatórios e atividades avaliativas;

⁹⁰ As 200 horas de estágio na terceira série compreendem: 60 horas na disciplina de estágio Supervisionado e 140 horas no Campo de estágio.

⁹¹ As 200 horas de estágio na quarta série compreendem: 60 horas na disciplina de estágio Supervisionado e 140 horas no Campo de estágio.

IV - Orientação (presencial) envolvendo o orientador de estágio, o supervisor da Unidade Concedente de Estágio e o docente de estágio.

V - Atividades pedagógicas desenvolvidas em projetos de extensão, com a seguinte carga horária: 25 horas em ACE II na terceira série e 40 horas em ACE II na quarta série, que serão integralizados no Campo de Estágio.

Art. 37 Nos Estágios Não Obrigatórios, as atividades a serem desenvolvidas pelo estudante devem constar no Plano de Estágio, elaborado pelo estudante e seu Supervisor da parte concedente, com a aquiescência do Orientador.

Art. 38 A carga horária máxima de estágio não poderá ultrapassar 06 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

§ 1º O aluno que estiver cumprindo a carga horária máxima, nos períodos de avaliação estipulados pela instituição de ensino, terá a carga horária reduzida pelo menos à metade, segundo o estipulado no Termo de Compromisso, a fim de garantir o seu bom desempenho.

CAPÍTULO IX

DAS DISCIPLINAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Art. 39 - As disciplinas de Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II são ministradas por um ou mais docentes do colegiado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Art. 40 - A carga horária da disciplina de Estágio Supervisionado na instituição formadora é de 60 horas a ser cumprindo na 3ª série e de 60 horas a ser cumprindo na 4ª série;

Art. 41 - O acadêmico só pode realizar o Estágio Supervisionado II após aprovação no Estágio Supervisionado I.

Art. 42 - O docente de estágio é o responsável pela disciplina e pela organização das atividades no campo de estágio.

CAPÍTULO X

DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Art. 43 - O horário de realização do estágio na Unidade Concedente é estabelecido de acordo com as conveniências do campo de estágio, do orientador de estágio e do acadêmico-estagiário.

Art. 44 - O estágio é realizado no contraturno das aulas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Art. 45 - As atividades pedagógicas no campo de estágio e suas respectivas cargas horárias relacionadas ao Estágio Supervisionado I compreendem obrigatoriamente os seguintes níveis de aprofundamento:

I – Visita à Escola;

II - Caracterização do espaço selecionado;

III– Estágio de Observação;

IV – Estágio de Participação;

V – Prática Pedagógica;

VI - Atividades pedagógicas desenvolvidas em projetos de extensão, são: oficinas, minicursos, mesas-redondas ou palestras, compreendendo atividades de organização, divulgação e aplicação.

Art. 46 - As atividades pedagógicas no campo de estágio e suas respectivas cargas horárias relacionadas ao Estágio Supervisionado II, compreendem obrigatoriamente os seguintes níveis de aprofundamento:

I – Visita à Escola;

II - Caracterização do espaço selecionado;

III– Estágio de Observação;

IV – Estágio de Participação;

V – Prática Pedagógica;

VI– As Atividades pedagógicas desenvolvidas em projetos de extensão são: oficinas, minicursos, mesas-redondas e palestras, compreendendo atividades de organização, divulgação e aplicação.

Art. 47 - As atividades no campo de estágio obrigatório requerem 100% (cem por cento) de presença.

Parágrafo Único - No caso de falta, a reposição deve ser imediatamente reagendada pelo acadêmico- estagiário com a Unidade Concedente de Estágio, exceto a falta na Prática Pedagógica, que requer os seguintes procedimentos:

I - Comunicação e justificativa da falta ao orientador e ao docente de estágio;

II – O orientador deverá comunicar o supervisor da Unidade Concedente de Estágio;

III - O orientador deverá encaminhar a justificativa, providenciada pelo acadêmico- estagiário, à Unidade Concedente de Estágio e solicitar reagendamento;

IV - Relato formal do ocorrido junto à Coordenação de Estágio do Curso.

V - Fazer um novo cronograma das atividades de estágio para o estudante.

Art. 48 - As atividades realizadas no campo de estágio e suas respectivas cargas horárias são registradas na Ficha de Frequência do acadêmico-estagiário, em formulário próprio elaborado pela coordenação de estágio, sendo obrigatória a assinatura do supervisor da Unidade Concedente de Estágio no referido documento.

Art. 49 - O Estágio pode ser desenvolvido em mais de um local, concomitante ou não, desde que não comprometa as demais atividades acadêmicas do acadêmico- estagiário.

CAPÍTULO XI

DA ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO

Art. 50 - A orientação em campo de Estágio Supervisionado Obrigatório de Licenciatura em Artes Visuais compreende o acompanhamento do acadêmico- estagiário no decorrer de suas atividades, de forma a permitir o melhor desempenho de ações pertinente à realidade da profissão e da formação humana.

Art. 51 – As orientações de Estágio Supervisionado Obrigatório de Licenciatura em Artes Visuais podem ser organizadas coletivamente, ou individualmente, quando necessário, no Campus de Curitiba I – EMBAP, em horários e locais pré- estabelecidos, envolvendo também visitas programadas no campo de estágio obrigatório.

Art. 52 - Os docentes de estágio obrigatório podem assumir a orientação e a supervisão de estágio obrigatório quando se tratar de projetos de extensão desenvolvidos na Unespar.

Art. 53 – O acompanhamento em campo de Estágio Supervisionado Obrigatório, é desenvolvido pelo orientador sob a forma semidireta e com visitas sistemáticas; consiste no acompanhamento, orientação e avaliação contínua das atividades desenvolvidas pelo acadêmico estagiário nas unidades concedentes conveniadas.

Art. 54 – O Projeto de Ensino de Prática Pedagógica é um planejamento pedagógico na área de Artes Visuais, envolvendo conhecimentos teóricos, práticos e metodológicos, processos de criação e/ou enfoques interdisciplinares.

Art. 55 – A elaboração do Projeto de Ensino de Prática Pedagógica é realizada pelo acadêmico-estagiário com acompanhamento do orientador de estágio e do docente de estágio, respeitando as condições apresentadas pelo supervisor da Unidade Concedente de Estágio.

Art. 56 - O Projeto de Ensino de Prática Pedagógica deve ser apresentado pelo acadêmico-estagiário aos docentes, orientador e supervisor, no prazo mínimo de 10 (dez) dias antes da data prevista de início de sua execução para análise e aprovação.

Art. 57 - Somente após a análise e aprovação do Projeto de Ensino de Prática Pedagógica pelo orientador e pelo docente da disciplina, com anuência do supervisor da Unidade Concedente de Estágio, é que o acadêmico-estagiário pode executá-lo.

CAPÍTULO XII

DA AVALIAÇÃO

Art. 58 - A avaliação ocorre de forma sistemática e contínua, envolvendo a participação e comprometimento com a disciplina de Estágio, as atividades de estágio: elaboração dos relatórios e socialização dos registros e das experiências relacionadas

aos estágios realizados e elaboração e execução do Projeto de Ensino de Prática Pedagógica.

Art. 59 - A sistematização da avaliação das atividades do campo de estágio é desenvolvida cooperativamente entre o docente de estágio, o orientador de estágio do Curso e o supervisor da Unidade Concedente de Estágio.

Art. 60 - As notas do Estágio Supervisionado I e II são publicadas em quatro momentos distintos do ano letivo, e expressam avaliações referentes ao campo de estágio e às atividades desenvolvidas na disciplina de estágio.

Art. 61 - A aprovação no Estágio Supervisionado Obrigatório está condicionada à média final 7,0 (sete), frequência superior a 75% (setenta e cinco por cento) nos encontros presenciais no Campus de Curitiba I – EMBAP, ou em local previamente organizado, e frequência de 100% (cem por cento) no campo de estágio supervisionado.

Art. 62 - O Estágio Supervisionado não prevê exame final.

Art. 63 - Os estudantes são avaliados continuamente em todo processo de ensino-aprendizagem, através da participação nas atividades desenvolvidas, no contexto de cada disciplina de Estágio, considerando os seguintes critérios de avaliação:

- I- Participação nas reuniões de orientação de estágio;
- II- Cumprimento de tarefas solicitadas pelo professor orientador e professor supervisor;
- III- Participação das atividades do campo de estágio;
- IV- Desenvolvimento de pesquisas de campo;
- V- Responsabilidade;
- VI- Assiduidade;
- VII- Pontualidade;
- VIII- Iniciativa;
- IX- Organização;
- X- Competência teórico-metodológica;

- XI- Capacidade de articulação entre os conhecimentos produzidos nas reuniões de orientação de estágio e na vivência das atividades no campo de estágio;
- XII- Relação do estudante com o campo de estágio;
- XIII- Organização da prática pedagógica;
- XIV- Capacidade em obter a participação do aluno;
- XV- Segurança e clareza na exposição do conteúdo;
- XVI- Orientação na execução das atividades do grupo no campo de estágio;
- XVII- Controle da disciplina;
- XVIII- Habilidade de incentivar o grupo;
- XIX- Uso adequado da linguagem escrita e oral;
- XX- Uso adequado do material didático pedagógico;
- XXI- Aproveitamento do tempo disponível;
- XXII- Coerência do planejamento com a docência e o nível de conhecimento do grupo;
- XXIII- Clareza e objetividade na elaboração do Projeto de Prática Pedagógica e nos relatórios de estágio obrigatório;
- XXIV- Postura acadêmico-profissional durante todo o processo.

Art. 64 No Estágio Não Obrigatório, o estagiário deverá entregar no Setor de Estágios do Campus, com periodicidade mínima de 06 (seis) meses, Relatório de Atividades, a ser elaborado com a unidade concedente. O Setor de Estágios deve encaminhar ao Coordenador de Estágio ou Coordenador de Curso para que verifique a pertinência das atividades relatadas com o previsto no Plano de Estágio.

Parágrafo Único - A ausência do Relatório de Atividades Parciais inviabilizará o aproveitamento das horas desenvolvidas em estágio não obrigatório para outras demandas, mesmo que o estudante venha a entregar o Relatório Final.

Art. 65 Ao final do Estágio não obrigatório, o estudante deverá entregar na Central de Estágio do Campus de Curitiba I – EMBAP, os documentos de avaliação e encerramento do estágio, conforme emitidos pelo Agente Integrador.

CAPÍTULO XIII

DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 66 - São atribuições da Unidade Concedente de Estágio:

- I - Aceitar a solicitação de estágio a ser realizado pelo acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais;
 - II- Indicar pessoa do seu quadro de pessoal, com formação profissional e experiência na área de concessão do estágio para supervisionar o estagiário;
 - III - Encaminhar à Coordenação de Estágio do Curso o Termo de Compromisso devidamente assinado pelo representante legal da mesma e pelo estagiário;
 - IV- Assinar os documentos solicitados para fins de comprovação de cumprimento do estágio e da avaliação de desempenho a ser encaminhado ao orientador de Estágio do Curso;
- Parágrafo Único - A UNESPAR pode ser considerada Unidade Concedente de Estágio desde que cumpra as exigências necessárias para a realização do estágio.

Art. 67 - São atribuições da Coordenação de Estágio do Curso:

- I - Propor ao colegiado a minuta do Regulamento de Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso, para avaliação e aprovação;
- II- Definir os campos de estágios, juntamente com o docente e com o orientador do estágio, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso;
- III- Encaminhar ao Colegiado de Curso a programação dos estágios para apreciação e aprovação.
- IV - Manter cadastro atualizado dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais que estão realizando estágios, com especificação das instituições;
- V - Assinar o Termo de Compromisso do Estágio Supervisionado obrigatório e não obrigatório;

VI – Organizar a distribuição dos acadêmicos-estagiários entre os docentes que atuarão como orientadores de estágio;

VII- Orientar e assessorar os docentes das disciplinas de Estágio I e II, os professores orientadores e os acadêmicos-estagiários, quanto ao encaminhamento das atividades de estágio;

VIII- Elaborar formulários de acompanhamento e de avaliação das atividades dos estágios em conjunto com os docentes de estágio;

IX - Orientar o docente de estágio e o orientador de estágio sobre as avaliações e lançamento de notas;

X - Convocar reuniões sempre que necessário com os docentes e orientadores de estágio do Curso;

XI– Analisar em conjunto com os docentes de estágio as solicitações e justificativas encaminhadas pelos acadêmicos-estagiários;

XII- Receber periodicamente, os documentos (Relatórios Finais, fichas de frequência e demais documentos oficiais) dos estágios obrigatórios e não obrigatórios e tomar as providências cabíveis, junto aos demais setores, sempre que necessário;

XIII - Propor ao colegiado de curso alterações que se façam necessárias no Regulamento de Estágio Supervisionado obrigatório e não obrigatório;

Art. 68 - São atribuições dos Docentes de estágio:

I- Conduzir as orientações para que sejam efetivadas as normas estabelecidas neste documento e no Regulamento Geral dos Estágios Obrigatórios da UNESPAR;

II – Auxiliar a Coordenação de Estágio do Curso, a elaborar os formulários de acompanhamento e de avaliação das atividades do estágio incluindo a experiência de Prática Pedagógica;

III- Elaborar em conjunto com os orientadores de Estágio do Curso e Coordenação de Estágio do Curso um cronograma de acompanhamento no campo de estágio;

IV- Apresentar o cronograma de acompanhamento no campo de estágio em reunião do Colegiado de Curso para aprovação;

V - Orientar e assessorar os acadêmicos-estagiários quanto aos procedimentos para a realização de estágio;

VI- Manter contato e trocar informações com o supervisor da Unidade Concedente de Estágio;

VII - Participar dos encontros e reuniões promovidos pela Coordenação de Estágio do Curso;

VIII - Informar à Coordenação de Estágio do Curso sobre o andamento das atividades e solicitar reuniões quando necessário;

IX- Assessorar no planejamento da Prática Pedagógica do acadêmico-estagiário no campo de estágio, juntamente com o orientador;

X- Acompanhar o andamento da Prática Pedagógica do acadêmico-estagiário;

Art. 69 - São atribuições do Orientador de estágio:

I – Ter ciência deste documento e do Regulamento Geral dos estágios obrigatórios e não obrigatórios dos cursos de graduação da UNESPAR.

II - Orientar o acadêmico-estagiário no planejamento e na elaboração das atividades de estágio.

III - Acompanhar no campo de estágio as atividades de estágio, na modalidade semidireta, conforme cronograma aprovado.

IV- Orientar e assessorar os acadêmicos-estagiários quanto aos procedimentos para a realização de estágio;

V - Informar à Coordenação de Estágio do Curso e o docente de estágio sobre o andamento das atividades e solicitar reuniões quando necessário;

VI- Manter contato e trocar informações com o supervisor da Unidade Concedente de Estágio;

VII - Proporcionar ao acadêmico-estagiário oportunidades de reflexão sobre as atividades e experiências de estágio;

VIII – Realizar acompanhamento e avaliação das atividades de estágio no campo de estágio.

IX – Encaminhar para o docente de estágio o resultado do acompanhamento e da avaliação do acadêmico-estagiário.

X - Participar dos encontros e reuniões promovidos pela Coordenação de Estágio do Curso.

Art. 70 - São atribuições do Supervisor da Unidade Concedente de Estágio:

I - Acompanhar o acadêmico-estagiário nas atividades atribuídas no campo de estágio;

II – Orientar o acadêmico-estagiário nas vivências de situações de aprendizagem relativas à formação docente;

III - Aprovar o Projeto de Ensino do acadêmico-estagiário;

IV- Avaliar o desempenho do acadêmico-estagiário durante as atividades de estágio mediante formulário próprio;

V - Assinar e carimbar a ficha de frequência do acadêmico-estagiário;

VI – Manter diálogo contínuo com o orientador de campo de estágio e com o acadêmico-estagiário.

VII- Solicitar ao orientador de estágio do Curso, com anuência da Direção da Escola, o desligamento do estagiário que não apresentar condições para a continuidade da realização das atividades de estágio.

Parágrafo Único - Nas instituições de educação básica, o supervisor da Unidade Concedente de Estágio será o Professor da Disciplina de Arte.

Art. 71 – Dos deveres do Acadêmico-estagiário:

I- Estar regularmente matriculado na disciplina de Estágio Supervisionado I ou Estágio Supervisionado II e frequentar as aulas;

II - Observar e respeitar as normas contidas neste regulamento;

III - Encaminhar ao professor orientador, dentro dos prazos estabelecidos, os documentos e informações relativos à solicitação de campo de estágio e ao Termo de Compromisso de Estágio.

- IV - Participar das atividades de orientação obrigatória no horário de aula do curso, além de outros momentos quando solicitado pelo orientador de estágio;
- V - Definir junto ao docente de estágio, ao orientador de estágio e ao supervisor da Unidade Concedente de Estágio, um cronograma para o cumprimento das atividades de estágio;
- VI - Elaborar o projeto de ensino e apresentar para o orientador de estágio, para o docente de estágio e para o supervisor da Unidade Concedente de Estágio, para aprovação;
- VII - Iniciar o estágio somente após autorização do docente de estágio, mediante o convênio estabelecido com a Unidade Concedente de Estágio, Termo de Compromisso assinado por todos os envolvidos;
- VIII - Desempenhar as atividades do Estágio Supervisionado com responsabilidade e competência, observando as normas de ética profissional no desenvolvimento de suas atividades;
- IX - Em caso de impedimento de comparecer ao campo de estágio, conforme cronograma, comunicar antecipadamente ao orientador de estágio que organizará junto com o supervisor da Unidade Concedente de Estágio a devida reposição das atividades e da carga horária;
- X - Registrar sistematicamente as atividades desenvolvidas no campo de estágio, conforme as orientações do docente de estágio;
- XI - Registrar na Ficha de Frequência as atividades desenvolvidas no campo de estágio, constando data, horário e assinatura do supervisor da Unidade Concedente de Estágio;
- XII - Entregar ao docente de estágio e ao orientador os registros e trabalhos acadêmicos relacionadas ao Estágio Supervisionado além do relatório final modelo PROGRAD;
- XIII - Zelar pelo nome da Unidade Concedente de Estágio e da UNESPAR;
- XIV - Manter uma convivência harmoniosa e profissional com a equipe de trabalho no âmbito da Unidade Concedente de Estágio e da UNESPAR.

CAPÍTULO XIV

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 72 - O cumprimento e a comprovação da realização da carga horária do Estágio Supervisionado é um dos requisitos para aprovação nas disciplinas de Estágio Supervisionado e obtenção do diploma.

Art. 73 - O Estágio Supervisionado Obrigatório não pode ser validado como carga horária de Atividades Complementares.

Art. 74 - O Estágio Supervisionado não obrigatório pode ser validado como carga horária de Atividades Complementares.

Art. 75 - O acompanhamento e o registro das atividades previstas neste documento são efetuados em formulários elaborados pela Coordenação de Estágio do Curso em conjunto com os docentes de estágio;

Art. 76 - Este regulamento entra em vigor após a apreciação do colegiado de Licenciatura em Artes Visuais e posterior aprovação no Conselho de Centro de Artes e Museologia.

Art. 77 - Os casos omissos deste Regulamento serão resolvidos em primeira instância pela coordenação e professores orientadores de estágio do curso e se necessário encaminhados para o colegiado de curso.

ANEXO II - Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAPÍTULO I DA NATUREZA E CARACTERIZAÇÃO DO TCC

Art. 1º. O Trabalho de Conclusão de Curso, doravante denominado TCC, no âmbito deste Regulamento, previsto no Artigo 8º da Resolução nº 1 de 16 de janeiro de 2009 do Conselho Nacional de Educação e no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. A partir do PPC de 2023 o TCC se constitui como componente curricular e ACE II, portanto com carga horária de 50 horas para ACE e 10 horas para reuniões presenciais com o coordenador do TCC, sendo ofertada durante o 4º ano do curso.

Art. 2º. O TCC configura-se em uma atividade acadêmica de pesquisa e sistematização de conhecimento sobre um objeto de estudo no âmbito das Artes Visuais, realizado individualmente e sob a orientação de um docente vinculado ao Campus de Curitiba I - Embap/Unespar, e tem como objetivos:

- I - Atender à perspectiva do Campus de Curitiba I - Embap/Unespar como instituição de ensino superior, produtora e disseminadora de conhecimento;
- II - Conduzir o acadêmico para a efetiva produção de pesquisa, por meio de uma monografia;
- III - Propiciar ao acadêmico o contato com diversos aspectos da produção científica, artística, acadêmica e da profissão;

Art. 3º. O TCC é composto por quatro etapas, articuladas entre si:

- I - Aprovação da Proposta do Projeto do TCC - produzido no terceiro ano durante a disciplina de Projeto de Pesquisa - para o orientador designado pelo Colegiado (com anuência do professor designado), acrescido da carta de aceite do respectivo orientador para o Coordenador de TCC;
- II - Qualificação do Projeto de TCC por meio de banca avaliadora antes do recesso semestral;
- III - Projeto de Curso relacionado ao tema do TCC, o qual deverá ser aprovado pelo professor(a) orientador(a) e em seguida apresentado em Seminário (ACE II) organizado pelo Coordenador do TCC, a partir do quarto bimestre

do respectivo ano letivo;

IV - Apresentação de Defesa pública do TCC como parte de um evento da ACE II, perante uma banca avaliadora, A organização e execução do evento contabilizará 50 horas.

Art. 4º. O TCC configura um estudo reflexivo e analítico, por meio de monografia sobre tema que contemple uma das seguintes linhas de pesquisa:

I - Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais;

II - Poéticas e Processos Artísticos;

III- História e Teoria da Arte.

Parágrafo Único. A elaboração e o desenvolvimento do TCC devem seguir as normas técnicas da UFPR, enquanto não houver normas próprias da Unespar.

CAPÍTULO II

DAS NORMAS E DA ORGANIZAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO TCC

Art. 7º. Todas as fases relacionadas ao encaminhamento da monografia estarão vinculadas ao Coordenador de TCC, como por exemplo: quadro de distribuição orientador/orientandos, calendário de qualificação, defesa, entregas, seminário de ACE, etc.

Art. 8º. A organização e o acompanhamento das atividades de TCC são realizados pelo Coordenador de TCC.

Art. 9.º A orientação de TCC, entendida como processo de acompanhamento didático-pedagógico, será preferencialmente de responsabilidade de um docente efetivo estatutário do Campus de Curitiba I - Embap/Unespar. No caso de Professor Colaborador como orientador, o Colegiado deverá verificar se o contrato do mesmo estará vigente até a data da defesa.

§ 1º Cada Orientador poderá ter, no máximo, 02 (dois) orientandos por ano letivo. Casos excepcionais deverão ser dirimidos pelo Colegiado.

§ 2º. A organização e o registro acadêmico das avaliações TCC serão atribuídos ao Coordenador de TCC.

§ 3º. A substituição de Orientador por solicitação do acadêmico junto ao Coordenador de TCC será permitida mediante a aceitação do docente que assumirá a orientação e da aquiescência do professor substituído, que deverão

constar expressamente em solicitação de substituição e aprovação diante do Colegiado.

Art. 10. O (A) Acadêmico (a) deverá cumprir as seguintes etapas obrigatórias e sequenciais do TCC:



I - O Professor da disciplina de Projeto de Pesquisa, do terceiro ano do curso, deverá encaminhar a Proposta de Projeto de TCC no final do quarto bimestre para o Coordenador do TCC, que deverá apresentá-los na última reunião de Colegiado do ano;

II - O aluno e o orientador deverão formalizar a orientação através da **Carta de Aceite de Orientação** enviada pelo aluno ao Professor Coordenador do TCC na primeira quinzena do 1º. Bimestre;

III- Encaminhar à Banca Avaliadora no mínimo: Sumário, Introdução e o primeiro capítulo completo do TCC, para Qualificação, até o término do segundo bimestre.

IV – Encaminhar o **Projeto de Curso**, conforme modelo nos anexos, aos cuidados do respectivo orientador ao Coordenador de TCC, que será responsável pela organização dos Seminários da ACE II, na primeira quinzena do quarto bimestre, em data definida via edital.

V - Enviar versão completa do TCC em formato PDF, para o professor Orientador, membros da banca, em data definida via edital.

VI - Defender o TCC a partir das datas definidas pelo **Cronograma do TCC, elaborado pelo Coordenador de TCC** e aprovado em Colegiado de curso;

VII - Entregar uma versão final do TCC com as devidas revisões, em 15 dias corridos após a defesa, em formato PDF ao Professor Orientador, que encaminhará ao Coordenador do TCC.

CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 11. São atribuições do Colegiado de Curso em Licenciatura em Artes Visuais:

I - Realizar a distribuição de orientadores e orientandos conforme o interesse e disponibilidade dos professores do Colegiado, na última reunião do curso, do ano que antecede o TCC;

II - Encaminhar os casos omissos neste Regulamento, em reunião de Colegiado;

III - Colegiado deverá exigir e fiscalizar o cumprimento deste Regulamento;

IV - Analisar e aprovar as alterações deste Regulamento e encaminhar ao CEPE para formalização.

Art. 12. São atribuições do Coordenador do TCC:

I – Apresentar as Propostas dos Projetos do TCC - produzidos no terceiro ano durante



a disciplina de Projeto de Pesquisa - para o Colegiado;

§ 1º - A organização e o acompanhamento das atividades de TCC são realizados pelo Coordenador de TCC.

§ 2º- Todas as fases relacionadas ao encaminhamento da monografia estarão vinculadas ao Coordenador de TCC, como por exemplo: quadro de distribuição orientador/orientandos, calendário de qualificação, defesa, entregas, seminário de ACE, etc.

II - Organizar o cronograma de Qualificação dos Projetos de TCC contendo os membros das bancas avaliadoras antes do recesso semestral;

III – Acolher o Projeto de Curso relacionado ao tema do TCC, o qual deverá ser aprovado pelo professor(a) orientador(a). Organizar o Seminário (ACE II) a partir do quarto bimestre do ano letivo corrente;

IV - Organizar o Cronograma e a Apresentação de Defesa pública (Auditório e equipamentos necessários) do TCC como evento de ACE II, perante uma banca avaliadora;

V - Cabe ao Coordenador de TCC verificar a data de vigência do contrato dos professores Colaboradores para que os mesmos possam orientar, desde que o respectivo contrato esteja em vigor até a data da defesa.

VI - A organização e o registro acadêmico das avaliações TCC serão atribuídos ao Coordenador de TCC.

VII- Cabe ao Coordenador de TCC mediar a substituição de Orientador.

VIII - Solicitar ao Professor da disciplina de Projeto de Pesquisa, do terceiro ano do curso, as Propostas dos Projetos de TCC no final do quarto bimestre, e deverá apresentá-los na última reunião de Colegiado do ano

IX - Solicitar carta de aceite para o aluno do seu respectivo orientador para formalizar a orientação, na primeira quinzena do 1º. Bimestre;

X - Solicitar o **Projeto de Curso**, aos Orientadores de TCC a fim de organizar o Seminário da ACE II;

XI - Solicitar aos respectivos professores Orientadores, após a defesa, a versão final revisada do TCC em formato PDF e realizar os devidos encaminhamentos de arquivamento na Instituição (biblioteca).

XII- Elaborar edital indicando no **Cronograma das bancas finais do TCC**, data, hora, sala local, membros da banca e título dos TCCs;

XIII - Organizar salas e auditório e equipamentos, respectivamente, para as bancas



de qualificação e defesa do TCC;

XIV - Solicitar após 15 dias corridos das defesas, a versão final do TCC, em formato PDF junto aos Professores Orientadores.

XV - Assegurar o bom desenvolvimento das atividades de TCC, inclusive convocando reuniões com acadêmicos para discutir questões relativas à organização, planejamento, desenvolvimento e avaliação de TCC;

XVI - Comunicar pelos meios oficiais ao Setor de Controle Acadêmico as devidas avaliações do TCC;

XVII- Fornecer os modelos de Ata de Qualificação e de Defesa para os Professores Orientadores.

Art. 13. São atribuições do Orientador (a):

I - Assinar a carta de aceite ao orientando;

II – Orientar, acompanhar e conduzir o desenvolvimento do TCC;

III – Comunicar ao Colegiado às situações que estejam dificultando o desenvolvimento dos trabalhos, inclusive interrompendo a orientação em caso de ausência não justificada do orientando;

IV - No caso de três ausências consecutivas, comunicar o desligamento da orientação;

V – Orientar e aprovar o Projeto de Curso do Acadêmico (a);

VI – Organizar, convidar os membros para compor a banca e entregar para o Coordenador do TCC os nomes dos membros da Banca, com datas e horários, tanto para qualificação, quanto para defesa, e presidir a defesa do TCC.

VII- Presidir a sessão de Defesa pública do TCC;

VIII- Redigir e preencher a Ata de Qualificação e de Defesa de TCC com as devidas avaliações e assinaturas dos membros da Banca Examinadora;

IX - Encaminhar a **Ata de Qualificação e de Defesa** ao Coordenador do TCC;

X – Acompanhar o processo de entrega e finalização da versão final do TCC e encaminhar ao Coordenador do TCC;

Parágrafo Único. Serão obrigatórios, no mínimo, três encontros presenciais e três online de orientação previamente agendados, com 48 horas de antecedência. As orientações devem ser devidamente registradas e assinadas pelas partes conforme modelo (Anexo 09).

Art. 14. São deveres do (a) Acadêmico (a):

I - Assinar e entregar ao Coordenador do TCC o **Termo de Ciência do regulamento**



para o Acadêmico (a), conforme modelo nos anexos.

II – Participar obrigatoriamente dos encontros de orientação programadas pelo Orientador de TCC;

III – Desenvolver o TCC, realizando as atividades exigidas, cumprindo prazos, seguindo as orientações e respeitando as exigências metodológicas e conceituais da pesquisa científica;

IV – Cumprir todas as disposições deste Regulamento.

Parágrafo Único. O (A) Acadêmico (a) que não cumprir os prazos ou desistir de apresentar o trabalho, nos termos deste Regulamento, não será aprovado. Portanto, ficará retido no curso porque o TCC é um Componente Curricular obrigatório. Não haverá prorrogação de prazo de defesa de TCC após o ano letivo corrente, salvo licenças de saúde ou calendários remotos em razão de pandemias, etc.

CAPÍTULO IV

DO TCC

Art. 15. O TCC deverá ser apresentado, seguindo as normas técnicas da UFPR.

§1º Será avaliada, na Defesa de TCC, a totalidade do trabalho do Acadêmico, sendo critérios para a análise do Trabalho de Conclusão de Curso:

I - Clareza, consistência e objetividade do texto;

II - Compatibilidade com os objetivos do curso e suas habilitações;

III - Profundidade das discussões teóricas.

IV - Pertinência das informações veiculadas e coerência das mesmas com o tema proposto;

V - Escolha e bom aproveitamento das fontes para a pesquisa e do material colhido por ocasião da aplicação do projeto;

VI - Obediência às normas técnicas de elaboração de trabalhos científicos, UFPR;

VII - Adequação do texto à norma culta da língua portuguesa;

VIII - Contribuição do trabalho para o meio social e intelectual.

§1º O TCC que não atender aos limites acima será considerado excepcional e deve, para apresentação nestas condições, possuir expressa autorização por parte do orientador.

§2º O TCC no qual for constatado o plágio será considerado reprovado.



CAPÍTULO V

DA AVALIAÇÃO DO TCC

Art. 16. Serão realizadas três avaliações que cabem ao processo do TCC:

I - Banca de Qualificação que constitui uma apresentação do Projeto de Pesquisa contendo Título, Sumário e Primeiro Capítulo finalizados nos termos deste Regulamento. O cumprimento de tais procedimentos determinarão a aprovação na qualificação;

II – Seminário de Projeto de curso que constitui o conjunto das atividades realizadas e atestadas nos termos deste Regulamento, previsto para a primeira quinzena do quarto bimestre;

III – Banca do TCC que se constitui como Defesa Pública.

Art. 17. As avaliações das Bancas de Qualificação e de Defesa do TCC serão realizadas por Banca Examinadora composta de 03 (três) membros: Orientador, membro nato e presidente e por 02 (dois) outros docentes com vínculo de trabalho no Ensino Superior até a data de defesa da banca.

§ 1º. Nas sessões de Banca de Defesa do TCC o Acadêmico terá até 30 minutos para sua exposição oral e cada membro da Banca Examinadora terá até 10 (dez) minutos para sua arguição. Após este prazo o Acadêmico terá 10 (dez) minutos para responder as questões dos examinadores.

§ 2º. As Bancas de Qualificação e de Defesa serão definidas pelo professor orientador.

§ 3º. A avaliação será definida pelos termos “Aprovado”, “Aprovado com ressalvas” ou “Não Aprovado”.

§ 4º O Acadêmico aprovado no TCC dispõe de dez dias corridos para efetuar, se houver necessidade de correções sugeridas pela Banca Examinadora. Após este prazo, a versão final do trabalho deve ser enviada em formato PDF via email ao Orientador de TCC que encaminhará o arquivo digital ao Coordenador de TCC.

§1 - O processo de avaliação do TCC somente se concluirá a partir do envio da versão final em formato PDF após os ajustes indicados pela banca, para ser arquivado na biblioteca da Instituição.

CAPÍTULO VI DO PLÁGIO

Art. 19. A apresentação parcial ou na íntegra de produção intelectual de outro autor, como sendo da autoria do acadêmico, caracteriza a prática de plágio que, por sua vez, evidencia ato incompatível com o decoro da vida universitária, sujeito à legislação vigente.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 20. Todos os casos omissos neste Regulamento devem ser resolvidos pelo Colegiado do Curso.

Art. 21. Fazem parte deste Regulamento os Anexos 01 a 08, ANEXO 01 - Carta de aceite de orientação; ANEXO 02 - Modelo de Proposta de Projeto de TCC; ANEXO 03 - Modelo de Projeto de Curso; ANEXO 04 - Atestado de Aprovação do Projeto de Curso; ANEXO 05 - Ata da Banca de Qualificação; ANEXO 06 - Ata de banca Defesa; ANEXO 07 - Ficha de frequência de orientação; ANEXO 08 - Termo de ciência do Regulamento para Acadêmico(a).

Art. 22. Este Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Curitiba, ____ de _____ de 2023.

ANEXO 01 – CARTA DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO

Eu, _____, professor (a) do Campus de Curitiba I - Embap/Unespar, declaro o aceite de orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da graduação Licenciatura em Artes Visuais, do(a) acadêmico(a) _____ a partir de _____ (mês/ano).

Curitiba, _____ de _____ de _____.

-

Assinatura do (a) Orientador (a)

ANEXO 02 – MODELO DE PROPOSTA DE PROJETO DE TCC

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA
ACADÊMICO (A) PROPONENTE:

--

() Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais; ()

História e Teoria da Arte;

() Poéticas e Processos Artísticos.

***Assinalar a linha de pesquisa em que se insere a presente proposta.**

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

APRESENTAÇÃO DE CARÁTER DESCRITIVO:

- Deve conter o número mínimo de 200 e no máximo 400 palavras.
- Deve apresentar de forma objetiva e concisa os seguintes elementos:
 - (1) delimitação temática da pesquisa;
 - (2) o propósito da pesquisa (objetivos gerais e específicos);
 - (3) fundamentação com referenciais teóricos, destacando as principais referências (autores de relevância reconhecida no campo temático da pesquisa) nas quais se apoia a produção.

2. PALAVRAS-CHAVE

PALAVRAS-CHAVE relacionam informações a respeito dos aspectos significativos que envolvem o objeto da investigação.

3. FORMULAÇÃO DO PROPÓSITO DA PESQUISA

Descrever clara e objetivamente o **PROPÓSITO DA PESQUISA**.

4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO MONOGRÁFICA

Apresentar de modo claro os objetivos e a relevância do objeto de pesquisa.

- Deve conter o número mínimo de 200 e no máximo 400 palavras.



5. REFERÊNCIAS

Elencar as referências das obras citadas.

- ☐ Deve conter o número mínimo de três (03) referências.

ANEXO 03 – MODELO DE PROJETO DE CURSO

Título do Projeto

CURITIBA

ANO

NOME DO (A) ACADÊMICO (A)

Título do Projeto de Curso

Projeto de Curso apresentado ao TCC no 4º Bimestre, do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Campus de Curitiba I - Embap/Unespar.

Professor(a) Coordenador de TCC: Professor(a)

Orientador(a):

CURITIBA

ANO

SUMÁRIO

1	Título do Projeto	00
2	Descrição do Projeto	00
3.	Instituição Formadora	00
4.	Justificativa do Projeto	00
5.	Objetivos do Projeto	00
6.	Metodologia do Projeto	00
7.	Recursos Humanos	00
8.	Referências	00

**ANEXO 04 - ATESTADO DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE
CURSO**

Atesto, para os devidos fins, que o Projeto de Curso, vinculado ao TCC intitulado _____
_____cumpru com
as exigências contidas na Normativa que rege o curso de Licenciatura em Artes Visuais
do Campus de Curitiba I - Embap/Unespar.

Curitiba, _____de _____de _____.

Professor (a) Orientador (a)



ANEXO 05 – ATA DA BANCA DE QUALIFICAÇÃO
TCC LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Nome do(a) acadêmico(a): _____

Título do TCC: _____

Observações:

BANCA EXAMINADORA:

 Presidente e Orientador(a)/ Nome: _____

 (Membro 01/ Nome: _____)

 (Membro 02/ Nome: _____)

Curitiba, _____ de _____ de _____.

ANEXO 06 – ATA DA BANCA DE DEFESA
TCC LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Nome do(a) acadêmico(a): _____

Título do TCC: _____

Observações:

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador(a)/ Nome: _____

(Membro 01/ Nome:_____

(Membro 02/ Nome:_____)

Curitiba, _____ de _____ de _____.

ANEXO 07 – FICHA DE CONTROLE DE ORIENTAÇÃO

Nome do acadêmico (a): _____

Título do TCC: _____

Orientador (a): _____

DATA DA ORIENTAÇÃO	ASSUNTOS TRATADOS	RUBRICA ORIENTADOR(A)

Assinatura do Orientador (a)_____
Assinatura do Orientando (a)

ANEXO 08 – TERMO DE CIÊNCIA DO REGULAMENTO PARA ACADÊMICO (A)

Eu, _____ declaro, para os devidos fins, inscrevo meu Projeto de Pesquisa de TCC, com o pleno conhecimento e aceite do Regulamento do TCC e dos termos da Instrução Normativa vigente.

Curitiba, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do (a) Acadêmico (a))

ANEXO III - Regulamento de Atividades Complementares; ANEXO

RESOLUÇÃO Nº. 002/2015 – EMBAP/UNESPAR

**REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DOS CURSOS DE LICENCIATURA
EM ARTES VISUAIS DA ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ – EMBAP**

CAPÍTULO I
DO CONCEITO E PRINCÍPIOS

Art. 1º. Atividades Complementares são o conjunto de atividades de natureza acadêmica, científica, artística e cultural que buscam a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão e que não estão compreendidas nas práticas pedagógicas previstas no desenvolvimento regular das disciplinas obrigatórias, optativas ou eletivas dos cursos de graduação, sendo um instrumento para o aprimoramento e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências inerentes à prática profissional do curso.

Art. 2º. As Atividades Complementares são apresentadas sob múltiplos formatos, tendo em vista:

- a) Complementar a formação do acadêmico, considerando a matriz curricular de cada curso;
- b) Expandir o conhecimento teórico-prático com atividades intra-e extra-institucionais;
- c) Fomentar a prática de trabalho entre grupos;
- d) Estimular as atividades de caráter solidário;
- e) Incentivar a tomada de iniciativa e o espírito empreendedor dos acadêmicos;
- f) Enriquecer a formação pessoal e profissional do acadêmico.



CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO E DA CLASSIFICAÇÃO

Art. 3º. As Atividades Complementares podem ser desenvolvidas no campus Curitiba I - EMBAP e/ou em organizações públicas e privadas, que propiciem a complementação da formação do acadêmico.

Art. 4º. Os acadêmicos que ingressaram no curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP (a partir da Matriz de 2018), devem obrigatoriamente completar no mínimo 240 (duzentas e quarenta) horas de Atividades Complementares concluídas.

Art. 5º. Os acadêmicos que ingressaram no curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP (Matriz 2023), devem obrigatoriamente desenvolver as 50 h de ACE II.

Art. 6º. O acadêmico que não cumprir a carga horária das Atividades Complementares prevista para o curso não estará apto à colação de grau, mesmo que tenha obtido aprovação em todas as disciplinas regulares de sua matriz curricular

Art. 7º. As Atividades Complementares para o curso de Licenciatura em Artes Visuais estão classificadas em 06 (seis) grupos:

I. **GRUPO 1 – ATIVIDADES DE FORMAÇÃO:** Nesse grupo entram as atividades referentes à formação acadêmica do estudante como estágios, monitorias, disciplinas cursadas para além do currículo obrigatório, produção de material didático e atividades desenvolvidas como professor ou pedagogo em instituições de ensino, entre outras.

II. **GRUPO 2 – ATIVIDADES DE EXTENSÃO:** São as atividades que se referem à possibilidade de alcançar não somente a comunidade acadêmica, mas também abertas à toda e qualquer pessoa que queira participar, como projetos e/ou eventos de extensão, assistência e/ou atuação em ateliê de artista, curadoria e produção e montagem de exposição de arte, entre outros. As Atividades extensionistas - ACE II e ACE III estão distribuídas no quadro a seguir.



QUADRO 1. ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

ACE I: Ações extensionistas não vinculadas ao PPC do curso.
ACE II: Cursos e eventos vinculados a Projetos e/ou Programas de Extensão da Unespar
ACE III - Projetos de Extensão desenvolvidos em outras instituições de ensino superior

Fonte: PPC LAV (2023).

III. GRUPO 3 – **ATIVIDADES DE PESQUISA:** São as atividades referentes à pesquisa acadêmica, como participação em eventos e/ou projetos de pesquisa e participação em grupos de pesquisa, escrita de textos acadêmicos, entre outros.

IV. GRUPO 4 – **ATIVIDADES ARTÍSTICAS:** São todas as atividades artísticas, como a participação em exposições e mostras, performances e apresentações teatrais e musicais, entre outras.

V. GRUPO 5 – **ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL:** São as atividades que envolvem a participação do estudante em atividades de representação estudantil, como representante de classe, em divisões, eventos e nos centros acadêmicos, dentre outros.



VI. GRUPO 6 – **ATIVIDADES DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL**: São as atividades em que o estudante participa.

Parágrafo Único – Algumas possíveis atividades pertinentes aos 06 (seis) grupos e suas respectivas pontuações estão discriminados no **Anexo I** deste Regulamento. Quaisquer outras atividades que não estão descritas no Anexo I serão validadas e categorizadas pela Comissão de Análise das Atividades Complementares – CAAC/LAV. Quando a atividade puder ser colocada em mais de uma categoria, será validada a de maior pontuação, quando couber, ou a que atender melhor às necessidades de validação do estudante, a critério da CAAC/LAV.

CAPÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES SEÇÃO I

DA COORDENAÇÃO DO CURSO

Art. 8º. Compete à Coordenação de Curso:

- I. Orientar os alunos no início/final de cada ano letivo quanto ao desenvolvimento das Atividades Complementares levando em consideração o presente Regulamento;
- II. Propiciar condições para o desenvolvimento do processo de avaliação e acompanhamento das Atividades Complementares;
- III. Constituir Comissão de Análise das Atividades Complementares – CAAC/LAV composta por no mínimo 3 (três) professores indicados pelo Colegiado de Curso.
- IV. Encaminhar ao Setor de Controle Acadêmico a validação da carga horária das Atividades Complementares, bem como o Edital do resultado da avaliação realizada pela



Comissão, além das cópias dos documentos comprobatórios, para o devido registro em histórico escolar e arquivamento.

SEÇÃO II

DA COMISSÃO DE ANÁLISE DAS ATIVIDADES

COMPLEMENTARES – CAAC/LAV

Art. 9º. Compete à Comissão de Análise das Atividades Complementares – CAAC/LAV:

- I. Analisar, validar e pontuar as Atividades Complementares concluídas e certificadas anteriormente à publicação do edital pelos acadêmicos do curso, considerando a documentação comprobatória a partir das determinações do presente Regulamento;
- II. Participar de reuniões com a Coordenação de Curso;
- III. Dirimir dúvidas dos estudantes e solicitar esclarecimentos/pareceres à outras instâncias/órgãos da universidade, quando necessário.

SEÇÃO III

DO ACADÊMICO

Art. 10º. Ao acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais regularmente matriculado compete:

- I. Conhecer o Regulamento das Atividades Complementares e seus anexos;



II. Inscrever-se nos programas e participar efetivamente das atividades oferecidas dentro ou fora da EMBAP que propiciem pontuações;

III. Providenciar a documentação comprobatória, relativa à sua participação efetiva nas Atividades Complementares realizadas;

IV. Respeitar os prazos e os procedimentos determinados para a validação das Atividades Complementares;

V. Cumprir a carga horária estabelecida na matriz curricular do curso para as Atividades Complementares. Observar que os certificados, declarações e/ou equivalente devem apresentar os requisitos mínimos para serem validados, como descrição da atividade, instituição e identificação oficial, carga horária, período em que a atividade foi realizada, data e assinatura do responsável pela instituição e/ou evento.

VI. Caso a Comissão entenda que determinada declaração e/ou equivalente deve ser complementada, poderá solicitar ao aluno as alterações/inserções necessárias.

VII. Apresentar as atividades exclusivamente em formato/arquivo específico, conforme solicitado por edital. Formatos diferenciados não serão aceitos.

CAPÍTULO IV

DA REALIZAÇÃO, DA COMPROVAÇÃO E DA AVALIAÇÃO

Art. 11. O grupo de classificação das Atividades Complementares a ser realizado é de escolha do acadêmico, de acordo com os seus interesses, conforme o anexo I deste regulamento, resguardado o máximo de horas apresentadas por grupo.

§ 1º - O acadêmico pode realizar Atividades Complementares desde a 1ª série de matrícula até o período que precede a publicação do edital.



§ 2º - As Atividades Complementares podem ser realizadas a qualquer momento, inclusive durante as férias escolares, preferencialmente em horário distinto ao horário do curso, não sendo justificativas para faltas em outras disciplinas curriculares.

§ 3º - Somente serão validadas Atividades Complementares desenvolvidas após a matrícula do acadêmico no curso.

§ 4º - Disciplinas já validadas como Aproveitamento de Estudos de acordo com a Portaria Embap nº Resolução 021/2016 - CEPE/UNESPAR, não podem ser consideradas para Atividades Complementares.

§ 5º - No caso de acadêmico portador de diploma de curso de graduação ou transferido de outras instituições de ensino superior é possível validar até:

20% das Atividades Complementares já realizadas, desde que o acadêmico já tenha cumprido, no mínimo, 30% da carga horária total do curso de origem, cabendo análise da Comissão de Análise das Atividades Complementares.

Art. 12. A validação das Atividades Complementares ocorre no segundo semestre do ano letivo, mediante orientações de edital próprio, publicado preferencialmente a partir do mês de outubro de cada ano letivo pela coordenação do curso.

Art. 13. Para solicitar a validação das Atividades Complementares e o devido registro no Histórico Escolar, o acadêmico deverá seguir as orientações do edital, preencher o **Requerimento** (Anexo II), bem como o **Formulário de Pontuação** (Anexo III) e a **Declaração de veracidade dos documentos** (Anexo V), além de juntar cópias legíveis da documentação comprobatória das atividades realizadas, de acordo com o **Anexo I** deste Regulamento, obedecendo aos prazos previstos em Calendário Acadêmico e de acordo com as orientações específicas de edital próprio.

§ 1º - Para cada atividade realizada pelo acadêmico, de acordo com o grupo, é creditada a respectiva pontuação - Anexo I deste Regulamento.



§ 2º - A documentação comprobatória apresentada deve estar devidamente legitimada pela instituição emitente, contendo os requisitos mínimos para serem validados como descrição da atividade, instituição e identificação oficial, carga horária, período em que a atividade foi realizada, data e assinatura do responsável pela instituição e/ou evento.

§ 3º - Para validação das Atividades Complementares que a instituição promotora não ofereça formas de registro da participação, o acadêmico deve apresentar um relatório das atividades realizadas, conforme descrito no **Anexo I** deste Regulamento.

§ 4º - Validada a documentação pela Comissão de Análise das Atividades Complementares – CAAC/LAV, a Coordenação de Curso deve encaminhar à Secretaria Acadêmica a ficha avaliativa com carga horária atribuída das Atividades Complementares para o registro no histórico escolar do acadêmico.

Art. 14. A análise das Atividades Complementares somente será realizada para os prováveis formandos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 15. Este regulamento pode ser alterado pelo Colegiado do curso de Licenciatura em Artes Visuais, mediante aprovação do Conselho de Centro, obedecidas as disposições regimentares aplicáveis.

Art. 16. Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão de Análise das Atividades Complementares – CAAC/LAV. Havendo necessidade, a CAAC/LAV poderá solicitar parecer do Colegiado do curso de Licenciatura em Artes Visuais, mediante consulta.

Art. 17. O presente regulamento passa a ter vigência a partir de sua publicação, estando revogadas as demais disposições em contrário.



ANEXO I - EXCLUSIVO PARA OS CURSOS DE ARTES VISUAIS

TABELA COM ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE ACORDO COM GRUPOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO 1 – ATIVIDADES DE FORMAÇÃO (MÁXIMO 120h)		
ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR ATIVIDADE
Estágio Extracurricular	- Contrato de estágio datado e assinado por todas as partes (aluno, instituição de ensino e empresa); - Carta da empresa contratante explicitando a quantidade de horas de estágio realizadas e relatório de estágio conforme modelo fornecido pela Central de Atividades Complementares (as atividades realizadas no estágio devem coincidir com as especificadas nesta regulamentação para validação).	Carga horária especificada no documento certificatório.
Monitoria em disciplinas do curso ou áreas afins	-Cópia do relatório Final de Monitoria; -Declaração da Divisão de Graduação;	Carga horária especificada no documento certificatório.
Monitoria em exposições		Carga horária especificada no documento certificatório.
Disciplinas cursadas no próprio curso que excedam as atribuídas como optativas ou eletivas.	- Histórico escolar;	Carga horária especificada no documento certificatório.



Disciplinas cursadas em outros cursos da UNESPAR ou Instituições de Ensino Superior durante o período acadêmico que não tenham sido consideradas como eletivas (Até 120h)	- Histórico escolar;	Carga horária especificada no documento certificatório.
Atividades de assistência, pesquisa ou participação em produção de material didático	- Comprovante emitido pelo profissional, empresa ou organização.	Carga horária especificada no documento certificatório.
Atividades de ensino durante o tempo do curso, como professor ou pedagogo em instituição de ensino	- Comprovante da instituição de ensino.	Carga horária especificada no documento certificatório.
GRUPO 2 – ATIVIDADES DE EXTENSÃO - ACE I, ACE II E ACE III (MÁXIMO 120h)		
ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR ATIVIDADE
Curso e projeto de extensão como bolsista ou voluntário	Certificado ou atestado de participação com assinatura da instituição ou do artista	Carga horária especificada no documento certificatório.
Organização de evento de extensão	Certificado ou atestado de participação com assinatura da instituição ou do artista	Carga horária especificada no documento certificatório.



Assistência e/ou atuação em ateliê de artista ou em curadoria, produção e montagem de exposição de arte	Certificado ou atestado de participação com assinatura da instituição ou do artista e identificação do evento, data, carga horária e local, anexados ao formulário preenchido corretamente.	Carga horária especificada no documento certificatório.
ACE II: Ações extensionistas não vinculadas ao PPC do curso. ACE II: Cursos e eventos vinculados a Projetos e/ou Programas de Extensão da Unespar. ACE III - Projetos de Extensão desenvolvidos em outras instituições de ensino superior.	Certificado ou atestado de participação com assinatura da instituição.	Carga horária especificada no documento certificatório.

GRUPO 3 – ATIVIDADES DE PESQUISA (MÁXIMO 120h)

ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR ATIVIDADE
Projeto de Pesquisa/iniciação científica – participação semestral como bolsista ou voluntário (Até 120h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	Carga horária especificada no documento certificatório.



Publicação de artigo científico completo em periódico especializado com comissão editorial (de acordo com critérios da CAPES) (Até 60 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	- 1 publicação regional equivale a 20h - 1 publicação nacional equivale a 30h 1 publicação internacional equivale a 40h
Publicação de artigo científico e/ou cultural em periódico de divulgação popular (Até 50 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 publicação equivale a 10 h
Apresentação oral de trabalho científico e/ou cultural, palestras, comunicação (Até 50h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	- 1 apresentação regional equivale a 5h - 1 apresentação nacional equivale a 10 h - 1 apresentação internacional equivale a 20 h
Autoria e co-autoria e capítulo de livro (Até 60h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 publicação equivale a 30 h
Participação de eventos científicos e/ou culturais; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras (Até 80 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	Comprovar número de horas



Participação como ouvinte de Defesas de dissertação de mestrado e teses de doutorado (até 30h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	- 1 defesa de dissertação equivale a 2 h
Participação como membro de comissão organizadora de eventos científicos e/ou culturais (Máximo 40 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	- 1 defesa de tese equivale a 4 h
Premiação em trabalho científico e/ou cultural (Máximo 60 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 certificado equivale a 10 h

Tradução de textos para publicação, durante o período acadêmico (Máximo 40 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 premiação equivale a 30 h
GRUPO 4 – ATIVIDADES ARTÍSTICAS (MÁXIMO 120h)		
ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR ATIVIDADE



Participação em exposições e mostras, individuais ou coletivas, em galerias, museus, instituições públicas ou privadas. Máximo para individuais (120h) para coletivas (90h).	Fotocópia do certificado /atestado de participação/ convite impresso/ Bilhete/tiquete/senha de entrada, com informações de identificação do evento, data, carga horária e local.	- 1 exposição coletiva em galeria privada ou espaço alternativo local equivale 5 h - 1 exposição individual em galeria privada ou espaço alternativo local equivale 12 h - 1 exposição coletiva em instituição regional equivale a 30 h - 1 exposição individual em instituição regional equivale a 60 h - 1 exposição coletiva em instituição internacional equivale a 60 h - 1 exposição individual em instituição internacional equivale a 90 h
Curadorias de exposições e mostras, individuais ou coletivas, em galerias, museus, instituições públicas ou privadas. Máximo para individuais (120h) para coletivas (90 h).	Fotocópia do certificado /atestado de participação/ convite impresso/ Bilhete/tiquete/senha de entrada, com informações de identificação do evento, data, carga horária e local.	- 1 curadoria em galeria privada ou espaço alternativo local equivale 20 h - 1 curadoria em instituição regional equivale a 60 h 1 curadoria internacional

		equivale a 90 h
Atuação em projetos de iniciativa própria como performances, movimentos artísticos coletivos, manifestações alternativas de evidente aparição pública e relevância comum. (Máximo 60 h)	Relato da ação com registros fotográficos.	- 1 apresentação regional equivale a 12 h - 1 apresentação nacional equivale a 30 h 1 apresentação internacional equivale a 60 h
Premiação em concursos, salões, mostras ou exposições de artes visuais; (Máximo 80 h)	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 premiação equivale até 40 h
Participação em concursos ou editais artísticos;	cópia do certificado ou documento comprobatório.	1 certificado equivale até 30 h
Performance em Atividades culturais ou artísticas (concertos, exposições, mostras, festival ou mostra de vídeo, cinema, teatro, dança)	cópia do certificado ou documento comprobatório. Bilhete/tiquete/senha de entrada, com informações de identificação do evento, data, carga horária e local.	- 1 apresentação regional equivale a 12 h - 1 apresentação nacional equivale a 30 h

	Assinatura com carimbo da instituição e data, mais descrição e tema da ação de formação preenchidos corretamente no formulário	- 1 apresentação internacional equivale a 60 h
Participação como componente de orquestras, bandas ou corais; Participação como integrante em espetáculo de dança;	Fotocópia do certificado /atestado de participação. Bilhete/tíquete/senha de entrada, com informações de identificação do evento, data, carga horária e local.	- 1 apresentação regional equivale a 4 h - 1 apresentação nacional equivale a 8 h 1 apresentação internacional equivale a 12h

Atuação como arranjador, compositor ou produtor musical, regente, direção musical, assistente de direção musical. Participação como ator ou diretor em peças teatrais ou cinematográficas; assistente de direção; direção fotográfica de cinema ; atividades literárias (publicação de contos, poemas, leituras, etc) (Máximo 60 h) (Máximo 20h)	Assinatura com carimbo da instituição e data, mais descrição e tema da ação de formação preenchidos corretamente no formulário.	
GRUPO 5 – ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL (MÁXIMO 120h)		
ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR



		ATIVIDADE
Representação em Centro Acadêmico		1 projeto semestral equivale a 30 h
ou Diretório Estudantil (Máximo 60 h)		
Representação de classe (Máximo 60h)		1 certificado equivale a 20 h
GRUPO 6 – ATIVIDADES DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL (MÁXIMO 120h)		
ATIVIDADE	COMPROVAÇÃO	CARGA HORÁRIA POR ATIVIDADE
Visita a acervo ou reserva técnica de museu (Até 20h)	- Relatório da visita, que deve incluir imagens da visita e/ou folder.	Carga horária especificada no documento certificador;
Visita a galeria de arte e/ou museu		caso não haja especificação

(Até 20h)		considera-se 2h por visita.
Visita a espaço cultural (Até 20h)		
Visita a ateliê de artista (exceto de aluno dos cursos do Centro de Artes) (Até 20h)		
Participação como voluntário em ações sociais e Campanhas Institucionais (Máximo 40 h)	Certificado ou documento comprobatório	1 certificado equivale a 5 h
Desempenho como intérprete de língua em eventos acadêmicos, científicos e/ou culturais (Máximo 40h)	Certificado ou documento comprobatório	- Até 2 horas de duração equivale a 4h - Até 5 horas de duração equivale a 10h - Acima de 5 horas de duração equivale a 15h

Cursos de língua estrangeira, cursos técnicos (Máximo 60 h)	Certificado ou documento comprobatório	Comprovar número de horas
--	---	----------------------------------

ANEXO II

FORMULÁRIO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Aluno: _____

Curso: _____ Ano/Série: _____

Grupo	Descrição das Atividades	Carga horária
1 – ATIVIDADES DE FORMAÇÃO (Máximo 120h)		
2 – ATIVIDADES DE EXTENSÃO (Máximo 120h)		



**3 – ATIVIDADES DE
PESQUISA
(Máximo 120 h)**

**4 – ATIVIDADES
ARTÍSTICAS
(Máximo 120 h)**

5 – REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL (Máximo 120 h)		
6 – ATIVIDADES DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL		
TOTAL		

ANEXO III
REQUERIMENTO PARA ANÁLISE E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES
COMPLEMENTARES

Eu, _____,
aluno(a) regularmente matriculado do Curso, matrícula _____,
da Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP, venho através deste requerer a análise e
avaliação das Atividades Complementares listadas no formulário das Atividades Complementares
(Anexo II), conforme estabelece a Grade Curricular do Curso e Resolução Nº 02/2015.

Em Anexo, fotocópias dos comprovantes.

Curitiba, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do requerente

Anexo IV**RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO E ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

Nome do aluno: _____

Curso: _____

Tipo de Atividade: _____

Data e hora de realização: _____

Carga horária total da atividade: _____

Local : _____

Site/link da atividade: _____

Relatório: (comentário resumido de 15 a 20 linhas, sobre os objetivos da ação e os resultados obtidos):

Data: _____ Assinatura do Aluno: _____

Anuência do Professor: (quando necessário)

Data: _____ Assinatura do Professor: _____

Validação como atividade complementar (espaço reservado para a CAAC/LAV)

Deferido () Indeferido ()

Data: _____ Assinatura: _____

Anexo V**CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**
ATIVIDADES COMPLEMENTARES**DECLARAÇÃO DE VERACIDADE DOS
DOCUMENTOS REGISTRO DIGITAL**

Eu, _____, com
RG-ÓRGÃO EXPEDIDOR – UF) _____, CPF Nº _____,
(ENDEREÇO RESIDENCIAL COMPLETO) _____,
TELEFONE _____, DECLARO, SOB AS PENAS DA LEI, que todos
os documentos apresentados digitalizados perante o curso de Licenciatura em Artes Visuais, para fins
de validação das Atividades Complementares, SÃO VERDADEIROS E CONFEREM COM OS
RESPECTIVOS ORIGINAIS.

Curitiba, _____ de _____ de _____.

NOME DO DECLARANTE E ASSINATURA

ANEXO IV

REGULAMENTO DAS AÇÕES CURRICULARES DE EXTENSÃO E CULTURA

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Entende-se por Ação Curricular de Extensão (ACE) o planejamento e a inclusão de atividades de extensão universitária no currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais, sob a forma de programas, projetos, cursos e eventos oferecidos à comunidade externa do *campus* de Curitiba I – EMBAP da Universidade Estadual do Paraná.

Art. 2º Este Regulamento tem por finalidade atender à Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior e regulamenta o disposto na Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, para o decênio 2014–2024, que assegura, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social.



Parágrafo Único. O Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná, *campus* Curitiba I - EMBAP, atende ao disposto na Resolução nº 038/2020 – CEPE/UNESPAR e na Resolução nº 011/2021 – CEPE/UNESPAR, que altera a redação do Art. 9º da Resolução nº 038/2020 – CEPE/UNESPAR, a qual dispõe sobre o Regulamento da Curricularização da Extensão na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

Art. 3º O objetivo da curricularização da extensão é inserir atividades no processo de formação dos estudantes que, através da interação com a comunidade externa, consolidem a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para uma formação adequada à

realidade brasileira e para a democratização do conhecimento acadêmico. Objetiva-se, assim, uma visão mais abrangente sobre a função social da formação acadêmica, estimulando a construção de sujeitos críticos e responsáveis por meio do diálogo e da reflexão sobre sua atuação na produção de conhecimento.

Art. 4º São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas ao *campus* de Curitiba I - EMBAP/UNESPAR e que estejam vinculadas à formação do bacharel em Artes Visuais, nos termos deste Regulamento, e conforme normas institucionais próprias.

Art. 4º São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externa (podendo também envolver a comunidade interna da UNESPAR) ao *Campus* de Curitiba I - EMBAP/UNESPAR e que estejam vinculadas à formação do Licenciado em Artes Visuais, nos termos deste Regulamento, e conforme normas institucionais próprias.

Art. 5º São parte do PPC do Curso de Licenciatura em Artes Visuais as Ações Curriculares de Extensão (ACE).



CAPÍTULO II

DA ESTRATÉGIA DE INSERÇÃO CURRICULAR

Art. 6º As atividades de extensão e cultura serão cumpridas conforme cada componente curricular determina, seguindo as orientações do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante – NDE da Licenciatura em Artes Visuais da UNESPAR, *campus* Curitiba I - EMBAP.

Art. 7º A carga horária das ACE, indicada neste Regulamento, deve ser computada no conjunto de componentes curriculares do curso e deverá perfazer no mínimo 10% (dez por cento) da carga horária total do curso.

CAPÍTULO III

DA EXTENSÃO COMO COMPONENTES CURRICULARES

Art. 8º. As modalidades determinadas pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESPAR, *campus* Curitiba I - EMBAP, estão descritas nos incisos do art. 7º da Resolução nº 038/2020 CEPE/UNESPAR, sendo que haverá vinculação nos componentes curriculares, conforme quadro no Artigo 13.

Art. 9º. A composição curricular com fins de Curricularização da Extensão e Cultura para o cumprimento dos incisos do **caput** do art. 7º da Resolução nº 038/2020 - CEPE/UNESPAR envolve as ações descritas no art. 8º deste Regulamento, sempre com atividades dos estudantes orientadas por professores e, de forma colaborativa se for o caso, por agentes universitários, direcionadas e aplicadas à comunidade externa, de acordo com o perfil profissional.

Art. 9º. A composição curricular com fins de Curricularização da Extensão e Cultura para o



cumprimento dos incisos do **caput** do art. 7º da Resolução nº 038/2020 - CEPE/UNESPAR envolve as ações descritas no art. 8º deste Regulamento, sempre com atividades dos estudantes orientadas por professores e, de forma colaborativa se for o caso, por agentes universitários, direcionadas e aplicadas à comunidade externa (podendo também envolver a comunidade interna da UNESPAR), de acordo com o perfil profissional.

Art. 10. O planejamento e as atribuições de acompanhamento das ACEs, assim como seu cumprimento e avaliação, serão de responsabilidade dos professores ministrantes das disciplinas.

§ 1º Os professores que desenvolvam atividades curriculares de extensão deverão registrá-las em seus planos de ensino, com indicação da carga horária.

§ 2º As ACEs devem propiciar a atuação dos estudantes como executores de atividades realizadas junto à comunidade externa.

§ 2º As ACEs devem propiciar a atuação dos estudantes como executores de atividades realizadas junto à comunidade externa (podendo também envolver a comunidade interna da UNESPAR).

CAPÍTULO IV

DA OPERACIONALIZAÇÃO DA CARGA HORÁRIA DE EXTENSÃO

Art. 11. A carga horária das atividades curriculares de extensão deverão ser cumpridas em diferentes modalidades, conforme indicado neste Regulamento.



Art. 12. A integralização das atividades curriculares de extensão será realizada de maneira individual e/ou coletiva pelos estudantes, tendo suas ações registradas pelos professores conforme orientações institucionais da UNESPAR.

Art. 13. A carga horária do componente curricular deverá ser integralizada no semestre de sua oferta, cumprindo-se a ementa prevista no PPC do curso de Licenciatura em Artes Visuais conforme o quadro abaixo:

COMPONENTE	INTEGRALIZAÇÃO	MODALIDADE	CARGA HORÁRIA
Atividades de extensão em disciplinas obrigatórias			
Parte da disciplina: Introdução ao Trabalho de Pesquisa	30 horas de estudo acerca de extensão na área de artes visuais	ACE I	30h
Parte da disciplina: Psicologia da Educação	15 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	15h
Parte da disciplina: Fundamentos da Linguagem Visual I	15 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina 3	ACE I	15h
Parte da disciplina: Fundamentos da Linguagem Visual II	15 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	15h

Totalidade da disciplina: Circuitos Artísticos I	25 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	25h
Totalidade da disciplina: Circuitos Artísticos II	25 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	25h
Parte da disciplina: Desenho Projetivo I	10 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	10h
Parte da disciplina: Desenho Projetivo II	10 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	10h
Parte da disciplina: Laboratório de Recursos Pedagógicos	25 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	25h
Parte do componente curricular Campo de estágio da 3ª série	25 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina que serão integralizados no campo de estágio	ACE I	25h
Parte do componente curricular Campo de estágio da 4ª série	40 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina que serão integralizados no campo de estágio	ACE I	40h
Parte da disciplina: Gravura I	15 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	15h
Parte da disciplina: Gravura II	15 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	15h

Parte da disciplina: Web Aprendizado	20 horas de desenvolvimento de projeto de extensão a partir dos conteúdos da disciplina	ACE I	20h
Total de horas de extensão em disciplinas obrigatórias			285 h
Atividades de extensão em disciplinas optativas, ações, cursos, eventos como integrantes da equipe executora			
Totalidade da atividade curricular: Seminário de apresentação de TCC	30h de desenvolvimento de projeto de extensão para difusão dos resultados do curso	ACE II	50h
Mínimo de horas de extensão em ações, cursos e eventos como integrantes da equipe executora			50h
Total			335 h

Art. 14. Os componentes poderão ter caráter disciplinar ou interdisciplinar, conforme o planejamento dos professores responsáveis pelas atividades, respeitando as diretrizes do PPC do Curso Licenciatura em Artes Visuais.

Art. 15. Todas as atividades direcionadas à execução de programas e projetos relacionados à Curricularização da Extensão deverão ser cadastradas na Divisão de Extensão e Cultura do *campus* de Curitiba I - EMBAP/UNESPAR.

CAPÍTULO V

DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 16. Caberá aos membros do Colegiado da Licenciatura em Artes Visuais escolher a Comissão de ACE, composta de até 3 membros do Colegiado, que contarão com carga horária especificada no Plano de Atividades Docentes. A Comissão de ACE terá as seguintes atribuições:

I - Fornecer as orientações necessárias para a realização das ações de extensão durante o curso;

II - Promover reuniões com os docentes responsáveis pelas ações de extensão, quando necessário;

III - Promover o cumprimento deste Regulamento e a efetiva integralização da carga horária de ACE.

IV - Analisar e validar as atividades extensionistas desenvolvidas pelos acadêmicos do curso, considerando a documentação comprobatória a partir das determinações do presente Regulamento.

Art. 17. Caberá aos docentes responsáveis pela execução das atividades de curricularização:

I - Propor, coordenar e executar as atividades;

II - Cadastrar os projetos de extensão na Divisão de Extensão e Cultura;

III - Acompanhar e avaliar o desenvolvimento dos estudantes durante a execução das atividades de curricularização da extensão;

IV – Entregar relatório final das atividades de acordo com o estabelecido no Regulamento e normativas da Extensão Universitária da UNESPAR.

Para as ACEs I e II, as atividades de extensão deverão estar previstas e descritas no Plano de Ensino da disciplina.



Art. 18. Caberá ao estudante:

- I – Verificar quais disciplinas desenvolverão as ACE como componente curricular, atentando para as atividades que estarão sob sua responsabilidade;
- II – Comparecer aos locais programados para realização das propostas extensionistas;
- III – Apresentar documentos, projetos, relatórios, quando solicitados pelos professores que orientam ACE;
- IV – Atentar para o cumprimento da carga horária de ACE desenvolvida nas modalidades de programas, projetos, cursos e eventos, disciplinadas no Projeto Pedagógico do Curso;
- V – Consultar a Comissão de ACE sobre as possibilidades de participação em projetos e ações extensionistas desenvolvidas no âmbito da UNESPAR, as quais podem ser contabilizadas;
- VI – Apresentar à Comissão de ACE os certificados e comprovantes das atividades realizadas a fim de que sejam computadas as horas em documento próprio para devido registro da Secretaria de Controle Acadêmico.

CAPÍTULO VI

DO PROCEDIMENTO DE VALIDAÇÃO DAS ACE

Art. 19. Para o aproveitamento e validação das atividades de ACE, considera-se necessário:

- I – Para as disciplinas que apresentarem carga-horária de ACE, o acadêmico deverá ter



aproveitamento em nota e frequência, caso o estudante não atinja o aproveitamento necessário, não será possível aproveitar a carga horária de extensão na disciplina.

II – Para as ações extensionistas realizadas no âmbito da UNESPAR, o acadêmico deverá apresentar o certificado de participação como integrante de equipe executora das atividades ou declaração do professor proponente da ação extensionista.

III – Para as ações extensionistas realizadas em outras instituições de Ensino Superior, o acadêmico deverá apresentar o certificado de participação como integrante de equipe executora das atividades.

Parágrafo único – O estudante é o responsável pelo gerenciamento das suas atividades correspondentes à ACE, as quais deverão ser cumpridas ao longo do curso de graduação e descritas em formulário específico entregue à Comissão de ACE para sua posterior

validação. Será de responsabilidade discente a contabilização das horas, o correto preenchimento do formulário e a organização em ordem cronológica dos documentos comprobatórios das atividades extensionistas realizadas, o material deverá ser entregue conforme indicação da Comissão de ACE.

Art. 20. A Comissão de ACE fará a verificação das horas de extensão realizadas pelo estudante, que serão validadas através da publicação de um edital no final do último ano do curso para envio à PROGRAD para comprovação da conclusão das ACE's e posterior arquivamento.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 21. As ACEs devem garantir que todos os estudantes atinjam a carga horária determinada, mesmo que a participação ocorra por grupos e em momentos diferentes para cada um ou para cada grupo.

Art. 22. As ACEs deverão ser avaliadas regularmente quanto a frequência e aproveitamento dos estudantes e quanto ao alcance e efetividade de seu planejamento, por meio de um

processo de autoavaliação.



Art. 24. Os casos omissos serão resolvidos pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, amparado pela legislação vigente.

Art. 25. Este regulamento entra em vigor na data 01 de janeiro de 2023.

Anexo V

Formulário das Ações Curriculares de Extensão e Cultura (ACE's)

Curso:

Estudante:

Ano/Série:

Modalidades de ACE's	Descrição das Atividades	Carga horária	Data (mês/ano)
ACE I Disciplinas obrigatórias e/ou optativas, com previsão de uma parte ou da totalidade			

de sua carga-horária destinada à participação dos discentes como integrantes da equipe executora de ações extensionistas cadastradas na UNESPAR.			
ACE II Participação de discentes como integrantes das equipes executoras de ações extensionistas não- vinculadas às disciplinas constantes nos PPC's dos cursos de Graduação e Pós-graduação da UNESPAR.			
ACE II Participação de discentes como integrantes da equipe organizadora e/ou ministrante de cursos e eventos vinculados a Programas e Projetos de Extensão da UNESPAR.			
ACE III Participação de discentes como integrantes das equipes executoras de atividades de extensão de outras instituições de ensino superior (Máximo 120 h)			
TOTAL de horas (mínimo de 10% da carga horária total do curso, conforme PPC)			

ANEXO VI**REQUERIMENTO PARA ANÁLISE E AVALIAÇÃO DAS AÇÕES CURRICULARES DE EXTENSÃO (ACE's)**

Eu, _____,
estudante regularmente matriculado do Curso Licenciatura em Artes Visuais, matrícula
_____, do *campus* de Curitiba I – EMBAP da Universidade Estadual do Paraná, venho
através deste requerer a análise e avaliação das Ações Curriculares de Extensão (ACE's) listadas no
Formulário das Ações Curriculares de Extensão (ACE's), conforme estabelece a Matriz Curricular do
Curso e Resolução N° 038/2020.

Em Anexo, fotocópias dos comprovantes.

Curitiba, _____ de _____ de 20____.

(Assinatura do requerente)

Nome do requerente
Estudante do Curso Licenciatura em Artes Visuais